

BOLETIN

DE LA

REAL SOCIEDAD GEOGRÁFICA

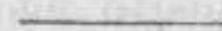
**O prestígio das descobertas realizadas pelas nações
hispanicas e especialmente dos portugueses em Ceilão.**

Conferencia del EXCMO. SR. CONDE DA COSTA LOBO
en Sesión pública del 30 de Enero de 1928.

Para atestar as nobres qualidades do povo espanhol a sua distincção, a sua coragem, o seu talento, a sua generosidade, características de uma civilisação das mais avançadas, patentea-nos a historia da Espanha um encadeamento de factos epicos, com uma acção decidida, valerosa e inteligente, n'este momento consagrada pela victoria marroquina.

N'um campo strictamente pessoal cabe-me a satisfação de poder apreciar-as pelo affecto que sempre aqui tenho encontrado, manifestado na benevola atenção com que repetidas veses tem sido escutadas as minhas palavras.

O assunto de que vou ocupar-me hoje será de indole bastante diversa da que tem orientado outras exposições que tenho versado em Espanha, como seja a concepção que propuz para a estrutura do universo fisico, ja esboçada em Granada em 1911, e successivamente desenvolvida em Valladolid, Sevilha, Bilbao, para enfim tomar una forma definitiva em Salamanca, onde pela primeira



vez tive ocasião de apresentar a doutrina condensada n'um principio simples e claro; e a correlação entre esta concepção e os fenomenos biologicos e sociais, em que se manifesta por forma impressionante a unidade na arietação dos fenomenos de ordem fisica, mesmo quando atingem as mais complexas formas, a qual tive a honra de expôr na Real Academia de Jurisprudencia debaixo da presidencia do insigne estadista que foi D. Antonio Maura, a cuja memoria tributo indelevel saudade e profundo respeito, lembrando sempre com admiração o sabio e integro estadista que, com as mais delicadas phrases encantava tanto pela belesa da forma como pelos seus profundos conceitos.

Trata-se agora de un assunto essencialmente historico que suponho a proposito na Real Sociedade Geografica, en cujo seio tive a honra de ser acolhido com testemunhos de carinho inolvidavel, que mais uma vez vieram demonstrar-me sentimentos que tenho no mais alto apreço e que mais me ligam á fidalga nação espanhola, que tem a fortuna de ter a sua frente Sua Magestade El-Rei Dom Afonso XIII, a quem tenho a honra de saudar com profundo respeito e gratidão, que condensa todas as nobres qualidades d'este admiravel povo, e se impõe pela intelligencia, zelo, energia e bondade com que exerce a sua augusta missão. Continua com euxcedivel brilho, a pleiade gloriosa dos Reis seus antepassados em que destaca a serie Afonsina, como já tive ocasião de observar e com praser rememoro, contando-se logo a seguir a Pelayo Afonso o Catolico, de 791 e 842. Afonso o Casto em 1012 Afonso III notavel pela protecção que dispensou ás letras e ás sciencias, Afonso IV e Afonso V que combateram gloriosamente; em 1064 governa Afonso VI pae de D. Theresa que, tendo desposado o Conde Henrique de Borgonha, lança a base do futuro reino de Portugal, de que seu filho D. Afonso Heriques foi já o primeiro Rei, que inaugurou tambem em Portugal uma serie Afonsina na qual floresceran figuras de grande relevo pelas suas

notaveis qualidades, e a quem Portugal deve constante culto, sobretudo para celebrar o heroismo com que instalou a nação portuguesa, que tem conseguido resistir incolume á devastadora acção do tempo e brilhado entre os paises aos quais a civilização mundial mais deve.

Dépois de Afonso VII governa em Castela em 1126 Afonso VIII, em conjunção com Afonso Henriques que em 1139, já vão decorridos quasi 8 seculos, instala difinitivamente o reino de Portugal, a mais antiga nação da Europa. Desde 1158 até 1214 governa Afonso IX, que destaca pelo impulso dado ás sciencias. Em 1252 brilha Afonso X o sabio, precursor de Carlos V com a sua pretensão ao imperio. Em 1340 alarga e firma o seu poder Afonso XI, que com o concurso de Afonso IV, o Bravo, de Portugal, derrota os mouros na celebre batalha do Salado.

Com D. Afonso XII resurge no firmamento da Espanha, a serie Afonsina de incomparavel brilho, que com sua M. El Rei D. Afonso XIII está adquirindo extraordinario prestigio, que dá neste momento á Espanha uma excepcional situação de autoridade entre as mais poderosas nações.

E para mim á especialmente grato observar como dia a dia se tornam mais estreitas e cordiais as relações entre as duas nações da península hispanica, as quais em estreita colaboração determinaram series de notaveis acontecimentos, como tenham sido as luctas contra os mouros e a propaganda da fe catolica, e deram testemunhos dos mais nobres sentimentos, que a historia regista nos rogos dirigidos a D. Sebastião, o desejado, figura aureolada de patriotismo, coragem e martirio, para que esperasse em Cadiz o resultado da empresa que resolvera emprender contra os mouros, e que, infelizmente, em Alcaçar Quibir ceifou a vida daquele intrepido Rei, genuino representante da generosa e ousada alma portuguesa, e da orientação que com tanto acerto tinha guiado os Reis seus antecessores quando resolveram dilatar o poder de Portugal, e consideraram Marrocos como chave

da defesa da península e do seu dominio em Africa.

Desculpe-se-me esta rapida digressão motivada pela admiração e respeito que professo por Sua M. El-Rei, e permita-se-me que ainda observe que a geografia e a historia são companheiras inseparaveis, uma com caracteristica estatica, e outra com caracteristica dinamica. A geografia sem a historia é corpo sem vida, a historia sem geografia é enigma indecifavel. Notando que a geografia tem adquirido tambem um caracter dinamico no ramo fisico, com a descoberta de constantes movimentos da crosta terrestre, os quais por veses atingem proporções perturbadoras. Tambem a dinamica da geografia politica tem adquirido asustadoras proporções com surpreendentes e enormes mutações das fronteiras nacionais.

Referindo-me á natureza do assunto escolhido, *o prestigio das descobertas realisadas pelas nações hispanicas, e especialmente dos portugueses em Ceilão*, uma explicação se impõe imediatamente.

E'indubitavel que um profundo fremito de renascimento agita as nações, e que a grande guerra deve ser especialmente considerada como o explosivo que poz em violenta agitação a alma dos povos, é certo com aspectos muito diversos, por veses tragicos.

Mas confiemos em que ao fim, e a Espanha constitue já un exemplo notavel, reviverão as qualidades eminentes da raça, por veses adormecidas, talvez como consecuencia de tambem para os organismos sociais ser indispensavel o repouso ao cabo de periodos de excepcional actividade. E devendo reconhecer-se que são as caracteristicas morais que mais contribuem para a abnegação, para o heroismo, para a gloria dos povos, é indispensavel que acima de tudo nos preocupemos com a elevação moral das sociedades, e para esse fim, dos variados recursos que podem ser aproveitados, um dos mais valiosos é, sem duvida, a evocação das acções gloriosas dos nossos antepassados. E' preciso rememorar os seus feitos, as suas virtudes, e até os desastres que tenham sofrido, e

que com sangue tenham cimentado os vinculos da raça, para impregnarmos a alma nacional das mais nobres qualidades.

N'este sentido tive ainda ha pouco a honra de fazer na Associação dos Antigos alumnos da Escola de Sciencias Morais e Politicas de París uma conferencia sobre o thema—*O culto da Nacionalidade, sob a egide christã, conduz a humanidade á perfeição e por tanto á felicidade.*

Mas se é certo que todas as civilisações europêas teem direito a serem orgulhosas do seu passado, é tambem incontestavel que as da Peninsula Espanica encontram nas acções heroicas dos seus antepassados justificação para pretenderem attingir no presente as mais eminentes posições, notando-se que esse direito lhes é sobretudo conferido pela indole da acção que desenvolveram, tendo sempre a guial-as o empenho de diffundirem a doutrina de Christo.

E que outro ideal, que outro objectivo poderia haver mais grandioso, e mais bello, encontrando-se condensada n'aquella divina doutrina tudo quanto pôde desejar-se para assegurar á humanidade a posse dos mais salutaes principios?

Por isso considero um dever glorificar n'esta illustrada assemblêa a epopêa gloriosa das descobertas realisadas pela Espanha e por Portugal, aproveitando especialmente a occasião para recordar algumas paginas maravilhosas da acção dos portuguezes em Ceilão, no curto espaço de cerca de 156 annos, principiando por lêr ja' um documento inedito no qual é descripto um dos muitos episodios epicos da nossa historia, encontrado ultimamente nos reservados da Bibliotheca Nacional de Lisboa pela douta investigadora Fraülein H. Fitzler, que vae incluil-o na sua importante publicação *O cerco de Galle, 1630-50*, e que tem por titulo: *Relaçam do felice successo com que a ilha de Ceilam se tornou a restaurar de 4 de janeiro de 1632 athe agosto do mesmo anno:*

«A dezasete de outubro de 1632 chegou a Columbo o

capitão mor dom Alvaro de Castro com sua Armada de Remo de des navios cubertos, e bem petrechados para as ocações de guerra, se as ouvesse no mar; no fim do mesmo chegou o Capitão Geral Dom Jorge de Almda. e os pataxos que ãe guoa leauão genta preta assi Cafres como canarins de guarniçaõ o restante de Outubro e Nouembro e Dezembro se agastou em limpar, a guarnecer armas em pagar aos soldados e preparar mantenimentos e en dar lugar que as aguas que da inuernada grande que auue umesideuam a terra se secassem, e finalmente em tomar espias, e noticia do inimigo.

»Alistou-se a gente, e portugueses soldados se acharão mil e duzentos com que entraua tres capitão mores D. Bras de Castro capitão mor da costa do Choromandel, D. Alvaro de Castro dos mares de Mallaca, e por nouo regimento que abrio no mar da armada de socorro a Ceilam como ja dice: e Andre Coelho da armada q̃ ficou do gouernador Nuno Alures Botelho, os cazados q̃ seruirão na jornada serião athe cento pouco mais ou menos. Os lasarins chingalas podião fazer o de mil e trezentos, do dos cafres e Canarins não se sabe á certeza por muitos serem mortos de doença: mas todos sempre deurão de paçar de seis centos, fazia officio de Capitão mor, que o tinha ja sido de alguas fustas em Malaca Miguel Ferrão de Castelbranco, deuicana (?) das Sete borlas D. Antonio Mascarenhas, de Mature Antonio da Mota, de sofragam Antonio Barbosa, e das quatro borlas Jorge Coelho.

»Com esta gente sahio a 4 de jan.º de 1632, o Capitão geral tomar a posse da Ilha, ou a conquistala da mão de quatro leuantadas e do principe e Rey de Candia, que com paçante de uinte mil chingalas alitados aretinhão afora outra muita gente q̃ sendo le necessaria podião alistar.

»Tranqueira g.de he hua fortaleza em que o Rajú antigamente fez seu asento para se defender, e nos molestar, elle a principiou en este aleuantamiento estaua quasi de todo acabada em quadro cõ quatro baluartes

grandes que iugauam duas peças de artilharia falcões mosquetos de pé com muito furia e em grande numero.

«Ai outro dia 6.^a fr.^a amanhecemos com Maluana. Maluana he hũ sitio que os geraes escolherão para delle governarẽ a ilha por estar quasi no coração das terras q̃ nos são sojeitas, consta de hũas fermozas arzeas que em largura em comprim.^{to} querẽ arremedar as campinas de Santarem, ou o campo de montemor o n., regadas do Calane, como aquellas no inuerno do tempo e do Mondego; bem q̃ com major frescura perq̃ sempre estão emramadas de verde com as arvores e matos que as coroam: naõ he muito defençavel ainda que no penedo em q̃ o geral Costantino dessa de Noronha fez as suas cazas se pode facer hũ forte que com hũa couraça de hũ tiro de mosquete que uenha beber no ria ficaua inespugnavel.

»Despejarão os leuantados a tranqueira grande, deixando nella tudo o que não puderão levar, em que entrãõ roscas de Columbo, azeitonas e uinho de portugal com que confirmarão as suspei tas que sempre se tiueram do trato q̃ tinham com alguns nossos. foisse logo tomar posse della com doze estancias de portuguezes athe meado fev.ro, não ouue mais accão de presto, q̃ de Chilão, em q̃ se cortarão cabeças a muito Marauas da outra costa que ali tinham commercio com elles, e se lhes tomarão cento e tantas champanas, entre pequenas e grandes com algũ fato. Neste tempo em que o nosso araiãl andaua de jornada de Columbo, se chegou o leuantado D. Theodosio tanta a Cid.^e lhe encostou em hua manhan no quarto dantalua sincoenta escadas ao muro, porẽm com tão pouco successo que lhe não seruiçio este de mais perder hũ moduliar, e alguns mais as mãos do Capitão da cidade Manoel de Freire d'Andrade, e do Capitão mor D. Bras de Castro, que se achaua em Columbo aprestando sua Armada para sair para a India. Dom Theodozio ficou prezo para se mandar a Goa e a Ilha de Ceilão mais sojeitada que nunca esteue».

Minhas Senhoras e meus Senhores!

E'bem conhecida do illustrado auditorio que se digna escutarme a historia da Peninsula, bastante accidentada como consecuencia da cubiça de que em todos os tempos foi objecto esta formosa região, situada n'um local privilegiado pelas variadas riquezas do seu solo e por um clima excepcional, sobretudo na sua extensa região maritima.

Sem ir mais longe sómente recordarei que assentaram aqui os seus arroiais durante largo tempo os inimigos irreductiveis que foram Roma e Cartago, atraídos pelo valor dos productos, e até pelo ouro que foi largamente explorado, tendo sempre os povos que já então constituian as raças da peninsula testemunhado em heroicas acções as suas qualidades nativas de intransigente independencia, superiormente afirmadas em Numancia e nos Herminios.

Subvertido o dominio romano pelas invasões de oriente europeu, coube ás novas hostes invasoras a direcção dos destinos dos povos hispanicos; periodo cortado no seculo 8.º pela invasão sarracena que, devido a circumstancias bem conhecidas, conseguiu implantar o dominio arabe, embora á custa da transigencia da sua intransigente fé mahometana, logo reduzido pela indomita luta que os companheiros de Pelajo, percursor dos Reis de Espanha e Portugal, opposeram á quella invasão.

Já fiz referencia a essa serie de homens que resgatando faltas dos seus antepassados, conseguiram libertar o solo da Peninsula da influencia musulmana, a qual triunfou por largo tempo noutras regiões da Europa, e ainda hoje conserva um ponto de apoio na Continente europeu. A luta foi renhida e os erros commetidos pelos ultimos Reis godos foram expiados por uma longa provação, que sómente terminou com a tomada de Granada pelos Reis Catholicos, em 1492, exactamente no mesmo anno em que Christovão Colombo abria novos e vastos horizontes ao dominio espanhol, 20 annos antes, é interessante observar-o, da epocha em que a Espanha adquiriu a sua cons-

tituição definitiva, a qual data de 25 de julho de 1512, dia em que o Reino da Navarra foi annexado á Corõa de Castella, embora ainda tenha havido posteriormente Reis titulares da Navarra.

No entanto um facto que pôde ser considerado providencial, ao qual já alludi, tinha occorrido na Península. D. Affonso VI, Rei de Leão, déra o Condado de Portugal em dote a sua filha D.^a Theresa por occasião do casamento com o Conde D. Henrique de Borgonha. Este acontecimento que n'outras circumstancias passaria sem consequencias de maior importancia, terá sido a causa da gloria que vio cobrir os dois povos da Península Hispanica.

Dispunha D.^a Theresa de superiores qualidades, e apesar da diversidade de criterios que terá havido na sua orientação, é indubitavel que muito contribuiu para a constituição do Reino de Portugal, que seu filho D. Affonso Henriques tornou em realidade nos principios do seculo XII. Nos meados do seculo XIII, cerca de dois seculos antes da epoca em que a Espanha desembaraçou a Península do dominio sarraceno, já o Reino de Portugal, com a tòmada de Silves, por D. Affonso III, estava definitivamente constituido na Europa, e os seus Reis podiam dedicar-se, como dedicaram, ao seu povoamento e desenvolvimento agricola e intellectuall, tornandose n'estes campos notavel a acção de D. Dinis, que installou o ensino superior e que, semeando as dunas da região de Leiria, creou uma importante riqueza florestal, ainda hoje um dos nossos maiores valores, e preparou os materiais que mais tarde deveriam alimentar largamente os estaleiros em que seriam construidas as Caravellas destinadas a espalhar por toda a Terra a fama do nome portugues.

Reis como D. Pedro I e D. Fernando estabeleceram com apreciado acerto a doutrina legal. Assim se tornou possivel a D. João I, codajuvado já pelos inclitos infantes, ainda no seculo XIV, cerca de um seculo antes de ter entrado a Espanha no dominio completo das regiões possuidas pelos chefes mouros na Andaluzia, lançar-se no vasto

e grandioso empreendimento do alargamento indefinido do dominio portuguez, começando pela memoravel tomada de Ceuta, que é glorioso seguimento das audaciosas conquistas de D. Affonso Henriques, e succederem-se longinguas e perigosas expedições maritimas, nas quais os portuguezes logo se afirmaram eximios, tanto pela audacia como pelos seus profundos contecimentos nauticos, em que já foi notavel D. João I.

Encontrava-se Portugal nos fins do seculo XIV completamente preparado para as descobertas—, pelo seu character, pelo su heroismo, pelo sua instrucção, e até pelo seu isolamento das perturbações e lutas que atormentavam póde dizer-se, todos os outros povos da Europa. E, em quanto que a Espanha se encontrava ainda a braços com a libertação do territorio da Peninsula, e instigada pelo seu espirito nobre e conquistador, sustentava a empreza do dominio da Europa, ambicionando e conseguindo uma excepcional situação de supremacia com Carlos V que, Rei de Espanha foi tambem Imperador, e teve os seus dominios espalhados por toda a Europa, sendo obrigado, como ja o tinham sido os Reis Catholicos, a lutar nos mais diversos locais, como a Flandres, a Italia, a França, e a governar distantes e dilatadas regiões, como o Reino de Napoles, Portugal tomou como supremo objectivo a descoberta e civilisação do mundo ignoto, envolvido em estranhas lendas, ou difficilmente abordavel, mas cheio de riquezas e curiosas civilisações, e realizou a epica empreza de dominar a região africana, e a indiana desde Ormuz até aos mares da Sonda, conseguindo um extraordinario prestigio, que ainda hoje se maniesta em todas essas regiões. Mais ainda, conseguiu tambem para o occidente recortar no inmenso continente americano a vastissima e rica região que dentro em pouco foi aproveitada por una intensa e intelligente administração, para a qual muito contribuiu a Companhia de Jesus, e constitui a admiravel e já poderosa nação que é hoje o Brazil.

Em 1492, com a descoberta das Antilhas por Colombo,

principia o cyclo glorioso da epopêa das descobertas realisadas pela Espanha, á qual coube a gloria de trazer para a civilisação mundial feracissimas e extensas regiões da America, algumas já possuidoras de notaveis civilisações, como aquellas que se encontravam no Peru e no Mexico, e onde, rapidamente, a energica acção dos Pizarros, Cortez e tantos outros sabios e valentes Capitães, firmaram o dominio espanhol, que perdurou até ás epochas, em que o natural progreso creou ali novos centros de civilisação, que actualmente já nos deslumbran, e estão destinados a exercer poderosa influencia mundial, como são a Argentina, o Chile, o Peru, o Mexico, Uruguay, Paraguay, e tantos outros, elevando-se a cerca de 20 os variados povos que á Espanha devem a sua existencia.

Antes de proseguir uma observação interessante ha registrar :

—E'a indole d'estas surprehendentes emprezas dos povos da Peninsula Hispanica. Haveria sem duvida o empenho de honrar as nações a que pertenciam de as immortalisar, de obter abundantes riquezas; porem, acima de tudo, dominava o empenho de divulgar por toda a Terra a doutrina christã, de fazer partilhar por todos os povos os beneficios da fé catholica.

A Cruz que guiou Affonso Henriques, era a insignia das caravellas que conduziam os audaciosos navegantes, e não passarei sem registrar que a realisação da viagem de Christovam Colombo resoltou sobretudo de um acto de piedosa fé da Rainha Isabel, a Catholica, que resolveu aceitar os oferecimentos de Colombo, a despeito do geral scepticismo, levada unicamente pelas razões de ordem religiosa que lhe foram suggeridas pela intenção de dilatar a fé catholica, e para esse fim não só deu o apoio da sua autoridade, mas chegou mesmo a despojar-se das suas joias.

E é opportuno meditar, se com outra forma politica, a que faltasse aquella autoridade, poderia ter conseguido a Espanha tão glorioso triumpho?

Tenho obrigação de ser breve e por isso pouco mais

direi sobre a acção portentosa que as duas nações da Península hispanica desenvolveram nos seculos XIV, XV, XVI e XVII.

Realisada a assombrosa jornada da descoberta das costas d'Africa, a que se juntava o conhecimento de varios archipelagos, que continuam attestando a iniciativa dos Portuguezes, em 1498 cabia a Vasco de Gama rematar a corõa de gloria de Portugal abordando as praias da India, onde era recebido com honras reais, e causava, pelo arrojo da empreza que comandava, fascinadora impressão sobre os principes indianos. Logo em 1500 Pedro Alvares Cabral, seguindo derrota anticipadamente premeditada, abordava as terras de Santa Cruz.

Ao alvorocer do seculo XVI Portugal encontrava-se senhor de vastissimas extensões de terra, e do comercio e navegação da maior parte do mundo. Lisboa era o emporio commercial onde a Europa vinha buscar as riquezas, em que o Oriente abundava, e que as naus portuguezas descarregavam nas margens do Tejo. Portugal, com pouco mais de um milhão de habitantes, era um assombro para o mundo civilizado, e o seu prestigio estendia-se atraves da Africa, da Asia, da America e da Oceania, fundando por toda a parte padrões, que ainda hoje persistem, civilizando estensas regiões, e creando amizades que perduram e atestam as admiraveis qualidades de que dispunha o povo que se empenhara em levar a cabo tão extraordinaria e util missão, composto por homens que dispunham de admiravais qualidades de talento, de energia, de coragem, e de capacidade, tanto scientifica como administrativa. E sómente lembrarei agora os Vasco da Gama, Affonso de Albuquerque, Francisco de Almeida, João de Castro.

Não se contentaram os portuguezes, no Oriente, com a dominio da India. Em 1507 toma Affonso de Albuquerque Ormuz, na entrada do Golfo Persico, e assim assesthou-se da navegação do mar das Indias. Mas já em 1505 o Vice-Rei Francisco de Almeida se estabelecera nos Rei-

nos de Guilõa, Cananor e Cochim, e seu filho Lourenso de Almeida, em 1506, installa-se nas Maldivas e em Ceilão.

Em 1511 Affonso de Albuquerque, novo Vice-Rei das Indias, toma Malaca e domina os reis do Extremo Oriente pela rapidez dos seus movimentos, que nos surpreendem, tendo installado a capital em Gõa, tomada ao famoso Hidalcão.

Mas ao mesmo tempo continuavam os portuguezes com valentia e exito as campanhas de Marrocos, santificadas com o sacrificio do Infante Santo, em que se patentia o patriotismo e abnegação dos Reis de Portugal, que não hesitam em sacrificar, a seu pedido, um irmão querido á causa da Patria. Observarei, ainda, que na mesma epoca, em 1513, cruentos combates são feridos em Marrocos. O rei de Marrocos avança sobre Safim; os portuguezes acodem e são obrigados a bater-se contra forças consideravelmente superiores. Comtudo triumpham. O general portuguez lança por terra o commandante marroquino; os mouros são completamente desbaratados e acecitam as condições impostas pelo vencedor. Ao mesmo tempo Nuno de Athayde consegue igual victoria contra outro chefe mouro, e ainda no mesmo anno foi enviada a Marrocos uma forte armada com 16.000 homens de infantaria e dois mil cavallos, debaixo do commando do Duque de Bragança. O desembarque teve logar em Mazagão e novos triumphos corôam a audacia e abnegação dos portuguezes, que tambem por esse tempo dominam na Abyssinia, onde majestosos monumentos attestam a nossa influencia, e d'onde a Rainha Helena envia uma embaixada a Portugal, a qual vem oferecer um pedaço da verdadeira cruz!

Mesmo com uma enunciação sumaria, de muito tempo se precisaria para rememorar os feitos epicos commetidos n'essas epocas pelas duas nações da Peninsula Hispanica, parte dos quais, para Portugal, vão ficar registados na obra que por proposta minha vae ser publicada pelo Instituto de Coimbra com a designação — *Monumentos construidos pelos portuguezes em regiões que não per-*

tencem actualmente a Portugal, e por isso, em harmonia com o thema escolhido, limitar-me-hei a especiais referencias ao nosso dominio no *paraiso* de Ceilão, assumpto que está sendo proficientemente tratado pelo douto Dr. Pieris, magistrado superior em Ceilão, que com a collaboração de Fraülein H. Fitzler, estão trazendo ao conhecimento do mundo intellectual factos preciosos relativos ao dominio que os portuguezes ali execeram, até agora esquecidos nos preciosos archivos da Torre do Tombo, das Bibliothecas Nacional e de Ajuda.

Aproveito o enseo para saudar estes intelligentes e incansaveis investigadores, e testemunhar-lhes a minha gratidão pelas provas de affecto que me têm patentado, entregando ao Instituto de Coimbra a publicação dos seus notaveis trabalhos, com a particular deferencia de me dedicarem o primeiro volume da sua preciosa obra.

Póde bem dizer-se que Ceilão, notavel jazigo de perolas e pedras preciosas do Oriente, é por si só a mais valiosa joia, a mais bella perola d'esse oriente de lenda e magia. «Foi em novembro de 1505 que D. Lourenso de Almeida, filho do primero Vice-Rei, abordou Ceilão de que a belleza é sinthetisada pelo Capitão João Ribeiro quando diz:—que se sobre a Terra existisse o paraiso era ali que se encontrava».

O Dr. Pieris, que é exemplo vivo do immenso affecto que ainda hoje os cingaleses consagram a Portugal, diz-nos que os portuguezes foram bem vindos, um padrão foi levantado em sua memoria á entrada do porto de Colombo, a ali se conserva. Foram importantes as obras de defeza logo executadas e em breve, acrescenta, os portuguezes impuzeram a sua vontade nos negocios de Ceilão, que possuia uma avançada civilisação e era, a bem dizer, a Meca do Budhismo, que ali imperava ha mais de dois mil annos, facto que teve poderosa influencia no seguimento dos acontecimentos, e motivou pelo conflicto sobrevindo entre o empenho dos portuguezes em dilatarem a fé catholica, e a resistencia indefinida opposta por uma

população boa mas que conservava como guarda sagrada a fé budhista, uma desastrosa irreductibilidade.

Como demonstração do prestigio ali rapidamente alcançado pelos portuguezes, como de resto em todo o Oriente, conta-nos a'inda o Dr. Pieris:—«Poucas coisas poderá haver que com mais clareza demonstrassem aos subditos de D. João III a grandeza da tarefa que a sua raça tinha levado a cabo como o que se passou em Lisboa n'um dia do mes de agosto de 1541.

«Havia uma grande procissão: um coche real era seguido de altos dignatarios. Este coche conduzia uma esbelta figura, de tez pardacenta, ataviada com uma cabaia carmezim e empunhando reverentemente nos mãos elevados um pequeno objecto: era o ministro bramane, enviado do rei de Ceilão, que trazia uma effigie de marfim e ouro do pequenino princepe que o Rei escolhera para seu herdeiro, e desejava que fosse coroado pelas mãos do grande potentado europeu; o muito alto e muito excelente e sobretudo poderoso D. João Rei de Portugal, meu Senhor, conforme a formula pela qual se lhe dirigia».

Em 1580 o Rei de Ceilão legou por sua morte todos os seus direitos ao Rei de Portugal, e por esse motivo Felipe I de Portugal, em 1597, cingindo en-tão as corôas de Espanha e de Portugal, foi proclamado Rei de Ceilão. Mas o empenho a que já me referi da propaganda da fé catholica, n'huma região extraordinariamente avançada, em que o budhismo tinha profundas raizes, e criado uma admiravel civilisação, não podia deixar de conduzir a uma desastrosa luta que os portuguezes sustentaran com gloria mas que fatalmente deveria terminar pelo abandono da Ilha.

O cerco de Colombo, apezar da capitulação, é uma das mais brilhantes paginas da epopêa portugueza, e attesta as admiraveis qualidades de uma raça que tem o direito e a obrigação de reviver para novos e nobres commetimentos.

A coragem desenvolvida pelos portuguezes faz lem-

bar os mais notaveis episodios da luta contra os mouros. Mas um dia a rendição tornou-se imperiosa, e então pôde verificar-se o facto inconcebível, de que a luta estava sendo sustentada por una guarnição de 73 homens, que de homens sómente conservavam o esqueleto!

E' nas virtudes que nos offecerem esses factos immorredouros, que devemos retemperar o nosso character para readquirir as qualidades imperesciveis da raça, e assim, em ligação com a nobre nação espanhola, affirmar ao Mundo a grandeza das nações hispanicas.

O dominio de Portugal terminou de facto em 1658, porem o predomínio do seu prestigio conserva-se, e o affecto dos cingaleses, attestado por innumerous factos, acendra-se. Os nomes mais usados são nomes portuguezes, os apellidos são ainda os que foram adoptados ha 400 annos—Peres, Silvas, etc.

Tambem os termos portuguezes occupam importante logar na linguagem cingaleza, tendo mesmo sido usada a lingua portugueza pelas pessoas de distincção, que conservam o uso das dignidades das familias portuguezas com que se aliaram as familias nobres de Ceilão.

Terminarei esta rapida exposição com as seguintes palavras do Dr. Pieris que, manifestando o seu orgulho, são motivo de justificado orgulho para Portugal:

«Orgulho-me de citar que ainda haja hoje em Lisboa uma egreja construida por um principe Cingales, que foi grande de Espanha, e teve o privilegio de se conservar de cabeça coberta na presença do Rei; mas tenho maior orgulho ainda em poder affirmar que um outro principe de Ceilão frequentou em 1608 a veneravel Universidade de Coimbra de tão celebre nomeada».

NOMENCLÁTOR

DE DENOMINACIONES GEOGRÁFICAS VASCAS DE LA RIOJA

POR

Guillermo Rittwagen ⁽¹⁾

De tiempo atrás vienen señalándose por los autores la extensión de los términos vascos en la toponimia de las regiones vecinas á las Provincias Vascongadas, como si la interrupción no fuese brusca y radical, sino gradual, extinguiéndose á medida que la distancia aumenta, por lo que pudiera aplicarse un principio geográfico análogo por su funcionamiento al de la gravitación universal.

Madoz, en la página 856 del tomo XIII de su tan conocido y siempre estimable *Diccionario geográfico-estadístico de España*, á pesar de datar su publicación del año 1840, al ocuparse de Santurdejo, dice textualmente que: «Según los vestigios que se conservan, es de presumir que en esta jurisdicción han existido antiguamente algunos caseríos y ferrerías, pues se vén grandísimas porciones de escorias, y los nombres de muchos sitios y montes son vascongados».

En 1915 publicó la revista *Euskal-Esnalea*, de San Se-

(1) Este es el trabajo á que hice referencia en mis «Estudios sobre La Rioja» (tomo LXII del BOLETÍN, 1920) y que por causas ajenas á mi voluntad no ha podido publicarse antes de ahora.

bastían, como consecuencia de un concurso de nombres toponímicos, un trabajo de Vicente de Vidania titulado «De toponimia vasca. El euskera en Burgos», en que recogía 190 voces de la provincia de Burgos, partido judicial de Belorado, términos municipales de Santa Cruz del Valle, Valmala y Garganchón.

Un territorio burgalés, el condado de Treviño, está materialmente envuelto por el territorio de la provincia de Alava, hasta el punto de que aunque jurisdiccionalmente sea un islote castellano en plena tierra vasca, geográficamente y toponímicamente es una región euskera más.

El mismo año de 1915 se publicó por la Sociedad de Estudios Vascos de Bilbao un folleto titulado: «Indicaciones elementales sobre la formación y los usuales componentes de las voces toponímicas vascas».

En las páginas 8, 9, 12 y 20 van tres notas relacionadas con la Rioja, y de las que es probable autor el Padre Manuel de Ariandiaga, uno de los cinco señores que componían la Comisión de Estudios vascos, iniciadora de la obra de la toponimia. Dicho padre era gran autoridad en euskeralogía, sobre todo en lo que concierne á la riojana, por haber residido en la Rioja, en el convento de la Orden de Misioneros del Corazón de María, de Santo Domingo de la Calzada.

El diario nacionalista bilbaíno *Euzkadi* publicó el mes de Julio de 1919 una copiosa lista de toponimia euskérica de la provincia de Logroño.

En *La Voz de Castilla*, de Burgos, y firmado por Castriello, se publicó un artículo referente a la patronimia y toponimia vascas del alto Arlanzón, del cual da una referencia *Euzkadi* en su número del 2 de Enero de 1920.

El Sr. Plaza y Salazar, en una interesante y curiosa obra titulada «Etimologías vascas del castellano», publicada en Bilbao en 1909, da también gran importancia al tema que nos ocupa, aunque se eche de ver que muchas de sus etimologías son fantásticas.

Los Sres. Bustamante, Baraibar y sobre todo el culto

Dr. D. Odón de Apraiz, han publicado en la revista *Ateneo de Vitoria* muchos trabajos sobre toponimia riojana del Norte del Ebro.

El Dr. Apraiz publicó además en el *Boletín de la Sociedad de Estudios vascos*, del 4.º trimestre de 1919, un artículo haciendo referencia á todo lo conocido en materia de toponimia vasco-riojana, haciendo benévola mención de los trabajos publicados por mí en el importante órgano *La Rioja* de Logroño en los días 17, 18, 19 y 21 de Diciembre de 1919, que constituyen el núcleo de este Nomenclátor.

Pero en él sólo aportaba denominaciones de pueblos, mientras que ahora lo presento lo más completo posible, recogiendo no solo todos los trabajos anteriores que en aquellas fechas no había podido consultar, sino añadiendo los de accidentes geográficos y, sobre todo, de localidades históricas ya desaparecidas, de las que Govantes y Hergueta, en su Diccionario tan estimado y en su Monografía sobre Haro, respectivamente, traen.

A todo ello añadimos algunas apreciaciones por nuestra cuenta, por lo que sin el menor estímulo de inmodestia podemos aseverar que presentamos el más completo y acabado trabajo sobre toponimia vasco-riojana.

Abalos.—Ayuntamiento del partido de Haro.

Abalcisqueta, en Guipúzcoa.

Albelda.—Todos los autores que se ocupan de esta localidad, famosa por su cronicón, el primero de nuestra Historia, siguiendo una corriente general, derivan su nombre de la etimología árabe *al-baida*, que se traduce por *la blanca*, estando por demás justificado, á causa de la naturaleza yesosa del terreno sobre el que se asienta.

Y para afirmar su origen árabe, se atribuye su fundación á un régulo mahometano de Calahorra llamado Muza.

Aunque yo mismo he hecho mención de esta explicación como muy verosímil al ocuparme de *Las etimologías árabes*, creo este lugar adecuado para decir algo más so-

bre el nombre, que tal vez pudiera tener también un tronque vasco.

En efecto; filológicamente es un absurdo fonético la permuta de una vocal como la *i* de Al-baida por la *l* de Albelda, caso que sería excepcional, pues las substituciones fonéticas siempre se verifican entre consonantes de un mismo grupo: labiales, dentales, etc., y siempre suelen reconocer una justificación basada en el principio del menor esfuerzo. Los pueblos, á medida que se alejan del estado primitivo, caracterizado por el predominio de la fuerza, de la violencia que se refleja en el lenguaje, dulcifican paulatinamente su habla á compás de su condición.

Cierto que existe un término medio entre el primer Albaida que se pretende y el actual Albelda, pues efectivamente, el famoso códice vigiliano se denomina también que *albaliense*, *albaildense*, en cuya segunda acepción coexisten la *i* y la *l* de aquellos dos nombres.

Y por ende, en otras regiones de España hay localidades con ambas denominaciones, como para hacer patente la diversidad de sus etimologías respectivas. En la provincia de Huesca hay un pueblo llamado Albelda, y en las de Valencia y Sevilla dos denominados Albaida, diferenciándose el andaluz con el apelativo de Aljarafe.

Ahora bien; no lejos de Albelda de Iregua, que es el nombre geográfico verdadero de la localidad riojana que nos ocupa, existe un término que lo recuerda en el término municipal de Labastida de la Rioja alavesa, Abalde, cuya relación fonética con Albelda es más lógica que con *albaida*; por más, repito, esté por otro concepto, por el de la blancura, más justificada la etimología árabe.

Según el diligente investigador Sr. Abalos Bustamante, en la culta revista *Ateneo de Vitoria* (4.^a época, año VI, Agosto, 1918, núm. 59, pág. 6), interpreta Abelda por Ab(e)-Alde = *junto al árbol*, interpretación que aunque peca de demasiado genérica no es un despropósito, como apunta, á su parecer.

Expuestos menudamente todos los antecedentes de Albelda, quédese el lector con la interpretación que más lógica se le antoje.

En Tamarite de Litera existe un castillo llamado también de Albelda.

Alberite.—Ayuntamiento del partido de Logroño.

Aunque la existencia de la partícula *Al* parece hacer presumir un origen árabe, como así lo hacemos constar en su lugar correspondiente, el Sr. Plaza y Salazar dice que significa literalmente *Alb-erri-ete*, convertido en *Alb-eri-te* por contracción de alguna de sus letras.

Según esa explicación se traduciría en vasco «sitio de tierra blanca», lo mismo que el inmediato pueblo de Albelda en árabe, á causa del color blanquecino que imprime el abundante yeso a las tierras circundantes.

Albiz es en vascuence sinónimo de *blancura*, de donde se derivó el *albus* latino, cuyo origen reconoce, en concepto de la Real Academia de la Lengua, nuestra *albura*.

Pero teniendo en un idioma español, como es el vasco, el origen de tantas palabras castellanas, resulta un contrasentido el recurrir á la oficiosidad del latín, que tomó del vasco lo que los habitantes de España tomaron de primera boca, de la de los aborígenes ibéricos.

Las etimologías vascas del castellano es tema casi desconocido por la docta Academia, cuando ya en 1745 el P. Larramendi, precursor de los estudios filológicos vascos y autor de un *Diccionario trilingüe del castellano, vascuence y latín*, decía que de los 13.365 vocablos radicales castellanos se puede determinar la procedencia vasca indisputable de 1.951, no superándole sino el latín con 5.385. Los demás reconocían un origen griego, árabe, hebreo (fenicio, mejor dicho) y desconocido.

Es decir, que el vasco ocupa el segundo lugar después del latín en la etimología castellana.

Roque Barcia no concedía tampoco mayor importancia á la influencia vasca en el castellano.

Almendara.—Lugar agregado al término de Haro.

Aunque el prefijo indica un nombre árabe, la segunda parte se relaciona con la toponimia vasca.

Mendaro en Guipúzcoa; Mendarózqueta en Alava; Mendata y Mendeja en Vizcaya; Méndavia y Mendaza en Navarra.

El primer término Mend, debe ser una contracción de Mendi, monte.

Altuzarra.—Aldea del término de Ezcaray, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Altubre y Alturriaga, en Alava.

En el término de la Rioja alavesa, de Labastida, existe una cañada poblada de vides llamada Atuzarra, que el Sr. Abalos Bustamante en su Toponimia bastidense (*Ateneo de Vitoria*, 4.^a época, año VI, Agosto, 1918, núm. 59, página 7) interpreta por pueblo viejo, sin atinar con la razón, pues ni aun pensando en fáciles alteraciones fonéticas como Adu-zarra = fortuna vieja, ni en otras más violentas, halla un dato semántico que satisfaga.

El Sr. D. Odón de Apraiz, en una breve pero erudita *Addenda* al estudio citado, inserto á su continuación en las páginas 14-5 del número 60 de la misma revista, establece muy lógicamente la relación fonética entre el Altuzarra riojano que nos ocupa con el Atuzarra bastidense, é interpreta el primer elemento *Altu* como equivalente de altura y el segundo, *zarra*, como el Sr. Abalos Bustamante propone.

Aunque nos parece más sensata la interpretación propuesta por el Sr. Apraiz, se nos ocurre pensar que tal vez *Altu* y más precisamente *Atu*, sean derivaciones de *Ate*, puerta, aplicada á desfiladeros y pasos montañosos, más justificado en toponomástica que no las demás traducciones señaladas.

Pero termino mi digresión repitiendo lo que los musulmanes dicen para estos casos dubitativos: «Solo Dios es omnisciente».

Amunartia.—Aldea del término de Ojacastro, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Amunazrrizqueta en Navarra; Amundarain-Cearra en Guipúzcoa, y Amurrio en Alava.

Anguciana.—Ayuntamiento del partido de Haro.

Angoza en Vizcaya, y Anguiozar en Guipúzcoa.

Antoñanzas.—Aldea del término de Munilla, del partido de Arnedo.

Antoñana en Alava; Antuñano en Burgos; Armañanzas en Navarra.

Añamaza.—Lugar del partido de Cervera.

Añe y Añua en Alava; Añescar y Añorbe en Navarra.

Arazasia.—Monte del término de Ezcaray, del partido de Santo Domingo.

Araz en Guipúzcoa, y Arazuri en Navarra.

Arce-Foncea.—Antigua aldea del término de Foncea, del partido de Haro.

Arce (dos) en Navarra y uno en Burgos y Santander.

Arcental en Vizcaya; Arceniaga en Guipúzcoa.

Haremos notar la existencia de la región griega de Focea, recordada por el nombre del término riojano á que pertenece la localidad que nos ocupa.

Es presumible que dejaran el nombre los colonizadores griegos del valle del Ebro, donde penetraron hondamente.

Su presencia antigua en la Rioja permitiría inferir la etimología griega de Haro, deducida de Faro, como supone el P. Risco. Pero no así la de Alfaro, por estar antepuesto, como innegable vestigio de su origen, el indispensable artículo árabe *Al*.

Arcea es, según Jungfer, nombre personal ibero como sus semejantes Arcius, Arciana, constando así en las inscripciones romanas registradas por Hübner en su monumental obra *Corpus Inscriptionum Latinarum* (Números 2.680, 5.556, 5.799 y 11. 289).

A ellos corresponden en documentos de la Edad Media, igualmente registrados por el mismo coleccionador en sus *Ins. Hisp. Crist.* 469, Harce, Arceiz, Garsea y Garsie, de los que procede el moderno García.

Arenzana de Abajo.—Ayuntamiento del partido de Nájera.

El Arenzana de Arriba es una aldea del mismo partido, adscrito al término de Tricio.

Aranzabe y Aranzazu en Guipúzcoa; Aranarache, Aranz, Arandigoyen, Arangozqui, Aranguren y Arano en Navarra; Aranguiz en Alava, y Aranzazu, Arana, Arandino y Aranguren en Vizcaya.

Arinda.—Localidad citada en la relación de los pueblos de Haro, contenida en el documento de donación á San Millán de 7 de Enero de 1075.

CFR. Becerro de San Millán, 56-57.—Códice del padre Minguella, núm. 243.—Hergueta, *Haro*, 138.

Arisabel.—Pago del término de Briones.

Ariscuren, Aristregui y Aristu, en Navarra.

Arizta (Nuestra Señora de).—Ermita del término de San Asensio.

Arizta ó Ariceta significa *encina* en vasco.

Arizala, Arizaleta, Arizcun, Ariztegui de Garzaín y Arigu, en Navarra; Ariz, en Vizcaya, y Arizaundieta en Guipúzcoa.

Arranomendi=«Monte de águilas».

Denominación citada por Hergueta, *Haro*, 100.

Arrancudiaga, Arrandi y Arrenturriaga, en Vizcaya.

Arrauri.—Concejo antiguo del término de Haro. Significa «pueblo de gusanos». (Barrón, 30).

Arhahuri y con el nombre anterior en la donación de Muño Núñez á San Millán en 1104.

Actualmente existen:

Arraibi, Arraicos y Arraño, en Vizcaya.

Arraiz, Arraiza, Arraras, Arre y Arreguia, en Navarra.

Arrastaria, Arrechondo y Arreo, en Alava; Arreba, en Burgos.

Arraya de Oca.—Ayuntamiento del partido de Belorado, provincia de Burgos, en la Rioja castellana.

El mismo nombre y Arrazúa, en Alava; Arrazoz, en Navarra; Arrazúa y Arrázola, en Vizcaya.

Arrubal.—Aldea del término de Ojacastro, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Arruazo y Arruiz, en Navarra; Arrueta, Arrupain y Arrugaeta, en Vizcaya.

Arrutia ó Arrupia.—Cuadrilla constituída por cuatro aldeas del Ayuntamiento de Ojacastro; Tondeluna, Arbiza, Amunartia y Zabarrula (*Euzkadi*).

Arviza.—Aldea del término de Ojacastro, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Arbizu, Arbeiza, Orbaiz y Orbaiceta, en Navarra; Orbiso, en Alava.

Atamauri.—Aledaño de Haro.

Ategorrieta (puertas coloradas) y Ataún, en Guipúzcoa; Atiega y Atauri, en Alava; Atamaría, en Murcia; Atela, en Vizcaya, y Atez, Atondo y Atallo, en Navarra.

Barrón (30) escribe también Atomauri ó Atanauri.

Ate es puerta en vascuence. Sin embargo, se traduce Atamauri por «pueblos de cepas ó viñas».

Se le llama Hatumauhuri en la relación de pueblos de Haro, enumerados en el documento de donación á San Millán de 7 de Enero de 1075.

CFR. Becerro de S. Millán, 56-7.—Códice del P. Minguella, núm. 243.—Hergueta, *Haro*, 138.

Atayo.—Aldea que existió entre Alberite y Lardero, hoy destruída.

Esta localidad parece que tiene una prosapia muy antigua y fué nombre propio en la forma de Ateyo.

Hübner (497 ó 51 k.) registra una inscripción en una vasija saguntina análoga á la descubierta por el P. Naval sobre las ruinas de Libia, en la Rioja, y de la que da cuenta el P. Fita en el *Bol. R. A. H.*, LII, 525.

En la última forma, más que en Atayo, puede descubrirse el prefijo vasco *Ate*, puerta.

Ayabarrena.—Aldea del término de Ezcaray, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Aya y Ayete, en Guipúzcoa; Ayarza y Ayazaza, en

Vizcaya; Ayala, en Alava; Ayanz, Ayechu, Ayegui, Aynas y Ayera, en Navarra.

Barrena significa «ir adentro», como en castellano «barrenar», que se deriva de aquella voz vasca.

Ayagote.—Localidad que perteneció al término de Haro. (Hergueta, 101).

Azarrulla.—Aldea del término de Ezcaray, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Azáceta, en Alava; Azagra y Azanza, en Navarra.

Azcorria.—Localidad que perteneció al término de Haro. (Hergueta, 101).

Azcárate y Azcona, en Navarra; Azcaratenea y Azcoitia, en Guipúzcoa; Azcaray, en Vizcaya.

Badarán.—Ayuntamiento del partido de Nájera.

Bedarona, en Vizcaya; Bedayo y Bedona, en Guipúzcoa.

Bedarán es «yerba», por lo que eso viene á significar el nombre de la localidad riojana.

El nombre de la población vizcaína se puede traducir por lo tanto por «yerba buena», sinónimo quizá de «prado».

Nótese la semejanza con Valdarán con que los naturales designan el Valle de Arán, en los Pirineos de la provincia de Lérida.

Bascuñana.—Ayuntamiento del partido de Belorado, en la provincia de Burgos, de la Rioja castellana.

El mismo nombre revela por su significación su origen netamente vasco.

Baya.—Monte del término de Ezcaray, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Bea.—Literalmente significa en vasco, *bajo*.

Bearen, Bearzun y Beasoain, en Navarra; Beasaín, en Guipúzcoa.

Bergasa y Bergasillas Bajera y Somera ó Alta.—Ayuntamientos y aldea del partido de Arnedo.

Berganza y Berganzo, en Alava.

Blascuri ó Velascur.—Aledaño de Herramélluri, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Hoy se llama Velasco.

El primer nombre consta en una escritura de 1185, en la que un vecino llamado Lope Galíndez vendió al Arcediano de la iglesia de Santo Domingo una casa que tenía en Villaporquera, que advierte el Dr. Tejada era el actual pueblo de San Torcuato.

La segunda denominación en una donación hecha el 15 de Octubre de 1194 por Rodrigo de Morales á la iglesia de Santa María de Bugedo, en la que uno de los testigos era de Velascur.

Ahora bien; la identidad de ambos nombres con el actual Velasco, es fácil de establecer.

El nombre personal Velasco parece formado por *bele*, «cuervo».

En un documento del año 1167, citado por A. Luchaire en la *Rev. de Linguistique* en 1881, 161, se escribe Belatce; Blasco y Vasco son contracciones por pérdida de la líquida.

Peroblasco en la misma provincia; Velasco, en Alava, Guipúzcoa y Soria; Velategui, en Guipúzcoa (en vascuence = habitación de Velasco); Villavelasco, en Lérida; Velascálvaro, en Valladolid; Blasco, en Huesca; Blascosmillán, Blascosancho y Blascomoro y Mingoblasco, en Avila; Torreblasco Pedro, en Jaén.

Bonicaparra.—Aldea del término de Ezcaray, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Brieva.—Ayuntamiento del partido de Nájera.

Cítalo como vasco el Sr. Plaza y Salazar en sus *Eti-mologías vascas del castellano*.

Briones.—Ayuntamiento del partido de Haro.

Cítalo también como vasco el autor antes mencionado.

Briones parece ser el nombre sincopado de la denominación antigua de los riojanos: berones.

Bucesta.—Aldea del término de Jubera, del partido de Logroño.

Buzarra.—Aldea del término de Robres, del partido de Arnedo.

Es el mismo nombre vasco que ostentan las Alpujarras,

cuyo nombre aparece influído por el artículo árabe *Al*.

Cahia.—Localidad que perteneció al término de Haro. (Hergueta, 101).

Cahieces, en Vizcaya, y Cahia, en Burgos.

Calahorra.—El nombre antiguo de esta importante localidad era *Calagurris*, de indisputable estirpe vasca.

Caparrito.—Localidad que perteneció al término de Haro. (Hergueta, 101).

Caparroso, en Navarra.

Carra-Zarratón.—Localidad que perteneció al término de Haro. (Hergueta, 101).

Carral, en Vizcaya.

Carracuchato.—Localidad que perteneció al término de Haro. (Hergueta, 101).

Carranzo ó Garranzo.—Aldea del término de Poyales, del partido de Arnedo.

Carranza, en Vizcaya.

Cellorigo.—Ayuntamiento del partido de Haro.

El *ori* medial pudiera ser un vestigio de *uri*.

Cerratón de Juarros.—Ayuntamiento del partido de Belorado, en la provincia de Burgos, de la Rioja castellana.

Este nombre es análogo al Zarratón de la provincia de Logroño. Govantes escríbelo también Cerratón.

Cihuri.—Ayuntamiento del partido de Haro.

Antes se llamó Zifiuri, como consta en la donación que hizo el año 947 el Conde Fernán González del Monasterio de San Juan Bautista de dicha localidad al de San Millán.

En la relación de pueblos de Haro enumerados en el documento de donación de 7 de Enero de 1075 á San Millán, se dice Zufihuri.

En la donación del Infante Paduleja al mismo Monasterio en 1095 se mencionan tierras de Zofiuri.

Con el nombre de Zophiuri se le cita en la carta de composición y avenencia del Obispo de Calahorra con el Abad de San Millán el 27 de Septiembre de 1163.

En la donación de los Reyes D. Sancho y Doña Placencia de una granja de Urturi, un lugar de Zagazañar

que ahora llaman Zaharra y es un término cerca de Ciguri (Sandoval).

Así se le dice también en el año 1077, en que el Abad de San Millán, Blas, se queja á Alfonso VI de Gonzalo y Pelayo Sarracinez, vecinos de Ciguri, porque se negaban á servir en las labores como los demás colonos.

Llorente, en el núm. 96 de sus Apéndices, publica la donación que en 1101 hacía de su herencia en Sotihori juxta Angustiana para el Monasterio de Nájera, Tota Lopizy, su hija María.

También se dijo Socihuri y Soturi, á través todas las variantes se trasluce la identidad con la moderna Cihuri, subsistente hasta nuestros días.

Cihuri tuvo su fuero, que lleva fecha de 16 de Julio de 1168.

Zofi-uri significa en vasco Villa del Puente, por demás justificado, pues está situada á modo de puente en la confluencia de los ríos Oja y Tirón.

(Ceánuri, en Vizcaya, antigua merindad de Arratia).

Cilbarrena.—Aldea del término de Ezcaray, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Govantes escribe Zabarrenna.

Cilbeti y Cildoz, en Navarra.

Ciriñuela.—Aldea del término de Cirueña, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

El *iri* medial recuerda el término ibérico análogo al *uri*.

Ciriano, en Alava, y Ciriya, en Navarra.

Cirueña.—Ayuntamiento del partido de Santo Domingo de la Calzada.

El término medial *iru*, metátesis probable del *uri*, se manifiesta mucho en la toponimia vasca.

Irujo, Irullegui, Iruñuela, Irure, Irurita, Irurozqui, Irurre, Irurzun, en Navarra; Irún, Irura, en Guipúzcoa; Iruña, Iruraiz, en Alava; Irusta, en Vizcaya.

Cobabalza.—Significa «Cueva oscura».

Existen tres Zabalza en Vizcaya.

Corera.—Ayuntamiento del partido de Arnedo.

Corella, en Navarra.

Cores.—Localidad que perteneció al término de Haro. (Hergueta, 101).

En la relación de pueblos cercanos á Haro, mencionados en el documento de donación de 7 de Enero de 1075, se sitúa á uno llamado Coreca, frente á Cihuri, que debe ser el mismo que nos ocupa.

Cfr. San Millán. Becerro, 56-57.—Códice del P. Minguella, 243.

Cuzcurrita de Río Tirón.—Ayuntamiento del partido de Haro.

Tanto en esta villa como en sus homónimas Cuzcurrita de Juarros y de Aranda de la Rioja castellana ó burgalesa, puede verse una nueva derivación del *uri*, en su forma antigua, como en Calagurris, Grecurris, etc.

En Aragón existe un Coscurita, por el que se vé la diferencia con que se da el *uri* ó *urri* en unos mismos nombres, ya que la identidad de concepto de Cuzcurrita con Coscurita es evidente.

Se traduce por «bellota pequeña» en vasco.

Cuzcurritilla.—Aldea de Haro.

Chilizarrias.—Altura de 1.826 metros, en el término de Ezcaray.

Muestra el nombre el *ili* ibérico y el *zarra* ó *zearra* vasco, más justificado este término que aquél por no tratarse de ninguna entidad de población, sino por el contrario, de un accidente orográfico.

En el término de Bilbao hay un monte llamado Pagarri.

Desparriturri.—Nombre de una fuente en el término de Ezcaray, como consta en la escritura de donación de la ermita de Nuestra Señora de Ubaga al Monasterio de Valvanera por Alfonso I de Aragón.

CFR. Llorente, núm. 87 de la parte 3.^a de la Colección diplomática para las Not. de las tres Prov. Vasc.

Escarza.—Aldea del término de Ezcaray, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Ezcaroz, en Navarra, y Ascarza, en Alava y Burgos.

Espurgaña.—Aldea del término de Ezcaray, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Gania, en vasco, es sinónimo de altura.

El apellido Egaña es corriente en las Vascongadas, pero no existe localidad geográfica con ese nombre.

El *ur* medial puede relacionarse con el *uri*. Y el *Es* inicial tal vez sea contracción de *Aiz*, quedando el nombre descompuesto en tres elementos.

Es-p-ur-gaña = *Peña-pueblo-alta*, ó lo que es lo mismo, *pueblo alto de la peña*.

Ezcaray.—Importante población del partido de Santo Domingo de la Calzada.

La filiación netamente vasca del nombre de esta villa, queda establecida en el estudio que precede al Nomenclátor.

Siendo *Ez* contracción de *Aiz*, y significando *garay*, «altura», el nombre de la localidad viene á significar por lo tanto Peña alta, que le conviene por el país montañoso que le rodea.

Azcaray, Garay, Garay-Beraza, Garayolce, y Garayolza, en Vizcaya; Garayoa, en Navarra, y Garayo, en Alava; Garray, en Soria, en las inmediaciones de la antigua Numancia, en la vertiente meridional de los montes que delimitan al Sur la provincia de Logroño, hasta donde se manifestaba, por lo que se vé, la influencia vasca.

Ezcabarte, Ezcaniz, Ezcay y Ezprogui, en Navarra; Ezquioza y Eztala-Aldea, en Guipúzcoa.

Ezcaray parece contracción de *Etxe* ó *Echegaray*, que significa *casa elevada*, esto es, casa situada sobre una eminencia; ó bien el prefijo *Ez* pueda ser corrupción de *Aiz*, «peña». Viniendo á significar por lo tanto *peña alta*. Ambas acepciones pueden convenir á la localidad riojana que nos entretiene.

Ezquerria.—Lugar del término de Villagalijo, del partido de Belorado, en la Rioja castellana.

La filiación vasca de Ezquerria es evidente. Significa

literalmente izquierda, cuyo nombre castellano revela por su fonética su verdadero origen éuskaro. Pero tal vez tenga en esta localidad distinta significación.

El apellido Ezquerro abunda en la Rioja, sobre todo en Pradejón, pueblo del partido de Calahorra.

Ezcurra, en Navarra, y Ezquerecocha, en Alava.

Formazaha.—Localidad citada en la relación de los pueblos de Haro, contenida en el documento de donación á San Millán de 7 de Enero de 1075.

CFR.—San Millán. Becerro, 56-57.—Códice del Padre Minguella, núm. 243.—Hergueta, *Haro*, 138.

Galbárruli.—Ayuntamiento del partido de Haro.

El *uri* se manifiesta claramente en la terminación mediante una permuta corrientísima de la *r* por la *l*.

En el censo de 1588 se denomina más aproximadamente Galbarrure, como en la fonética guipuzcoana.

Galbarra es en vasco la ganga del mineral.

En Galbárruli termina la serie de poblados de la Rioja alta, distinguidos con el sufijo *uri*, con el que se identifica el *uli* final, como lo prueba que en el Ms. 63 de la B. N. se le llama más marcadamente Galbarruri.

Galdames y Galdácano, en Vizcaya; Galdeano y Galúroz, en Navarra.

Garay.—Montículo del pueblo de Sotés, del partido de Logroño y cuadrilla constituída por las siguientes aldeas del Ayuntamiento de Ojacastro: Santasencio, Uizarna, Uyarra y Escarza (*Euzkadi*).

Garay en vascuence es «eminencia».

Véase EZCARAY.

Germúa.—Barrio de Ezcaray (*Euzkadi*).

Goreca.—Localidad del término de Haro. Significa «Encina y á un lado del río». Se la cita con *k* en la donación de Nuño González, Señor de Revendica, de varias heredades que poseía en la localidad á San Millán.

Gorocica (2), Gor. rdo, Gorostiza, Goray, Gordejuela, Gordon, Górgolas y Górliz, en Vizcaya.

Gordelliz y Gordoia, en Alava.

Goribas, Goronaeta y Gorostarzu, en Guipúzcoa.

Gorostapolo, en Navarra.

Grávalos.—Ayuntamiento del partido de Cervera del Río Alhama.

El antiguo nombre de esta localidad, *Grecurris*, revela un origen vasco-helénico curiosísimo, pues la primera partícula parece referirse á los griegos y la segunda al término vasco *uri*, aplicado á ciudad. *Grecurris* viene á significar muy claramente «ciudad de los griegos», seguramente porque debió ser un importante emporio helénico durante la fase de la colonización griega del valle del Ebro.

Guisalza.—Localidad que perteneció al término de Haro. (Hergueta, 101).

Guizarza y Guizaburuaga, en Vizcaya.

Gurrindo.—Nombre local en el término de Haro. (Hergueta, *Haro*, 101).

Gurpegui, en Navarra, y Gurendes, en Alava.

Herramélluri.—Ayuntamiento del partido de Santo Domingo de la Calzada.

También se le conoce por Remélluri en documentos y mapas antiguos.

El nombre castellano que tenía esta villa era Vega del Río Tirón, á cuyas frondosísimas márgenes está asentado, en la confluencia de su afluente el río Láchigo.

El *Herra* inicial puede ser el *arra* con que comienzan infinidad de localidades de las provincias vascas ó contracción de *sarra*.

Herrán, Erreclade y Errecarte, en Vizcaya.

Errazquin, Errazu, Errea, Erreca, Erroz y Erro (dos), en Navarra. Erreca, en Guipúzcoa y Herramel, en Burgos.

Según el P. Fita (*Bol. R. Acad. de la Hist.*, III, 134), Herramélluri debe decir «tierra yerma ó de páramo», que le cuadra bien mal por lo frondoso del emplazamiento.

Menos mal que al final del tomo, en las erratas, aclara el error, impropio de tan autorizado vascófilo, y traduce :

«Villa de Herramel ó Villa-Ramiel», etimología que se nos antoja igualmente desacertada.

En el manuscrito D-63 de la Biblioteca Nacional se le llama Ferramélluri, que parece querer establecer cierta conexión con el hierro, y de haberla seguido el P. Fita, tal vez hubiera traducido por «Villa de hierro», suponiendo la existencia de minas en sus cercanías,

Pero como conocedor que soy de la localidad y sus alrededores, puedo asegurar que no existen tales minas, ni aun siquiera las aguas abundantes que circulan por su término son ligeramente ferruginosas.

Hormazal.—Sierra meridional de la provincia, en los límites de la de Soria.

Ormaza, en Vizcaya; Ormizana, en Alava, y Ormaiztegui, en Guipúzcoa.

El apellido Ormazabal es frecuente en las Vascongadas.

Huribarri.—En la relación de pueblos de Haro citados en el documento de donación de 7 de Enero de 1075 se hace mención de este pueblo, identificándose con Urturi.

Uribarri, nombre muy frecuente en la toponimia vasca, tradúcese fácilmente por «Villa-nueva».

Véase URTURI.

CFR.—San Millán. Becerro, 56-57.—Códice del P. Minguella, núm. 243.

Igay.—Caserío de los alrededores de Logroño.

El mismo nombre en Alava y Navarra; Igartúa, en Vizcaya; Igal, en Navarra.

Ybai es río en vasco.

Igea.—Ayuntamiento del partido de Cervera del Río Alhama.

Aunque pudiera ser vasco este nombre, también tiene caracteres de latino.

En la duda de su verdadera filiación, lo incluyo con la consiguiente salvedad.

Ignarricha.—Nombre citado como existente en los alrededores de Ezcaray, como consta en la escritura de do-

nación de la ermita de Nuestra Señora de Ubaga al Monasterio de Valvanera, hecha por D. Alfonso I de Aragón.

CFR. Llorente. Núm. 87 de la parte 3.^a de la *Colección Diplomática para las Not. Hist. de las Prov. Vasc.*

Ilera.— Localidad que perteneció al término de Haro. (Hergueta, 101).

Iregúa.— Aunque Govantes da una etimología latina al nombre de este importante río riojano, creemos posible sea una nueva forma del *uri* ibérico, con toda justicia aplicado.

En el voto del Conde Fernán González se le denomina más aproximadamente Iruega.

La explicación que da Govantes, derivando el nombre del río del latín *irrigare*, por las irrigaciones que se derivaron siempre del fecundo río, conviene á todos los ríos cuyas aguas se aprovechen para riegos.

También pudiera relacionarse con el nombre *ire*, que en vasco se da al número 3.

Antes se llamaba á este río Bero que en éuskaro es caliente, aunque pienso que nunca se distinguió el río por la temperatura de sus aguas.

Iturrica.—Nombre citado como existente en los alrededores de Ezcaray en la escritura de donación de la ermita de Nuestra Señora de Ubaga al Monasterio de Valvanera, hecha por D. Alfonso I de Aragón.

CFR. Llorente, núm. 87 de la parte 3.^a de la *Colección Diplomática para las Not. de las tres Prov. Vasc.*

Iturrimurri.—Nombre de una fuente en los alrededores de Haro.

Iturri es fuente y el sufijo tiene la forma antigua, por lo que el nombre se puede traducir por Fuente-ciudad, literalmente.

Dado que no existió núcleo de población en su derredor, debe entenderse como *fuentes de la ciudad*, de Haro, que es la más próxima, y no *ciudad de las fuentes*, como viene á significar el nombre berberisco de Tetuán, Titauin, plural de *Tit*, que es fuente ó manantial en los dialectos cheljas

del Norte de Africa. Sin embargo, hay quien traduce Iturrimurripor, «fuente baja».

Ituren, Iturgoyen, Iturmendi, Iturrericatu, en Navarra; Iturrate, Iturreta, Iturribáizaga é Iturrigorri, en Vizcaya; Iturrioz, en Guipúzcoa.

Laco.—Localidad que perteneció al término de Haro. (Hergueta, 101).

Lacorzana y Lacoymonte, en Alava.

Laigarra.—Pago del término de Briones (Salazar).

Laguna.—Ayuntamiento del partido de Torrecilla de Cameros.

Antiguamente se le denominaba Lagona, cuya terminación la relaciona con la toponimia vasca, ya que la interpretación literal de su nombre actual no esté justificada por no existir ni haber existido laguna alguna ni aun en sus cercanías.

En cambio el sufijo *ona*, que en vasco significa *bueno*, está extendidísimo en la toponimia, no sólo de las Vascongadas sino de toda España, singularmente á lo largo de los Pirineos, á entrambos lados, que parece ser la zona clásica de los nombres geográficos distinguidos por el precitado sufijo.

Recordemos que los nombres de las principales capitales de Cataluña se distinguen así, como Barcelona, Tarragona y Gerona.

En Alava tenemos Garona, Garonna y Gaonna; Iscona, Axona, Igona; Maranchona, monte y fortaleza antigua de Berrueza, Letona, Eztarrona, Alarona, Ijona, Ondona, Aramayona y Argandona.

En Vizcaya, Uriona, Lemona, Durañona, Lejona, Artecona, Azcona, Licona, Mallona (cementerio de Bilbao).

En Guipúzcoa, Villabona, Cestona y Arzona.

En Navarra, Pamplona, Artajona y Larraona.

En Barcelona, Tona, Badalona, Cardona, Vallbona, Argentona, Llerona.

En Tarragona, Uldecona y Vallfogona.

En Lérida, Aitona, Casanabona, Guisona, Isona, Vallfogona, Vallbona, Solsona y Torreserona.

En Gerona, Vallfogona.

Existen además en Cataluña la Puerta de Costabona, en el Pirineo catalán, y Gellona y Sabassona.

Pero el sufijo, aunque se localiza de preferencia á lo largo del Pirineo, como por la anterior enumeración puede observarse, se extiende sin embargo su área geográfica á toda España.

Así tenemos Estepona y Archidona, en Málaga; Carmona, en Sevilla; Arjona, en Jaén; Chipiona, en Cádiz; Barona y Vallibona, en Castellón; Razbona y Barbatona, en Guadalajara; Urona, en Murcia; Vayona, Jijona, Grillemona, en Alicante; Escalona, en Segovia y Toledo; Guroña y Escalona, en Canarias; Artsona y Escalona, en Huesca; Arabayona y Tarazona, en Salamanca; Tarazona, en Zaragoza y Albacete; Sabasona, en Cáceres.

Cazlona era un pueblo de Andalucía, según Laguno (368).

Pero el área del sufijo puede decirse universal, y se da también en la vertiente septentrional de los Pirineos como la más clásica región de la terminación *ona*.

Tenemos, en efecto, en Francia: Bayona, Carcasona, Narbona, Garona, Argona, Divona (hoy Cahors) y la clásica Sorbona.

En Italia el catálogo es copioso: Ancona, Arona, Bellona (Puerta antigua de Alatri), Bivona, Colonna, Cortona, Cremona, Gopgona (isla cerca de Liorna), Ortona, Savona, Solmona, Tortona, Barcellona, Verona.

A la otra orilla del Adriático, Valona.

En Alemania, Altona y Ratisbona.

En Suiza, Bellinzona.

En América, Arizona.

En Africa, y para agotar el tema, Sierra Leona, Bona é Hipona, la sede episcopal de San Agustín.

En Barcelona existe una Mediona, que más bien parece una forma corrupta del Medina árabe.

Según Idacio, el nombre antiguo de Lisboa era Ulixi-

pona, que revela la presencia del prefijo Uli, unido á una forma parecida á Chipiona.

Otros nombres terminados en ona son : Arcillona (Marquesado), Allona (apellido), Anglona (principado de la Casa de Osuna)), Arcona (ap.), Autrigona (ciudad antigua), Barona (ap.), Bellona (Diosa), Bona (ap. citado como ciudad antigua por Humboldt, 31), Dodona (ciudad mitológica del Epiro), Dertona (Plinio), Cp. 70, lib. III, ed. Didot), Egilona (mujer del Rey D. Rodrigo), Espona (ap.), Fombona (ap.), Gaona (ap.), Gorgona, Latona (Diosa), Lisbona (ap.), Madrona (ap.), Masona (Metropolitano de Mérida), Matarrodona y Matorrodona (ap.), Obiona (nombre en un ara de Estollo), Olona (ap.), Osona (ap.), Pomona, Salona (ciudad donde se retiró Diocleciano, y Condado catalán), Sanona (ciudad antigua), Taramoma (apellido), Trigona (Condado del siglo XVIII), Urquinaona (ap.) y Vindobona (ciudad antigua sobre el Danubio).

Un sufijo análogo se da también mucho en la designación de antiguas tribus ibéricas. Vascones, Autrigones, Brusaones, Pelendones, Rucones ó Rugones, Codones, Ausones, Invernones.

Los habitantes de la Rioja eran los berones, y según Estrabón dicha región se llamó Luconia y sus habitantes lucones.

En Italia abundan también las terminaciones análogas : Castligione, Tavarone, Carlone, Franzone, Morazone, Sirmione, etc.

Por último, la terminación *ona* ha quedado consagrada en castellano como la expresión de lo bueno con exceso, como conviene al espíritu del vocablo en vasco. Casona, butacona, guapetona, comilona, etc., son conceptos que indican la bondad de las cosas expresadas.

Vino bueno significa Vino Ona.

A tanta digresión, hasta creer haber agotado el tema, nos ha conducido la antigua denominación del pintoresco pueblecito riojano de Laguna de Cameros.

Larra.—Pago del término de Briones.

Larra, Larrazabal, Larragueta, en Alava; Larrabeyra, Larrajauregui, Larrauri, Larrazabal, en Vizcaya.

Lárraga, Larragueta, Larrainzar, Larrangoz, Larraong, Larrasoaña, Larraim, Larraños (2), Larraya, Larrayoz, en Navarra; Larraul, en Guipúzcoa.

Larreiuri.—Según un trabajo de Echalar, publicado en la «Geografía del país vasco», tomo de Navarra, el nombre antiguo de Naharruri (Casalarreina) era éste, que significa literalmente «Pueblo de la Reina».

En efecto, para transformar Larrei en ello basta añadirle la sílaba *na*, por lo que á menos que reina se diga en vasco lo mismo, se nos antoja poco éuskera este nombre, creyendo lo es más Naharruri ó Naharrauri.

Larriba.—Ayuntamiento del partido de Torreciñla.

Larrimbe, Larrinoa y Larrinzar, en Alava; Larrinaga, en Vizcaya; Laurino, en Guipúzcoa y Larrión, en Navarra.

Laturce.—Monte cercano al lugar donde la tradición dice libróse la fabulosa batalla de Clavijo. Análogo á Turza. Véase.

Legarda o Hegardia.—Nombre de una ermita del término de Orhánduri, del partido de Haro.

Laguardia, Gardea, Gardélegui y Legarda, en Alava; Legarda, Garde y Gardalaín, en Navarra.

Leza.—Ayuntamiento y río del partido de Logroño.

El mismo nombre y Lezama, en Alava; Lezo, en Guipúzcoa; Leiza, Lezaeta y Lezaún, en Navarra; Lezaña, en Burgos.

Leiza en vasco es sima, por lo que el nombre de este pueblo riojano está justificado, no por estar situado sobre una sima, sino al contrario, al pie de un imponente desfiladero, á cuyos pies corre el río Leza, que distingue á este pueblo con el redundante nombre de Leza Je río Leza.

La carretera que de Logroño enlaza con la del Puerto de Piqueras, bordea los peligrosos barrancos que en forma de anfiteatro rodean al pintoresco Leza.

Es, pues, una verdadera sima, por la que parece se ha desplomado el humilde caserío del pueblecito riojano.

Logroño.—En opinión del erudito Sr. Plaza y Salazar, su filiación vasca no ofrece ningún género de dudas.

Con el nombre de Loroño, dice, hubo en Larrabezúa dos casas armeras, siendo muy frecuente el apellido en las Vascongadas.

El primer elemento *Lo*, lo traduce fácilmente por «dormir».

Y en cuanto al resto, recuerda que *oña* significa *pie*.

Aunque pareciera que la inmediata consecuencia sería decir que Logroño significaría tanto como *pie dormido*, como quiera que la explicación sería absurda, recurre á una disquisición muy ingeniosa y erudita, aunque en mi concepto bastante fantástica, en cuyo vicio incurre todo el que quiere dar explicación literal de los primitivos nombres cuyo origen se pierde en la consabida lejanía de los tiempos.

Y acaba afirmando que el nombre de la capital de la Rioja significa textualmente «al pie de los que duermen». Bien es verdad que á seguida pide indulgencia al lector.

Y explica esta original etimología diciendo que Logroño fué fundada por los supervivientes de la destruída ciudad de Cantabria, cuando fué arrasada por el Rey Leovigildo, los cuales bajaron del cerro donde se asentó. Por eso, habiéndose fundado Logroño al pie de la antigua metrópoli de Cantabria, le pusieron tan metafórico nombre en conmemoración de los deudos y parientes que dormían el sueño eterno entre las ruinas de la arrasada ciudad.

Yo, sin entrar en digresiones para fundamentar esta ú otra opinión, de tantas como se han dado en pro del nombre de Logroño, para lo que carezco de la suficiente competencia y elementos de juicio racionales, me limito á consignar la existencia de los siguientes nombres, en los que la *eñe* inicial ó final interviene como distintivo, al igual que en Logroño, en denominaciones de las regiones vecinas.

Y son: Orduña, Oñarte y Begoña, en Vizcaya; Oñate, en Guipúzcoa, y Oña, en Burgos.

La tan traída sierra de Toloño es otro ejemplo característico del término, significado además por la primera parte del nombre, que igualmente conviene a la villa guipuzcoana de Tolosa.

Otras localidades con análogos suñjos son: Coruña, Santoña, Tuña, Taragoña, Baroña, Doroña, Borgoña (Gerona), Piloño (río de Asturias).

Lomos de Orios (Santuario de Nuestra Señora de).

Situado en la cúspide de la sierra de Cameros, en el término de Villoslada.

Aunque se le denomina también de los Lumbos de Oro ó Los Modorios, decúbrese en los términos finales el clásico término vasco-ibérico *uri*.

Orio, en Guipúzcoa; Oricaín, Orisoaín y Oríz, en Navarra.

Lozalaya.—Antigua aldea del término de Ezcaray, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Loza, en Alava y Navarra.

Luezas.—Ayuntamiento del partido de Torrecilla de Cameros.

Puede ser una transformación de Leza.

Matulleri.—Pago del término de Haro.

Maturana, en Alava.

Motulleri ó Mutulluri, según Hergueta (p. 101).

Maurucuri.—Véase MORCURI y MORICO.

Mauruzurri.—Véase MORCURI y MORICO.

Mendicu.—Pequeña villa que existía entre Casalarreina y Pauleja, mencionada en 1070. (Hergueta, *Haro*, 138-9).

Mendigorna.—Localidad que perteneció al término de Haro. (Hergueta, *Haro*, 101).

Mendiguena.—Pago del término de Briones.

Mendialdúa, Mendieta, en Vizcaya; Mendibil, Mendieta, Mendiguren, Mendijur, Mendiola, Mendizábal, en Alava; Mendieches, Mendiola, en Guipúzcoa; Mendigo-

rría, Mendilibarri, Mendinueta, Mendioroz, Mendivil, en Navarra.

Mercuri y Murcuri.—Véase MORCURI y MORICO.

Micalanda.—Pago del término de Haro.

Significa *prado de maricas*. Según Hergueta, dícese también Bicalanda.

Monja, La.—Lugar del Ayuntamiento de la Santa, término de Torrecilla de Cameros.

Munguía, Mundaca, Muncharas y Munditibar, en Vizcaya.

Morcuri.—Pueblo existente hasta 1476 al Norte del Oreca, hacia el camino de Haro á Sajazarra. (Hergueta, *Haro*, 138).

En las escrituras se la denomina también Morico, Mauruzurri, Maurucuri, Murcuri y Mercuri.

Es curioso señalar que en la Mauritania Tingitania existía una localidad en tiempos de la dominación romana denominada también con este último nombre de Mercuri.....

Con el nombre de Maurucuri se cita en la carta de composición y avenencia del Obispo de Calahorra con el Abad de San Millán el 27 de Septiembre de 1163

Morico.—Localidad del término de Haro, consignada en el documento de donación á San Millán de 7 de Enero de 1075, como consta en los folios 56-7 del Becerro de San Millán. Códice del P. Minguella, núm. 243.

Hergueta (138) lo identifica con Morcuri. Véase.

También se le menciona en la donación de Nuño González, Señor de Revendica, á San Millán de varias heredades que poseía en Morico en 1088.

En otros documentos se la llama indistintamente Mauruzurri, Maurucuri, Murcuri y Mercuri.

Munilla.—Ayuntamiento del partido de Arnedo.

La partícula *Mun* se repite mucho en las Vascongadas.

Munaín, en Alava; Munarriz, Muneta y Muniaín (2), en Navarra, y Muncharas, Mundaca, Munditivar, Munguía y Muniátegui, en Vizcaya.

Mureuri.—Localidad que perteneció al término de Haro. (Hergueta, 103).

Murillo de Río Leza.—Ayuntamiento de Logroño.

Murillo de Calahorra ó Murillejo.—Aldea del término que le caracteriza.

Hay Murillo sencillo y de Berroya, el Cuende, el Fruto, de las Limas y de Lónguida, en Navarra.

Muro de Aguas.—Ayuntamiento del partido de Arnedo.

Muro de Cameros.—Idem del de Torrecilla.

Aunque *muro* es palabra incorporada al castellano, abundan mucho en las Vascongadas los términos geográficos que se inician por ella.

Murrieta, Murtaza, Murueta (2), en Vizcaya; Muru-Astrain, Muruarte de Reta, Murugarren, Muruzabal sencillo y de Andiön, en Navarra, y Murúa, en Alava.

Y sobre todo perdura en el fatídico Monte-Muro ó Muru. Estas dos acepciones significan *colina* en vasco.

Naharrauri.—Nombre antiguo de Casalarreina.

Najurieta, en Navarra.

Recuérdese el apellido Naharro.

En 1104 Munio Núñez dona á San Millán una serna en Nahaurruri. Naharrauri se le denomina en una donación á Santo Domingo por Nuño de Cihuri de una viña en 1136. Naharruli, en el fuero de Cerezo de 1146. Naharruri, en la donación hecha el 13 de Junio de 1159 por Rodrigo Núñez á San Millán. Nafarruri, en la de 13 de Noviembre de 1070 y en la de 1098 sobre Pauleja.

Se traduce por «pueblo de pieles ó ganados».

Véase también LARREIRURI.

Navajún.—Ayuntamiento del partido de Cervera del Río Alhama.

Subsiste el término vasco *Nava*, que caracteriza á Navarra y á las numerosas localidades de toda España que comienzan por esas dos sílabas.

Astarloa, en su *Apología de la lengua vascongada*, dice en la página 246 que «el primer miramiento que se ha tenido y se tiene por los vascongados para poner nom-

bre á los terrenos ha sido la misma posición, y de este modo, si era llano, espacioso, llamábanle *naba*, *nabia*, que significa anchura».

De esa voz vasca proviene la castellana *nave*, aplicada á la anchura interior de los edificios.

Navalsaz.—Aldea del término de Poyales, del partido de Arnedo.

Aplicasele el mismo razonamiento anterior, en cuanto á la primera parte del nombre. En lo que hace al segundo, *Saz*, se da en varias regiones de España, incluso en Navarra, en Saso, Sasomáin y Sastuya. Saz se apellidaba el Catedrático del Instituto de Málaga, cuyas asignaturas de Geografía é Historia estudié en los ya lejanos años de mi Bachillerato.

Navarrete.—Ayuntamiento del partido de Logroño.

El origen navarro no puede ser más evidente.

Cítalo así el Sr. Plaza y Salazar, que era natural de esta villa.

El mismo nombre se da en Alava y otras provincias de España.

Negueruela.—Aldea del término de Cidamón, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Cítalo como vasco el Sr. Plaza y Salazar.

Neguri, en Vizcaya.

Ochánduri.—Ayuntamiento del partido de Haro.

Ochandiano y Ocharán, en Vizcaya; Ochagavia, en Navarra.

Otz es «frío» en vasco, por lo que Ochanduri pudiera significar *Villa-fría*.

En documento antiguo se le llama Oggánduri.

Ollauri.—Ayuntamiento del partido de Haro.

Ollavarre, en Alava; Ollacarizqueta, Ollagoyen, Ollata (2), Ollo, Ollobarren y Olloqui, en Navarra.

El nombre de este pueblo, Ollauri, proviene de una primitiva venta, propiedad hoy de D. Manuel Lumbreras, que tenía por insignia y veleta un gallo. Constan estos detalles en el Archivo municipal de la localidad.

Ahora bien; *Olo* en vasco significa *gallo*, por lo que la significación de la localidad riojana que nos ocupa queda claramente definida.

Ormagal (Collado del).—Abierto entre el pico de Chizarrías y el de San Lorenzo, que da entrada al valle de San Millán.

Orovio (Venta de).—Aldea del partido de Alfaro.

Orobio y **Orobios**, en Vizcaya.

Orozco.—Lugar agregado al término de Briones, del partido de Haro.

El mismo nombre en Vizcaya.

Orriturri.—Pago del término de Briones.

Paragoytia.—Localidad que perteneció al término de Haro. (Hergueta, 101).

La terminación es genuinamente vasca. Recuérdese el apellido Goitia.

Peroblasco.—Aldea del término de Munilla, del partido de Arnedo.

Pipaona.—Aldea del término de Ocón, del partido de Arnedo.

Pipaón, en Alava. *Ona* es bueno en vasco. *Pipa* no suponemos sea la de fumar, ni ninguna otra.

Riaran.—Localidad que perteneció al término de Haro. (Hergueta, 101).

Sajazarra.—Ayuntamiento del partido de Haro.

Parece ser contracción de Saxazaharra: *saxa*, cercano, y *zaharra*, viejo; ó más bien *zearra*, sierra, etimología más verosímil.

En la relación de pueblos cercanos á Haro, enumerados en el documento de donación de 7 de Enero de 1075, se dice: Saggazahar que jacet inter Morico et Zofiuri, Formazaha usque ad Arinda et exin de usque ad Hatumauhuri».

CFR. San Millán. Becerro, 56-57.—Códice del P. Minguella, núm. 243.

Con la forma abreviada en Saja se la cita en la donación de varias heredades en la misma, hecha por el señor de Revendica, Nuño González, á San Millán.

San Millán de Yécora.—Ayuntamiento del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Yécora, en Alava.

Santurde.—Ayuntamiento del partido de Santo Domingo de la Calzada y antiguo barrio de San Millán.

El mismo nombre en Alava y Burgos; Santurce, en Vizcaya.

Es bastante probable que el componente *tur* sea residuo de *iturri*, fuente.

Santurdejo.—Ayuntamiento del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Diminutivo del nombre anterior.

Semenurri.—Barrio de Cihuri.

Se le llama también Scemenurri ó Semenohurri. Con este último nombre en una donación del Infante de Paduleja de posesiones suyas en la localidad á San Millán en 1095. (Hergueta, *Haro*, 138-9).

Serradero.—Nombre que reciben varios accidentes orográficos de la Sierra de Camero Viejo.

El antiguo nombre era Serra Bero, esto es, Sierra Bero. La primera parte es evidentemente el vasco *zarra* y la segunda un vestigio indudable del nombre de los berones ó de la voz ibérica que significa caliente, poco justificada, sin embargo, en aquellas alturas.

Sojuela.—Ayuntamiento del partido de Logroño.

Sojo y Sojoguti, en Alava.

Tambarria.—Aldea del partido de Alfaro.

Dice Blas en su *Historia de Alfaro* que Alfonso VII mandó juntar en uno varios barrios que se hallaban diseminados, quedando con esta unión constituido Alfaro á la otra parte de la colina que los antiguos llamaron Transbarria, palabra latina que significa «al otro lado», de Barria ó de los Barrios.

Según otros autores, se llamó también Transbarria ó Transvaria, relacionándose este último nombre con el de la importante ciudad antigua de Varea.

Diré por mi cuenta que el nombre de esta localidad

tiene interesantes caracteres, porque el *Tam* inicial es un término clásico en las denominaciones geográficas berberiscas, y el *barria* final lo mismo puede ser el *berri* vasco que el *barra* árabe, que significa *fuera*. En todo caso parece un nombre compuesto donde se reflejan distintas influencias.

Tobia.—Ayuntamiento del partido de Nájera.

Tobillas, en Alava.

Toloño.—Sierra de la Rioja alavesa, de la que existe el proyecto de traer las aguas á la ciudad de Logroño.

Tullonium era lugar de los várdulos en el itinerario de Antonino, denominado así del dios ibero Tullonius, como lo prueba una tabla votiva encontrada en 1799 cerca de la ciudad de Alegría, próxima á la sierra, con el nombre del Dios.

En lugar del templo antiguo se alza en su cúspide la iglesia de Santa María de Toloño.

Dicha sierra marca la separación del entrante de la provincia de Logroño, allende el Ebro, de la de Alava.

Tondeluna.—Aldea del Ayuntamiento de Ojacastro.

Euskadi lo trae con el nombre quizá más genuinamente vasco de Tondelura.

Tormantos.—Pueblo de la Rioja burgalesa sobre el río Tirón.

Decía Humboldt (*Recherches*, 66) que raros eran los nombres vascos que comenzasen por Tar y Ter. Y entre los pocos que citaba figuraba Termantia, cuya semejanza fonética con Tormantos es manifiesta.

En cambio muchos de los que se inician por Tur ó Tor deben reconocer la contracción de Iturri.

Torgau, Turgovia, Turingia, etc.

Torremuña.—Aldea del término de Larriba, partido de Torrecilla.

La *uña* final recuerda el de varias denominaciones vascas (V. LOGROÑO).

Treviana.—Ayuntamiento del partido de Haro.

Viana, en Navarra, cuyo título de Príncipe ostentaron

los herederos de su corona, análogamente al de Asturias, de la corona de Castilla; Viana está; por ende, á cortísima distancia de Logroño.

Tricio.—Ayuntamiento del partido de Nájera.

Esta localidad fué una antigua é importante población en tiempos de la dominación romana. Se llamó *Tri-cium*, cuyo nombre, como se vé, conserva en la actualidad, hispanizado. *Tritium* era la latinización á su vez del primitivo nombre ibérico, que no nos ha sido transmitido íntegramente.

Existe en Vizcaya una localidad llamada Trucios, que sirve para establecer la filiación ibérico-vasca de este pueblo riojano.

Tudelilla.—Ayuntamiento del partido de Arnedo.

Tudela, en Navarra.

Turres (Las).—Nombre de unas fuentes situadas entre Ojacastro y Santurde, por lo que lógicamente se infiere que el nombre debe ser una corrupción de *Iturri*, fuente en vasco, como reiteradamente se sabe.

Turriaga.—Sitio sobre el río de Azalaya y aldea de Azarrulla, citado por Larruga en sus Memorias, donde en el siglo XVIII encontró D. Manuel González Montenegro unas minas de hierro. (Sánchez Lozano, 422).

Construcción de *Iturri*. Existe el apellido completo de *Iturriaga*.

Turruncún.—Ayuntamiento del partido de Arnedo.

Turrillas, en Navarra.

Turza.—Aldea del término de Ezcaray, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Turzo, en Burgos.

Puede ser contracción de *Iturri-zarra*, Fuente-vieja.

Ubieta.—Localidad que perteneció al término de Haro. (Hergueta, 101).

Ubidea y Uberoaga, en Vizcaya; Ubago, Ubarri, Ubarcalle, en Navarra; Ubera, en Guipúzcoa; Ubarrundia, en Alava.

Ulizarna.—Aldea del término de Ojacastro, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Uli es evidentemente forma dulcificada de uri, y zarna tal vez corrupción de zarra. Significaría Fuente-vieja.

Ulibajo y Ulibarri, en Navarra.

Los nombres geográficos vascongados que se inician con Ulli en Alava son numerosos: Ullibarri-Arana, U-Arrazua, U-Gamboa, U-Jáuregui, U de los Olleros y U-viña, esto es, Villanueva-Arana, etc., viniendo á diferenciar el segundo término el genérico que le antecede. En el mismo Alava se da la forma Ulivarri.

Contraído se da en Ulzama y Ulzurún, en Navarra.

Urbión.—Recibe este nombre una laguna de la sierra de Cameros que debió ser verosímilmente el antiguo cráter de un extinto volcán. El pico sobre el que se asienta mide 2.246 metros de altura.

En concepto de algunos autores, Urbión significa *agua negra*. Pero según Moret, en sus Anales de Navarra, libro VIII, capítulo III, número 7, dice que en lengua vascongada es una palabra compuesta *Ur-bi-on*, que en castellano quiere decir *aguas-dos-buenas* ó *dos fuentes*, concepto que conviene al lago porque en él tienen origen dos ríos, uno de ellos de la importancia del Duero, cuyo nombre antiguo *D-uri-us* conserva la radical vasca del «agua», y el cual se forma con los rebosamientos del Urbión hacia el Sur, en tanto que hacia las vertientes septentrionales sale el Najerilla en demanda del Ebro.

El Urbión ocupa, pues, una situación medial de las vertientes de dos ríos de los más caudalosos de España.

Urdanta.—Monte del término de Ezcaray, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Urdaniz y Urdanoz, en Navarra.

Urdarta.—Monte del término de Ezcaray, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Urionda.—Localidad que perteneció al término de Haro. (Hergueta, 101).

La relación de los nombres vascos que se inician con Uri es vastísima, tanto que puede considerarse como el vocablo más extendido en la toponimia vasca. Los que fina-

lizan con *uri* no pueden ser tampoco más extensos, revelando una extensión universal. En la India, donde el primitivo sánscrito más perdura, la terminación *ur* es genérica en la denominación de poblaciones como el *bura* de los idiomas germánicos.

Urturi.—Localidad citada en la donación de los Reyes D. Sancho y Doña Placencia, donde donaban una granja. (Sandoval).

En la donación del Infante Paduleja á San Millán en 1095 se habla de tierras en Urturi.

Supone D. Narciso Hergueta en Santa María de la Piscina, publicada en la «Revista de Archivos» en 1906, que este Infante es D. Raimundo, hijo de García VI de Nájera, que en dicho año se entregó con todos sus bienes al Monasterio de San Millán.

En la donación de Nuño González, Señor de Revedica, al mismo Monasterio se hace también mención de varias heredades en Horturi. Lleva fecha de 1088.

En la relación de pueblos de Haro, citados en el documento de donación de 7 de Enero de 1075, se hace relación de varios pueblos, todos ellos próximos, y entre ellos Huribarri, que se identifica con Urturi, situada sobre Coreca, frente á Cihuri (qui est sita super Coreca in facie Zufihuri). Gracias á esta referencia se puede situar el emplazamiento del hoy desaparecido pueblo.

CFR. San Millán. Becerro, 56-57.—Códice del P. Minguella, núm. 243.

Uruñuela.—Ayuntamiento del partido de Nájera.

También se le conocía por Oruñuela.

Oru ó Uru, puede ser desinencia de uri.

Iruñuela, en Navarra, y Oruña, en Alava.

Iruña es el nombre vasco de Pamplona.

Usaqui.—Localidad que perteneció al partido de Haro. (Hergueta, 101).

Usánsolo, Usparecha y Ustara, en Vizcaya; Uscarrés, Usechi, Usi, Ustés y Usín, en Navarra; Usurbil, en Guipúzcoa.

Uyarra.—Aldea del término de Ojacastro, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Vargas.—Río en la sierra de Cameros.

La radical integrada por las cuatro letras centrales Arga, se da en un río de Navarra, importante afluente izquierdo del Ebro. Además en la segunda parte del nombre del Pisuerga. En Cataluña existe Berga y Tárrega, cuya pronunciación catalana es Targa, lo mismo que el nombre de un pequeño puerto marroquí de la región de Gmara sobre el Mediterráneo, al Sur de Tetuán. También lo ostenta el río Uarga, cuyo valle separa parte de las zonas francesa y española de Marruecos.

Velandia.—Nombre de una antigua población del partido de Torrecilla.

También se da en las Casas de Velandia, próxima á las de Tejada, en el mismo partido.

Belandia, en Vizcaya.

Velandia y Belaunde fueron apellidos también.

Velasco.—Véase BLASCURI.

Vermoduri.—Villa cercana á Cihuri. (Hergueta, *Haro*, 138-9).

En la donación del Infante Paduleja á San Millán en 1095 se habla de tierras suyas en Vermoduhuri.

Viarra.—Antigua aldea del término de Ojacastro, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Vicuana.—Localidad que perteneció al partido de Haro. (Hergueta, 101):

Vicárregui, en Vizcaya; Vicuña, en Alava.

Viguera.—Ayuntamiento del partido de Logroño.

Su antiguo nombre era Vecaria.

Viguria, en Navarra. Rodríguez Viguri se apellida el ilustre ex-Ministro y orador, mi excelentísimo amigo, en cuyo apellido se observa la existencia del clásico término vasco *uri*. No fueron, sin embargo, aguas vascas ni riojanas las que mecieron la cuna del elocuentísimo ex-Diputado por Lugo, sino las del plácido y sosegado Miño.

Pero la ascendencia vasca del preclaro abogado y po-

lítico puede sospecharse por la robustez de su energía, de su carácter y de su brazo, que no es de agua ciertamente.

Uno de sus ilustres solares radica, en efecto, en Amurrio, y en plena tierra riojana de Leiva posee también la Casa de Viguri otro solar, único que coparticipa con la Casa de los Condes de Baños, de la que fué heredera la ex-Emperatriz Eugenia, la ostentación del señorío en la pintoresca villa riojana.

Tanto Viguera como Viguri y Viguria, pueden reconocer un mismo origen etimológico, pudiendo estar integrado por una corrupción de *Vega* y del término indispensable de *uri*, por lo que pudiera significar posiblemente *Vega de agua*.

Viloria de Rioja.—Ayuntamiento del partido de Belorado en la provincia de Burgos, de la Rioja castellana.

El mismo nombre en Alava y Navarra.

Una de las varias hermandades existentes en la primera provincia, la de Arrastaria, estaba formada por cuatro pueblos, uno de los cuales se llamaba Aloria (antiguamente Alórica).

La *V* inicial debe ser una contracción de la *villa* castellana.

Hay carta ejecutoria librada por la Chancillería de Valladolid á 14 de Junio de 1380 de la cual viene á resultar que siendo dueño y señor de la Casa de Ayala Fray Fernán Pérez de Ayala, litigó con la ciudad de Orduña sobre pertenencia de dichos cuatro pueblos, habiéndose fallado el pleito á favor del mentado Fray, quien tomó posesión de ellos el 9 de Abril del mismo año, después de cuyo acto se extendió la ejecutoria.

CFR. Plaza y Salazar. *Etimologías Vascas del castellano*, páginas 335-6.

Viloria.—Ayuntamiento del partido de Belorado.

El mismo nombre en Alava y Navarra.

El *oria* final puede ser una forma del clásico *uri*.

Villarroya.—Ayuntamiento del partido de Arnedo.

El segundo término parece vasco, pues hay Arróyabe en Alava.

Viniegra de Abajo y Arriba.—Ayuntamientos del partido de Nájera.

Abunda el apellido Viniegra en las Vascongadas, como de prosapia genuinamente éuskara.

Zaballa.—Significa «Llano en alto».

El mismo término en Burgos; el mismo y Zabala, en Vizcaya; Zabal, Zabalceta, Zabaldica, Zabalegui y Zabalsa (3), en Navarra; Zabalibar, en Alava; Zabaleta-Mendi, en Guipúzcoa.

Zaberrena.—Véase CILBARRENA.

Barrencalle y Barreneche, en Vizcaya; Barrenola, en Guipúzcoa.

Zabarrula ó Zabarrulla.—Aldea del término de Ojacastro, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Zaco.—Significa «redondo».

Zaldierna.—Aldea del término de Ezcaray, del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Zaldívar, Zaldue y Zaldua, en Vizcaya; Zaldivia, en Guipúzcoa.

Zarratón.—Ayuntamiento del partido de Haro.

Zarzosa.—Ayuntamiento del partido de Arnedo.

Cítalo como vasco el Sr. Plaza y Salazar.

Zorraquín.—Ayuntamiento del partido de Santo Domingo de la Calzada.

Zorroza, en Vizcaya.

Total: 191 términos vascos registrados en este Nomenclátor.

En el presente trabajo se ha buscado el origen vasco de los términos que en el presente se han registrado en el Nomenclátor de la Rioja, y se ha procurado dar a cada uno de ellos un origen exacto, sobre la base de los datos que se han podido conseguir en los libros de historia y geografía de las provincias vascas, y de los datos que se han podido conseguir en los libros de historia y geografía de las provincias de la Rioja.

INFLUENCIA DE LA GEOGRAFIA

EN LA

HISTORIA POLÍTICA Y ADMINISTRATIVA DE AMERICA

Conferencia pronunciada por D. Gustavo Manríque, de la Universidad de Caracas, en sesión pública de la Real Sociedad Geográfica el 25 de Abril de 1928.

SEÑORAS, SEÑORES :

Al recibir la invitación con que la Real Sociedad Geográfica me honró, vínome al recuerdo una anécdota: Un día al salir de clase después de una lección de severa crítica á nuestro sistema administrativo, un grupo malicioso de mis discípulos me preguntó: «Ya que todo le parece á usted tan mal, ¿qué sería lo mejor y lo primero que deberíamos hacer?» Recuerdo que les contesté: Estudiar Geografía.

En efecto; yo creo que es imposible el desarrollo armónico y técnico de un país sin conocer un elemento tan indispensable á la nacionalidad como es el territorio, y creo algo más, creo que sin una noticia exacta sobre la Geografía del país es imposible que el patriotismo sea consciente y progresivo como debe ser.

En los duros comienzos de mi ejercicio profesional, las necesidades y la ambición me obligaron á recorrer en diferentes direcciones mi país, en humildes embarcacio-

nes y á lomo de bestia las más de las veces, atravesando las inmensidades desiertas de nuestras sabanas, aquella inmensa llanura á la vista tan grande como el mar, apenas interrumpida la ilusión y el horizonte con pequeños bosquecillos que llamamos matas y que son el oasis donde en ocasiones un mango frondoso ó un laurel verde son la pequeña sombra para calmar las fatigas, el calor y la sed del caminante tras jornadas siempre largas y penosas. Después, navegando sobre nuestros ríos, subiendo á las cumbres de nuestras montañas, donde en muchas ocasiones el egoísmo y la compasión por la cabalgadura me aconsejaron llevarla de las bridas para evitarme el peligro.

Cuando en las estaciones secas ó del verano el sol de los trópicos asoma á las llanuras y en el invierno la abundancia de las lluvias los hacen húmedos, cuando al navegar nuestros ríos vemos los tesoros de la Naturaleza, nuestra opulencia, nuestros trópicos y aquel caudal de aguas revueltas siempre, turbulentas después de atravesar los pantanos y las ciénagas, y de internarnos en la región del antiguo Dorado, ¡cuántas veces en un soliloquio constante aprendí á ser tolerante y á hacer más útil mi demagogia de estudiante y á comprender mejor los secretos de nuestros errores políticos y las dificultades del desenvolvimiento del país!

Después, cuando salí de Venezuela y conocí un poco de Colombia y atravesé los Andes y llegué al Ecuador, siempre á caballo, me convencí de cuán indispensable es para comprender y explicarse la generalidad de los acontecimientos antiguos, modernos y futuros de nuestra América, conocerla y comprenderla ante todo geográficamente.

Bien sabido es que la Geografía es parte muy principal en un país, es sencillamente el molde donde se funden las energías nacionales para el desenvolvimiento de determinadas direcciones en la historia de los pueblos. Grecia es un ejemplo, pues de todos es sabido que por su

configuración geográfica se favorece el desenvolvimiento de su belleza. En Inglaterra sabemos también cuánto han influido sus condiciones insulares para favorecer su política imperialista exterior, y ejemplo más palpable aún lo encontramos en la isla donde está enclayada la ciudad de New York, y que explica por sí solo, por las facilidades que la circundan geográficamente, aquel desarrollo vital tan enorme que está formando en territorio tan pequeño un mundo completamente nuevo.

América, en su pasado, en su presente y en su porvenir, será desde luego lo que le corresponde por su situación geográfica. La Cordillera de los Andes, que pasa de Norte á Sur, viene á ser como las vértebras de la unidad continental que reparte las aguas y establece dos mares inmensos lanzándolas desigualmente hacia el Pacífico ó hacia el Atlántico, y por coincidencia, que es como intención de la Naturaleza, lanza mayor caudal de las aguas al Atlántico que al Pacífico, como si quisiera con ello abrir las puertas de América para Europa.

Así vemos que los acontecimientos más notables de nuestra historia continental son los del descubrimiento, para poner allí cima á la primera etapa de la Historia americana con la cultura y civilización precolombina; llega luego la conquista; después, la independencia y con ella la constitución de las diferentes nacionalidades y, finalmente, nuestras relaciones recíprocas y la vida internacional más compleja que hoy se vive y que nos permite observar en el fondo de todos esos acontecimientos la importancia del problema geográfico.

Allí, á diferencia de la orientación que tuvo la civilización en Europa, son los Andes lo que orienta y distribuye la cultura indígena. Es el amparo de las más grandes alturas, en Méjico y en el Perú, donde florece la civilización y la cultura indígenas en tan alto grado como la encontraron los conquistadores, y puede decirse que la cultura fué siempre mayor por la montaña que por la llanura. De esos dos focos principales se distri-

buyó la cultura aborígen y un poco hacia el centro de América, en Bogotá, diferenciándose por ello las tribus montañosas de las embrutecidas condiciones de las tribus de las llanuras, que llevan vida miserable á la orilla de los grandes ríos y al amparo de las inmensidades de los bosques, sin noción alguna de la vida social ni de gobierno, sin rudimentos siquiera de agricultura, viviendo tan solo de la caza y de la pesca y en ocasiones, ni aun con esos conocimientos, suelen alimentarse de cierta clase de arcilla para calmar el hambre.

Así vemos que en los Estados Unidos no hubo cultura aborígen. Allá en los Andes, al término de los Andes, se divide, se reparte y se pierde nuestra unidad continental. En cambio en Méjico, en el Perú, en Bogotá, en Centro América y algo en el Ecuador, no hubo ninguna en las llanuras. Venezuela, toda la extensión del Brasil y toda la Argentina es cultura aborígen. A las alturas, á las mayores alturas, corresponde un tipo de civilización diferente, ya sean imperios guerreros, como ocurre en Méjico y Perú, ó civilizaciones y culturas religiosas, como ocurre en los dominios del Ecuador y Bogotá.

Al llegar los conquistadores á América, naturalmente hubieron de dirigirse á la Geografía para iniciar sus conquistas. No podían dirigir su actividad sino hacia los centros de mayor cultura, y por eso en Méjico y Perú fué donde la conquista tuvo aspecto diferente á la del resto de América. Allí lucharon, en guerras continuas, con todas las crueldades, con todas las violencias y con todos los apasionamientos dos Ejércitos por ambas partes, dos naciones, dos organizaciones, naturalmente, de civilización y cultura enteramente diferentes. En cambio en el Sur de América, en las regiones del Brasil y en Venezuela, tuvo un aspecto completamente diferente. Allí encontraron tribus aisladas, sin organización, á las que había de desquiciarse ó atraerse y que de ordinario acechaban sin el valor de la organización social y al amparo de los bosques y de los ríos el paso de los conquistadores.

A través de un árbol, en una encrucijada, un indio vale por cien hombres armados de rifles. Así se explica que, terminada la conquista, la colonización misma tuviera, por las circunstancias geográficas, aspectos completamente distintos. En otras llanuras las colonias hubieron de hacerlo todo: había de empezar por cambiar la vida de los indios, enseñarles a trabajar y á formar ciudades. En cambio en las alturas de Méjico y Perú no hicieron sino desarrollar la cultura inferior é implantar después la nueva.

La Geografía explica las fatalidades, los abusos, las crueldades, las dificultades que desde hace doscientos años, por ignorancia de las circunstancias geográficas, se atribuyeron á España, como obra especial é intencionada en la colonización de América.

Es indispensable conocer cuán difícil debió ser la organización de un mundo enteramente nuevo, tan desconocido como extenso, tan lejos del centro de la autoridad y poblado con pobladores de tan diferente linaje y condiciones. Hoy, siglos más tarde, con mayor ilustración, con mayor cultura, con mejores elementos, aún resulta para España problema difícil tener relaciones útiles y efectivas con América. Mucho menos podía entonces con recursos propios pretender organizar á un tiempo un mundo entero.

Debería pensarse un poco en cuánto debieron sufrir los Monarcas españoles al tener que elegir tan crecido número de funcionarios como su dominio requería para que estuviesen bien administrados. Habrían de intervenir, naturalmente, las especulaciones personales y las ambiciones y el lucro, no siempre buenos consejeros, y debieron las más de las veces mantener la ignorancia de cuanto en aquellos parajes ocurría y que, de acuerdo con el lenguaje oficial de la época, la Metrópoli llamaba islas y Tierra firme al inmenso Océano.

Llegó la independencia y en la independencia el factor geográfico siguió la misma orientación que antes había

seguido en la orientación de la cultura aborígen, es decir, la misma orientación de la conquista y de las colonias.

Es en verdad ébrio el entusiasmo revolucionario que surge casi á un tiempo en todas las colonias españolas, y es en Venezuela, en el Norte y en la llanura, favorable á la guerra, favorable á las crueldades y favorable á las grandes batallas, donde arde más. Y mientras al Sur en los catorce años de lucha se dieron tres batallas, hubo de pensar el libertador, después de constituidas Venezuela, Colombia y el Ecuador, que era indispensable seguir la ruta de la Cordillera para acabar con el dominio español haciendo la campaña en todo el territorio.

Al conocer nuestro territorio fácilmente se explica lo que la Historia cuenta, y que parece cosa como un ribete de leyenda cómo se ganaban las batallas y cómo se perdían, y es fácil comprender la alta biografía de algunos Generales si recorremos el campo de sus hazañas, y es facilísimo también ver cómo hacían asombro de heroísmo un puñado de valientes favorecidos solamente por el conocimiento de la geografía del país. Eran aquellos hombres conocedores del terreno que pisaban y se aprovechaban de todas las circunstancias que la estrategia podía darles sin conocimientos militares, y así se explica el dato curioso de que á pesar de que llegaron ejércitos peninsulares á luchar en América, eran mayores los triunfos y las victorias de los naturales del país que de los ejércitos del Rey, por la sencilla razón de que eran los mismos hijos de las llanuras y los mismos montañeses los que sin entender nada, ni del Rey, ni de la patria, ni de la libertad, peleaban con entusiasmo aprovechándose cada cual de las noticias geográficas que tenía, y en su consecuencia, más difícil era la situación para los ejércitos que iban á luchar contra la geografía de un país desconocido que para los rebeldes, y allí está la explicación de su fracaso.

Desmigajado el dominio colonial español en América en el año 1810 y proclamada la independencia de nuestras

Repúblicas, otra vez la Geografía influye notablemente, porque era indispensable fijar el territorio y distribuirse cada uno una parte del dominio español.

Sabiamente se resolvió el problema admitiendo como principio de Derecho público americano el *uti possidetis*. Es decir, que cada país tendría por fronteras las que en la época de revolución tenían las antiguas colonias. Teóricamente este fué un brillante principio, pero prácticamente resultó ser una almáciga ó un semillero de las más agrias discusiones y disputas territoriales, y bien difícil ha resultado durante un siglo saber cuáles fueron en 1810 los límites de las antiguas colonias. No estaban de acuerdo con la Geografía y, además, mal conocida en aquella época, inútil era la distribución de jurisdicciones mientras todo el territorio estuvo bajo el dominio español. Complicaban además la situación las diferentes jurisdicciones civiles, militares y eclesiásticas que existían, y los agentes del Gobierno, que en interés propio cada cual pedía, según sus influencias en la Corte, que se incluyesen unas provincias ú otras en el territorio de su Capitanía general, y así unas veces estaban unas provincias bajo el dominio de Colombia y otras bajo el de Venezuela; y no era sólo eso, sino lo que es más grave, es que tampoco el Rey de España supo en aquella época cuáles eran, en algunas partes, las fronteras de sus colonias, seguramenté por ignorancia geográfica de la época y por desinterés, y así resultó cosa curiosa, por ejemplo, el caso de Venezuela y Colombia, que al querer dividir nuestro territorio, ante las grandes dificultades nada más lógico nos pareciera que someter el pleito al arbitraje de la Corona de España. A la muerte del Rey D. Alfonso XII surgió la dificultad de averiguar cuál sería el territorio correspondiente á Venezuela y el que pertenecía á Colombia.

Yo que he intervenido en el asunto de las fronteras venezolana y colombiana he llegado á convencerme y á demostrar que nos hizo la Corona de España un beneficio

estimable al ejercer las facultades arbitrales que se le dieron, porque ante la imposibilidad absoluta de fijar una frontera que jamás existió en tiempos del dominio español, la Corona de España halló la manera de evitarnos un conflicto para el porvenir dándole á Colombia la orilla del Orinoco y á Venezuela un territorio que en realidad no le pertenecía. Pero no hubieron de terminar aquí los tropiezos y las dificultades que la Geografía nos creara, pues al tratar de demarcar en el terreno las fronteras han existido siempre grandes dificultades.

Casi igual ha ocurrido en todas nuestras Repúblicas. En estas circunstancias fácilmente se comprende cuán difícil es el desarrollo económico y político de países mal conocidos geográficamente.

En Venezuela, por ejemplo, la falta de caminos vecinales, la innavegabilidad de los ríos en las épocas secas han sido la causa principal de los desórdenes políticos. En general la incomunicabilidad por las grandes distancias y las dificultades de salvarlas ha sido un fenómeno que ha existido siempre en casi toda América, pero en forma desigual, según la constitución geográfica. Argentina y los Estados Unidos, por su situación en las zonas templadas y por la posibilidad de una inmigración fuerte, han podido desarrollarse sin los trastornos que las demás Repúblicas han tenido. Sin embargo, allí mismo á pesar de la inmigración, los desórdenes políticos tuvieron como causa la misma incomunicabilidad, las mismas dificultades de comunicación, el alejamiento del centro de la autoridad.

Hasta hace poco en la generalidad de nuestros países, sin dominio de las dificultades geográficas, sólo abriendo caminos, canalizando ríos, saneando territorios inhabitables, es como ha podido desarrollarse la economía nacional. Y en nuestras relaciones de orden internacional, cuando éstas se van haciendo más complejas, vemos cómo el obstáculo geográfico sirve aún de punto de apoyo para la debilidad nacional. El caso de la invasión americana

y el fracaso de los ejércitos en persecución de un bandido como Pancho Villa, es obra exclusiva de la Geografía, y la guerra que desde hace casi un año se sostiene con Nicaragua es una guerra motivada por las dificultades geográficas.

Es curioso ver que sólo tienen nuestros países como fórmula de progreso económico y social vencer la Geografía, vencer los desiertos que á todos nos separan, y se comprueba también cómo hoy persisten esas dificultades, quizá, naturalmente, en más pequeña proporción, pero de igual substancia que las que en tiempo de las colonias impidieron la organización y fomento normal de aquellos países.

El Jefe civil de la autoridad local fué desde hace algún tiempo en todos nuestros países lo que los agentes del Gobierno fueron para la Metrópoli, causa de estorbo, de engaño y de dificultades, y semillero de reyertas, de revoluciones y de hechos represivos. Esta circunstancia, que todavía hoy persiste, ha demostrado ser el argumento más fuerte de justificación de las colonias, de la política colonial de España en América.

HE DICHO.

DIARIO DE LA EXPEDICIÓN AL PACÍFICO

**Llevada á cabo por una Comisión de naturalistas españoles,
durante los años 1862-1865, escrito por D. Marcos Jiménez de la Espada,
miembro que fué de la misma.**

Publícalo ahora por vez primera, adicionado con notas, el
P. Agustín Jesús Barreiro, agustino.

SEGUNDA PARTE

(Continuación).

*Preparativos y procedimientos de los indios del Napo
para construir canoas.*

Días 1.º de Mayo (1865) al 6.—Sin apuntes.

Día 7.—Por la noche gran lluvia; creció 2 y media varas el Misagualli; se oía el ruido de las piedras que arrastraba la corriente. Llegaba el agua á cubrir la base y ramas caedizas de los arbustos de la isla.

Día 8.—He visto el Misagualli crecido con aguas amarillas, y baja rápidamente como había subido; desde las seis á las doce, una vara y media.

Estamos detenidos por la crecida del Misagualli, que no dejando de llover más ó menos no deja un vado seguro hasta embarcarnos en las canoas.

Día 9.—Sigue creciendo el Misagualli; las cargas están ya hechas y aguardando. Para hacer una canoa estos indios ribereños del Napo y afluentes navegables, van al bosque, escogen el árbol de que han de construirla, examinando bien el tronco, después hacen chacra alrededor,

es decir, desmontan el suelo. Siembran primero maíz, plátanos, habichuelas, etc., construyen un tambo y se va a vivir allí la familia del indio y parientes más próximos, tan luego como las plantas van estando en sazón. La emigración tarda dos ó tres meses, que son necesarios para construir la embarcación. Lo hacen del modo siguiente: echan abajo el árbol quemando la base, cortan el tronco á lo largo de la canoa, hacen un surco longitudinal con hacha, siguen agrandándolo con fuego y cuando hay que afinar los costados dejándole el grueso suficiente, apagan con agua y queman poco á poco alternativamente, hasta que el grueso sea igual. Lo mismo hacen por fuera, y por último lo rasgan para quitarle el carbón.

Ha llegado de vuelta el viajero que venía del Marañón, después de aguardar cinco días á la orilla del «Jondachi» á que bajara. Su familia, compuesta de mujer, dos hijos, uno de pecho y una negra. Va á curarse el mal de orina desde Tabatinga!!! (Brasil).

De Archidona á Tena.—Origen de éste.—Su situación.—La bajada por el Misagualli.—Destreza de los remeros indios.

Día 10.—A las nueve y media salimos de Archidona el Gobernador y yo, á pie, Martínez, Isern y Carvajal se habían adelantado una hora; á las diez y media en *Lagarto-yacu*; á las once llegamos á la embocadura del «Misagualli» e inmediatamente embarcamos; á las once y cuarto llegamos á la confluencia del «Tena» con el «Misagualli»; á las doce y media al Tena, después de surcar río arriba hasta la confluencia de éste con el «Pano». Aquí está Tena, pueblo de unas 20 casas, fundado á consecuencia de una gran contienda entre dos barrios de la antigua Archidaca *Rucu-llacta*. La rivalidad de los dos barrios tenía su origen en la de las dos más principales y dilatadas familias de ellos, los Grifas y los Cerdas. Los primeros quedaron en Archidona y los segundos fundaron

á Tena. Este pueblo, que no está marcado en el mapa de Villavicencio por ser posterior á dicha obra, nació en tiempo de *Apucérda*, ídolo de los indios y su gobernador por los años 52 á 56.

Tena está sobre el río del mismo nombre, sobre una posición amena y risueña próxima á Archidona; tiene alrededores más amplios, como convenía al centro de las misiones jesuíticas. En «Archidona» no hay brisa, en Tena sí, y muy agradable. El río es más manso; en lentitud sigue como el «Misagualli», pero las piedras que arrastra son muy pequeñas y su superficie rizada contrastando con la de la desembocadura del «Pano», á quien detiene en su curso y que parece una tranquila laguna. El «Misagualli» se enturbia con facilidad y se pone sucio. La bajada por él ha sido uno de los más deliciosos momentos del viaje, sobre todo al descender de pie sobre la canoa contemplando los frecuentes paisajes de cascadas con la rapidez de una flecha por entre las espumas, las oleadas irregulares y remolinos, reforzados con el viento que movían la embarcación.

He admirado la destreza de los indios para conducir sus chatas canoas, largas como de seis varas y una de ancho, levantadas igualmente de popa y proa, angostas y aguzadas, ésta (la popa) ancha, y aquélla (la proa) cortante.

Uno, en la popa, dirige la canoa y la empuja al propio tiempo con un remo de pala elíptica y mango corto (popero); dos empujan con sus *taimas*, como con un bichero, apoyándolas en el fondo del río. En las piedras y en los pasos difíciles colocan á proa otro remo. Es imposible contar las vueltas y escarceos de una canoa bajando este río, á veces (en los pongos) sobre un plano inclinado y dando botes sobre las piedras. Al subir el Tena en estos sitios (pongos) se echan fuera de la canoa, saltan al agua, la empujan por los costados y el popero apoya las manos en el corte de la popa. Van al paso indios ágiles y robustos, ceñidos con una corona de plumas de Yubi y Pis-

hira entretrejidas en aros de una especie de mimbre y pasando un pongo dan al viento y repiten, los ecos de los bosques de las orillas, las notas de una trompa de asta, tristes y prolongadas. Jamás les abandona la alegría, y así en éste como en sus trabajos y fatigas, jamás faltan las carcajads naturales y salvajes que sólo á ellos he oído.

Una canoa con cuatro indios cuesta medio peso de la moneda ecuatoriana y por la mitad hacen las cargas por tierra desde Archidona al Napo. El Gobernador, que venía en *guanda* (1), en hombros de ocho indios ó en manos en subidas y bajadas, pagó dos ovillos de algodón por hombre. ¿Llegaría á valer un ochavo cada ovillo?

Retrato de los indios tenas.—Habitación.—Costumbres.

Día 11.—Los caracteres que me parece pueden señalarse con certeza á los indios de esta provincia, son: cuerpo de estatura regular y bien proporcionado; músculos robustos, de suave contorno; piernas proporcionalmente más cortas; manos regulares; pie de planta muy ancha, torcido generalmente hacia dentro por el modo con que tienen que andar y la frecuencia de sus viajes y condiciones de los caminos; color cobrizo; pelo negro, lacio y grueso; vello nulo ó muy escaso en cuerpo, sobacos y cara, en el pubis, más abundante; cráneo pequeño algo piramidado, frente estrecha y poblada, ojos negros estrechos, no muy grandes, y con frecuencia oblicuos, pestañas casi rectas, línea ó surco de los ojos y espesor de la nariz muy hundidos, pómulos desarrollados y la línea de la cara que pasa horizontalmente por ellos muy larga, de modo que la cara se estrecha rápidamente hasta la barba, que es retraída. La nariz, ancha en la base, chata y ya remangada ya aguileña, se levanta desde el extremo ocular hacia la punta; boca grande en arco con los extremos hacia abajo; el labio inferior se retrae como la

(1) Especie de silla gestatoria.

barba, el superior muy desarrollado hasta en su borde, que es muy ancho, cortado perpendicularmente á bisel. El desarrollo del labio superior y el levantamiento de la nariz les forma una especie de hocico ó prolongación de cara hacia adelante y superiormente. La mayor parte de los caracteres son consecuencia del desarrollo de los pómulos y maxilares superiores.

Disposición de las casas de los tenas.—Tendencia de estos á vivir en los bosques.—Visita á un tambo.—Los indios en la intimidad.—Mecanismo para la pesca.—Descripción de un murciélago.

Día 12.—Las casas de Tena están dispuestas caprichosamente, como en Archidona, y supongo que en los demás pueblos sucederá lo mismo. Hay siempre una tendencia á retirarse hacia el bosque y lo más alejado posible del cabildo y del convento. Forman el pueblo de tan mala gana como sus habitantes. No se vé ese deseo y sumisión á aliarse, unirse y disciplinarse, como en los pueblos que principian de buena fe.

He dado un paseo por el manso «Pano» en una canoa conducida por dos indios. He visitado un tambo colocado en una situación cómoda y pintoresca, á la orilla del mismo río, con fácil embarcadero y una playa ó finca amena. Por delante una canoa varada en la playa. El tambo, que tendrá ocho varas en cuadro, está habitado por dos indios de edad, dos matronas, dos jóvenes casadas, con sus maridos, dos indias, adolescentes doncellas, y seis niños lindísimos; total, diez y seis personas. Como todos los tambos, tiene dos puertas que se corresponden y se cierran con una especie de mamparas colgadas encima de las puertas con una cuerda de estera y se abren haciéndola oscilar, de noche, á su izquierda, ó se cierran dejándolas oscilar con su propio peso. Son de huama picada. El dintel de la puerta se levanta media vara del suelo, á causa de los reptiles, de manera que casi se entra

por una ventana. No tienen más abertura, y sólo la claridad que se entra por las rendijas de la huama picada, que forma las paredes ó *quinchas*. Una puerta da al río, la otra á la chacra ó huerto de yuca, mandis y plátanos. Es fresco por dentro, limpio y con una media luz agradable. Reina en alto grado el olor almizclado desagradable, característico de los indios, que se mezcla con el del humo. Cruzan la parte media del tambo á la altura de los postes que sostienen la techumbre, unas patas de caña en que apoya un vasar ó estante ancho de dos varas, donde guardan víveres que el humo cura.

El mueblaje es sencillísimo: á uno y otro lado de la única sala, en la parte superior que corresponde á las caídas del techo, se levantan sobre estacas á una cuarta del suelo tarimas hechas de lustrosa huama picada, que les sirven de asiento y de cama. Situado detrás de (las) tarimas hay un tabique, de huama también. Algunos cuelgan hamacas de la techumbre para los niños de pecho..... Cuando yo entré, el más viejo estaba tendido indolentemente sobre la tarima (cahuito), ocupación de estos indios cuando son ancianos. Las matronas trajinaban por la casa; las casadas, una tenía su hijo y otra se abanicaba con un abanico hecho de plumas de la cola de un pájaro de monte. Era la mejor vestida y sobre oscura pacha brillaban como una cascada innumerables sartas y collares de blancos *muyos* ó abalorios. La mayor de las doncellas se ocupaba en renovar el agua del condensador en el aparato donde se destilaba el aguardiente de plátano (Trayo), industria que les enseñó un cura llamado Herrera.....

El aparato para destilar aguardiente es muy sencillo: una olla de boca ancha, que contiene el *hwarapo* (jugo de plátano macerado en agua), sobre ésta otra de boca estrecha y sin fondo. En ésta, por el borde interno, acomodan una canal de madera, que desemboca en un agujero de las paredes de la olla donde fijan un canuto largo de caña. La olla está tapada con una paila ó cazuela de cobre, donde echan agua fría para liquidar el vapor le

aguardiente, renovándola de continuo. Del canuto va á parar á las *quisas*, donde guardan el líquido para venderlo o consumirlo. Como quisiera obsequiar á los de mi canoa, en lugar de *quisa* pusieron una botella (limeta), como las llaman, y al extremo inferior del canuto una capa de algodón para que pudiera entrar el chorrillo en la botella. Aún había aguardiente caliente, como un ponche. Mientras se regalaban mis canoeros y para dejar más á gusto á los indios, poco partidarios de que los blancos visiten sus viviendas (sobre todo las mujeres, que se esquivan y esconden y aun huyen á la aproximación de éstos), bajé á la playa acompañado de uno de los indios del tambo. Ví volverse á éste de repente, coger las redes y ocultarse detrás de la canoa. Mientras tanto iba ensartando en el dedo medio de la mano derecha la relinga de la red que replegaba. Lanzóla de repente al río haciéndola describir un semicírculo y tratando de enhebrar en él á su presa; pero el pez fué más listo y saltó del otro lado por fuera.

Más arriba del tambo observé un remanso artificial con una compuerta cerrada mediante un aparato de hojas de palmera y palitos, de fondo levantado sobre la superficie del río, al cual baja el agua del remanso por una cascadita y en el que, como en una criba ó cesto, quedan en seco los peces, corriendo el agua por los agujeros.

Me han traído el murciélago número 71. Una lista blanca desde la comisura de la boca hasta las orejas, y hasta la parte media de la cabeza también blanca. En medio de éstas y donde concluyen empieza otra del mismo color, que termina en la región candal; paladar y parte interna de los carrillos amarillo-pálido; los repliegues de alrededor de la nariz del mismo color, más vivo en los tuberculitos y partes salientes; base de las orejas por dentro amarillo-pálido, concluye el color á la mitad, pero se continúa en el borde interno hasta el ápice; trago, anti-trago y sus repliegues cercanos amarillo más vivo, so-

bre todo el trago. Extremo libre del pene, amarillento también.

De Tena al Napo.—El río.—La población.—Los napotoas. Procedimiento de los jíbaros para la reducción de cabezas.—Los indios canelos.—El loco de Quito.

Día 13.—A las ocho de la mañana salí de Tena, atravesando? el río en carro, hasta la boca del camino del Napo, que aparece desde el Cabildo. Sigue la senda sumamente lodosa, aunque bastante igual; es un contraste con el trozo que hay desde Archidona hasta el embarcadero del Misagualli.

El tiempo lluvioso. El agua nos acompañó hasta el Napo, adonde llegamos á las diez de la mañana, sin detenernos.

Bajé á ver el famoso río, el *Halma-yacu*, como le llaman los indígenas. Tiene frente al pueblo como unas 120 varas de ancho; es tranquilo y profundo, de aguas verdosas, porque el sordo ruido que se percibe lejano es el de las torrenteras de cotos, más abajo. La hoya es profunda, alta la pared de la derecha y perpendicular; declive suave desde el Balsano. Un samai antes, viniendo de Tena; aunque el frente del pueblo está cubierto de vegetación, se vén á trechos alternadas las capas negras de lignito con las rojizas y amarillentas de las arcillas. Napo es triste, sin vegetación ni brisas; más grande que los demás pueblos que hasta ahora hemos visto, y en general las casas de los indios más espaciosas. Son tristes, retraídos, y contrastan en sus caracteres con los alegres y expansivos Tenas. Usan más de la camiseta y pantalón largo.

Se vén bastantes blancos, es decir, gente que no es india. También (se) hospedan aquí, accidentalmente, unos cuantos *canelos* con sus coletas. Tiñen las manos, cogote, cuello y orejas de un morado obscuro, y de achote las caras con rayas del gusto egipcio, de tal manera, que

uno de ellos, de hermosa figura por cierto, tenía indudablemente una cabeza como las pintadas por los egipcios. Usan un calzón corto como á principios del siglo, teñido de rojo ó de morado, y el poncho ó *cuxma* muy largo. Su fisonomía es más regular que (en) los indios de esta provincia: boca más movida, ojos más vivos y en muchos..... y más grandes, nariz muy regular y los pómulos sobresalen con gracia en la fisonomía, el color parece más pálido.

Han vuelto por la tarde y examinaron los revólveres y escopetas Lafocheux llamándolas maravillas, y uno ha tirado con ella sin mostrar asombro, más bien placer. Usan de ellas en sus guerras contra los jibaros, sus vecinos, por lo que les vencen comunmente. Estos canelos, en número de 11, son comerciantes que vienen á cambiar sus artefactos (bodoqueras, etc.) por oro, á pesar de tenerlo allá de mejor ley. Nos han asegurado que el procedimiento que emplean sus enemigos para modelar y conservar sus cabezas después de matados sus prisioneros es el siguiente: *la desuellan, la vuelven con las facciones hacia afuera, vierten dentro un jugo curtiente, la introducen en una cavidad de molde y en cuanto está empapada en el curtiente meten dentro piedras calientes que van renovando hasta que la cabeza contrae el tamaño, en que se la cuelgan á la cintura con cordones.*

Van los canelos teñidos de *huito*, jugo de un fruto de este nombre que da un hermoso color negro, que aquí en el Ecuador lo usan para las canas.

Los indios de esta provincia en sus casamientos y fiestas además de los derechos al cura, que pagan en oro ó en plata, llevan también un presente ó *camarico* (que eso significa) compuesto de gallinas, útiles de cocina, huevos y frutas. En los casamientos la novia lleva dos gallinas y el novio dos gallos; la madrina otras dos gallinas y el padrino otros dos gallos, además doce huevos cada uno, piñas, plátanos, yucas, etc. *Micozuca* y *huairichima* ó aventadores de plumas de pavas. Acompañan al cortejo

cantando un recitado con música de tamboril en que se dice al cura en estos ó parecidos términos (porque eso depende de la imaginación del que improvisa): Toma, aquí te traemos nuestros bienes, el fruto de nuestro trabajo y de nuestro sudor, hártate pícaro, ladrón, etc., etc. El que dice esos improprios está reputado como el más hábil cantor.

No quiero olvidar, entre los locos de Quito, al que decía ser Obispo desde el vientre de madre, pues había nacido con el pelo en forma de mitra, la jiba como roquete y el miembro encorvado como báculo. Se hacía tan sumamente rico que al ocurrir un terremoto exclamaba: *es el tropel de mis ganados, que al andar mueve la tierra.*

Mr. Jorge.—Su historia y carácter.—Su posesión y sus trabajos.

Día 14.—Hoy hemos ido á hacer nuestra visita á Mr. Jorge (como le llaman por aquí), un norteamericano que tiene un establecimiento de cultivo cerca del pueblo río arriba, amigo del Gobernador, algunos dicen que su socio para beneficiar el país, y hombre que por su vida, misántropa, entereza de carácter, habilidad é inteligencia, goza de fama en toda la comarca. No se necesita mucho para sobresalir entre estos abyectos indios americanos. Celébralo su honradez y laboriosidad.

El cielo estaba cubierto y prometiendo lluvias. Sobre el río, como en unas diez varas donde sus aguas se extendían, una viña larga y estrecha que estaba destacando como una caja sobre el verde obscuro de la selva de la ribera.

Poco más arriba del pueblo la margen izquierda, como he de enfrente, está cortada á pique y muestra las capas, que lame el río, de una marga terciaria, azul-obscura, cargada de fósiles, dura y con una inclinación de 20° sobre la superficie del río buzando las capas en dirección contraria á la corriente. Cruzábamos el río Napo oblicua-

mente hasta dar en una playa pedregosa, como todas las del mismo; á esta altura y donde los indios lavan su oro, haciendo fosetas como de media vara de profundidad, después de separar las piedras más gordas. Véase ya, desde esta playa, la entrada del «Yunquino», antiguo canal del Napo, cuya margen izquierda es también acantilada y profunda, continuación de la que viene del Napo (pueblo). Continuamos á lo largo de la playa como un cuarto de hora, y con una regular lluvia, aguardamos á los compañeros para volver á chumbar el río y dar en la playa donde desemboca el camino de la casa de Jorge.

Nos embarcamos y seguimos un cuarto de hora arrimados á la orilla para tomar altura suficiente, á fin de caer en la arribada á favor de la corriente, en el sitio que nos proponíamos. Este trozo de orilla está cubierto de una leguminosa muy original. Tiene sus hojas muy menudas de un verde esmeralda, todas tienen el haz superior de las ramas de modo que parecen peladas por debajo. Estas se extienden horizontalmente sobre el río hasta cuatro ó cinco varas, en donde inclinados estos parasoles hacia la corriente la canoa pasa por debajo de una galería.

A poco de haber saltado en tierra tomamos por un camino que resguarda un extenso platanar colocado á todo lo largo del margen y que se anega en las crecidas, cubriéndose de una capa de benéfico limo. Detrás del platanar está sobre una altura la casa construída á semejanza de las del país, pero con más comodidades (más) estética y sólida que la de los pueblos. Debajo del piso hay una máquina para hacer harina de yuca, un trapiche y una prensa para tabaco. Cerca de casa, el gallinero, el corral de puercos, etc., todo muy bien combinado. Rodean la casa hermosos naranjos, surales, piñas, etc., y no muy lejos se vén los cercados de limoneros que rodean el plantío de vainilla á que se dedica especialmente el nor-teamericano.

Recibiéndonos éste en medio de la avenida de los plátanos; joven, pálido, de fisonomía melancólica y dulce, serio y

de poca palabra. Desde su tierra vino con otros compañeros á buscar oro en este río, cansáronse aquéllos y él se quedó cultivando parte de las 16 cuadras superficiales que concede el Gobierno á los colonos de estas tierras, aumentando la donación con los años y buena conducta del colono; Jonnes Edwards la escogió en un sitio sano, ameno y pintoresco, y al mismo tiempo rico. La tierra es ligera, arenosa y ventilada; tiene parajes secos y otros anegadizos para arroz, plátanos, maíz, etc.; la seca, para vainilla. Rodea á gran parte de ella por el N.E. el «Yunquino», mas no es otro que el Napo, y hacia el O. se divisa la confluencia del «Napo» con el «Amungo», que viene recorriendo los terrenos paytas? que se pierden en el horizonte.

Dedicóse Jorge, al principio, á cultivar tabaco que deseaba; fijóse después en la vainilla, y desmontando y limpiando él mismo el terreno recogió plantas de los bosques cercanos y, en número de tres ó cuatro mil, las trasladó á su posesión. Dentro de tres ó cuatro años recogerá tres ó cuatro mil libras de vainilla, que vendiéndolas á 10 pesos en Europa, le harán una fortuna considerable. Con esta fortuna piensa volver, acompañado de algunas familias americanas expertas en la explotación de los placeres de California, para establecer un extenso lavadero en el «Yunquino» y dar principio á una extensa y laboriosa población.

El tipo de Edwards es el modelo que deben imitar estos blancos, con tanto trabajo y de miras que por su elevación tienen por objeto la felicidad de los demás al par que la suya. Al revés de los otros blancos, que dependen de los indios en su comercio, en el alimento de chicha y que es necesario para el sustento cotidiano.

Jorge vive solo y no necesita de nadie. El mismo hace su plantío y recoge su cosecha; él mismo los labra y cultiva, él construyó su casa, sus máquinas y muebles, pero no así como quiera, sino con una perfección á que no pueden llegar los carpinteros y torneros de la capital del

Ecuador. Jorge no necesita de nadie. Tiene para su servicio dos criados indios záparos y una india vieja que le cocina y le lava el oro del «Yunequin», para tener la moneda necesaria para algunas compras. ; Qué contraste con los otros blancos, que tienen que aguardar para comer á que vengan los indios con la yuca! Jorge es obsequioso y amable. Su aislamiento y misantropía son relativos á la gente que le rodea.

Nos obsequió con buenas naranjas, piñas y excelente café, de su plantío. Tardamos siete minutos á la vuelta por el mismo camino en que antes empleamos tres cuartos de hora.

Quieren atribuir algunos á la protección que le han dado gran parte del éxito de Jorge; quizá haya algo, es cierto que ellos se entienden; pero si él siente alguna protección también lo es que con algo le ha de pagar, y es muy probable que deba á él el gobernador, más que él á éste.

Los brujos. — Su influencia entre los indios. — Procedimientos curativos. — Afluencia de blancos en Napo y conducta de los mismos.

Día 15.—Ha llovido mucho durante la noche. El río, bravío, ercrido, de color amarillento y arrastrando árboles arrancados de raíz. Temperatura del agua corriente 19 grados.

Los brujos son generalmente entre estos indios los más despejados y astutos ó los que por una ó más casualidades, á que dan importancia la ignorancia y superstición de los otros, adquieren la fama de las brujas en España causando mal de ojo, *jetatura* entre los italianos, etc. Los dolores agudos en general y algunas enfermedades son atribuidos á ellos, que en el entendimiento de esta gente tienen el poder de lanzar virotos invisibles que producen en el cuerpo el dolor del virote real é invisible.

Temen mucho los indios las amenazas de éstos, moti-

vadas cuando no hacen lo que ellos (los brujos) quieren, prometiéndoles clavarles uno (de los virote). Es arte ó ciencia que creen poderse transmitir, y así hay indios que vienen de lejos á buscar algún brujo célebre, que los inicie en los secretos de la brujería.

Vicente Guja Curado, de Archidona, tuvo en su tambo algunos indios del interior, de quienes recibió ponchos y regalos y se burló después en grande. Entre los mismos brujos los hay curanderos que se dedican á extraer el virote invisible que clavó otro brujo. Si lo consiguen, es decir, si el enfermo por casualidad sana, adquieren gran fama, si no no pierden, porque dicen que el poder del que clavó el virote era mayor que el suyo. La familia pone á disposición del curandero el enfermo, aunque sea una doncella.

La cura se hace en presencia de la familia (si es viejo ó vieja) en el tambo solos, en el río ó en el bosque, según los casos. Desnudan enteramente el cuerpo del paciente, chupan la parte dolorida para extraer el virote y después soplan para arrojarlo al viento.

Hay brujos ladinos, que tienen escondido entre los dientes ó debajo de la lengua un aguzado palito, que muestran después de chupar, diciendo que lo han sacado de entre las carnes, y hay otros, mucho más tunantes, que siempre efectúan la curación de las niñas bonitas en el bosque ó en los ríos lejos de la familia.

El «Yuta-pingo» pasa por medio del pueblo de Napo, no al Occidente, como dice el mapa de Villavicencio, y el «Lagarto-yacu» entre Tena y Archidona, mucho más abajo hacia Tena. Este mapa, por lo que veo, está, como dicen, plagado de inexactitudes.

Después de puesto el sol se levanta una niebla sobre el río que se hace cada vez más espesa y que á poco se convierte por la noche en lluvia.—Temperatura media en estos días 26° cent.

La causa de venir aquí tanto blanco, á pesar de las malas condiciones del pueblo, es porque circula más oro

que en ningún otro. Solo se ocupan en trampear y en desmandarse, en sacudirse algún que otro moquete y volver después á hacer las paces. El juez, es el herrero.

Inexactitud de Villavicencio al referir la ascensión de Bolívar al Chimborazo.

Día 16.—El río está casi á su nivel ordinario en esta época, pero dicen los indios que aún no se puede subir.

Llaman los indios á este pueblo *Ueua-llaeta*, pueblo de la cabecera, por ser el que se encuentra más al origen del Napo.

No es cierto lo que dice Villavicencio al describir el Chimborazo, respecto á la ascensión de Bolívar; ni entró más allá que Humboldt, ni escribió allí su libro «lleno de fuego y de contemplación». Lo que hubo fué lo siguiente: después de la sobremesa de un banquete dióle la humorada de subir desde un pueblo cercano al cerro, hasta el límite de la nieve, acompañado de sus edecanes y séquito, permaneciendo allí un corto rato. Así me lo ha afirmado el Sr. Cárdenas, con referencia á testigos presenciales de la ascensión. Vino a hacer un verdadero servicio á la ciencia demostrando los pocos peligros de la ascensión, hijos la mayor parte de la imaginación.

El último gran terremoto de Quito fué el año 1859.

Paseo con Edwards.—Carácter de éste.

Día 17.—Lo pasé con Jorge Edwards en su casa. Dimos un largo paseo por los bosques y enseñándome maderas útiles y plantas medicinales y los mismos árboles de donde él sacó el material para hacer sus muebles y sus máquinas. Bálsamo—*yana-culli*, cedro, árbol de corteza purgante, etc., etc.—Comida frugal.—Carácter recto, sencillo y verídico. Como en los Estados Unidos nacen con el libre-cambio en la masa de la sangre (de aquí) sus proyectos de independencía y la mala gana con que aguanta

los auxilios del Gobernador. El camino lo hice por tierra.

Día 18. — Después de almorzar vino el Gobernador anunciándome que Martínez é Isern se van sin mandar un recado siquiera.

Ayer llegó la canoa de Tapia, y disponemos para mañana el viaje al Napo.

Parte de Napo.—Itinerario.

Día 19.—A las diez y cuarto salimos de Napo; siete minutos más abajo está *Cotas*, no es más que un doble descenso del río al precipicio por dos suaves cascadas, cuyas aguas se reúnen al medio de la corriente; de aquí á doce minutos se pasa por Chiu ó «Tio-pungo», cascada ó caída cortada por una línea de piedras, algunas de las cuales sobresalen de la corriente. Un poco más abajo el río ha cambiado de curso; antes se dirigía por la izquierda. En el sitio en que se vé una playa de piedras, ocho minutos más abajo, vése á «Sundi-pungo»; es una suave cascada (que) concluye con otra más rápida junto á la entrada del río «Sindi».

En este paso dejan los indios la canoa á merced de la corriente. A los siete minutos en «Latas», sitio muy característico; el río dividido en tres brazos (que) se reúnen junto á una punta de (la) caliza fosilífera que antes dije y forma una rápida cortada con sus remolinos. Sigue luego encajonado profundo y de media cuadra ó menos de ancho en un lecho de piedras estratificadas. Siete minutos más abajo se da en «Serafines», caída brusca y rápida que choca á la derecha con una media pared, continuación de las rocas estratificadas, formando remolinos de peligroso paso antes de la gran erupción del Cotopaxi.

Había piedras salientes que cortaban el agua en la bajada y la empujaban con fuerza contra la pared de rocas. Decían verse como esculpidas en los pedrones unas figuras como de *Serafines*. Se las veía de noche.

Desde Serafines las capas calizas buzan en sentido contrario con el mismo ángulo próximamente.

A las once pasamos por *Ubilla-Nangasa*, después de andar todo lo largo que es el espacio que media entre «Serafines» y esta vuelta. Hay en ella una bajada bastante rápida.

A las once y cuarto pasamos por «Misagualli-pungo», cortando sus rojizas y lodosas aguas. Frente se vén las capas de arenisca roja del cerro de *Puca-Urcu*. A las once y media en Aguano. Llovía. En aquella canoa los indios venían borrachos.

Aguano.—Su situación.—Las chindas.—Variedad de paisajes.

Día 20.—Aguano, pueblo formado por Villa-Urcu? de la mitad baja del Napo. Indios más alegres y comunicativos que sus antiguos vecinos. Está sobre una posición de vista deliciosa, á la orilla de los barrancos del río (que tendrán seis varas de altos), á los cuales lame con sus aguas y que concluirá probablemente por llevarse, á causa de los continuos derrumbos debidos á la tierra floja y movediza. A la derecha, río arriba, se van elevando lentamente los cerros; por último, se divisan las cimas de lo más elevado de las cordilleras, entre ellas el plateado Antisana. A la izquierda, río abajo, la dilatada llanura de bosques, por donde corre el Neme los cortos brazos formando *Balsa-chieta*.

Hasta este punto se notan dos correntadas, una que entra en Supay-playa y otra que lo hace en Balsa.

Se llaman *chindas* los amontonamientos de palos y ramajes que dejan las grandes crecidas en los troncos de los árboles. *Balsa-chieta* termina en *Pungo-yacu-puco*; hay un tranquilo remanso. Llegamos allí á las once en punto. Al llegar á *Pungo-yacu-puco* que entra en el sitio en que el Napo choca contra *Charcapas-Urcu*, inclinándose á la derecha y lamiendo sus pies, si se vuelve atrás

la vista se disfruta de la perspectiva más deliciosa del río y de la vista más sublime de su bellísimo término, dibujándose sobre el cielo las cimas de las nevadas de Quito. A las doce menos veinte pasamos entre la «Isla de la Campana» y la entrada del Napo, matizado de tintes verdes sombríos el horizonte. Descuella entre estas masas un cerro cubierto de altos árboles, á cuyo pie corre el «Ara-yuno» próximo ya á invadir en el Napo. En frente, una cortina de bosques con una ancha playa, detrás los árboles tocando las casas, que suman en total de 20 á 25. Los blancos, parecen más honrados. Un Sr. Boado, beatón solapado, pero con algo de conciencia, parece ser el agente de tráficos del Gobernador. Es un buen tipo.

De Aguano á Santa Rosa.—La ruta.—El paisaje.

Los ríos.—Santa Rosa y sus habitantes.

Días 21 y 22.—Salimos de Aguano á las diez y media de la mañana; á los diez minutos de doblar la punta de *Supay-playa* se pierde de vista el pueblo y se divisa una gran roca que divide al río en muchos brazos. A la derecha, aparece la sombría y obscura entrada del «Ara-yuno»; tomamos el segundo brazo bajando á la izquierda. «Ayacu», pequeño río y linda isla. Velocidad, una vara por segundo y algo más. Pasado este punto, se vé la ramificación del *Guacamayos* que concluye en Santa Rosa.

A los doce pasos frente á los restos de *Muxuc-llacta*, situado hacia la orilla derecha frente y un poco más arriba de *Hatum-guambuni*, restos de la iglesia tumbados frente al río y una choza sin habitantes.

Abandonaron los infelices napotoas el primer pueblo por malsano y han tenido que hacer lo mismo con *Muxuc-llactu*, retirándose á Santa Rosa y llevando consigo las campanas de la iglesia. La mitad del río que carga á la izquierda en un solo brazo, se ensancha y subdivide en cuatro ó cinco (esto depende de las épocas) formando uno solo semejante á *Balsa-chieta*. Desde aquí se divisa la

iglesia de Santa Rosa, y sucesivamente van apareciendo, á derecha é izquierda, las demás casas. A la una y cinco minutos llegamos á Santa Rosa.

El pueblo está abandonado á causa de una disenteria que hace algunos años ha diezmado á los indios de estos contornos. La enfermedad fué atribuída por el Gobernador á la excomuni3n de los indios por el P. Pisamog, cuando la famosa aventura del mes de Octubre al llegar los ladrones de la provincia de Oriente. Reuniéronse en Semana Santa y volvió á acometerlos la peste. Hoy apenas queda alg3n que otro indio.

Santa Rosa tiene una posici3n más elevada que Aguano; pero se disfruta de una vista muy semejante, aunque el paisaje es más amplio. La línea de las cordilleras que se divisa es muy larga. Se alcanza ver el Sangay como un fanal y sus ruidos se oyen distintamente y con frecuencia.

Excursi3n á una zaparia.—Vocabulario záparo.

Día 23 de Mayo de 1865.—A las once de la mañana salí con Pancho, Pablo Sandoval, un chiquito suyo, tres indios y una canoa, con el objeto de visitar una tribu de záparos. Pablo Sandoval llevaba blusa con ceñidor y una enorme asta de chonta (1) con un largo hueso, yo mi tanna y mi escopeta; íbamos provistos de chaquiras (2), cuchillos, hilo, etc. A las once y diez pasamos la embocadura del Sunno, tomamos el brazo ancho y hermoso del Napo de la derecha bajando; caminamos con tiempo lluvioso y á las once y media nos cogió un aguacero en *Papalli-punta* y tuvimos que cobijarnos en un tambo abandonado, cuyo suelo cubierto de arena, con las huellas rizosas y ondeadas, demostraba haber estado inundado; no obstante había una hamaca donde me tendí mientras los indios hacían un pamacari (3) en la ca-

(1) Palmacea suramericana muy dura y flexible.

(2) Cuentas de abalorios.

(3) Techo de hojas de palma.

noa para resguardo de la lluvia. Nos pusimos otra vez en marcha á las doce y media y á las dos y veinte llegamos á la boca del *Umu-yacu*. Despacio y cazando, nos detuvimos á cortar unas tannas de pundo, para surcar el río, y seguimos el «Umu-yacu» (que) estaba creciendo y tranquilo como una laguna. Es parecido al «Pano» en su entrada.

Después de pasar tranquilamente varios árboles que interrumpen el río y de encontrar algunos tambos abandonados, dimos vista, en la orilla izquierda, á algunas chacras abandonadas; después á otras en explotación; luego á varias chozas sin habitantes, y por último al Curaca, en la orilla con otros záparos, etc. Llegamos á las cuatro á *Rumi-yacu*, sitio de su residencia.

(Vocabulario záparo).

Tuaxi—aretes.

Capoco—arrancacejas.

Inaup—bote de manduro.

Irico—cepillo para hacerse puntitas en la cara con el achote.

Hustoc—llanchama.

Camhuita—bolsa.

Cuatic—hamaca.

Cauxicu—olla.

Nine—yuca.

Pugiyuca—plátanos.

Anamuxuca—fuego.

Muricha—agua.

Aixoc—leña.

Ixu—carne.

Taucu—hombre.

Itium—mujer.

Muigaricha—niño.

Descripción de la tribu, familia, tambo, etc. (falta).

Los tutapiscos.—Camino de Santa Rosa.—Itinerario.

Día 24.—A las cinco de la mañana me levanté rendido

de luchar con los *tutapiscos* (1) que me mordían el pelo y el de los perros, etc., y del suelo, donde por fin tuve que acostarme dejando la hamaca. A las siete y media salimos, despidiéndonos de aquella gente; almorzamos en *Ajos* frente á *Umu-yacu-pungo*, yuca, plátanos asados y un gallo que nos *ayaron* los záparos que debía ser *Curaca*—*un verdadero gallo de roca*. A las diez y media marchamos hacia Santa Rosa. En lugar de seguir el brazo por donde habíamos bajado, tomamos por el de la derecha subiendo frente á *Furac* ó *Yurac-Allpa*. Este brazo es manso y tranquilo. A las dos menos cuarto los indios hicieron *forzana* y bebieron chicha en una playita de tambo; á las tres y media llegamos á Santa Rosa, después de haber seguido, contra corriente, el brazo izquierdo, bajando.

Día 25.—Hemos echado abajo un árbol alto, hermoso, donde había 53 nidos de huchug, mango y mangos, algunos en grupos de tres hasta nueve pájaros de todas edades y dos huevos quebrados.....

Los indios.—Mi cura.—Los záparos.—Tambos.

Costumbres.

Días 26, 27 y 28 domingo.—Han salido para Cotapino seis cargas mías, dos de sal.

A pesar de no haber cura aquí en Santa Rosa de Osas como en toda la provincia, los indios habían venido á la iglesia, les habló el Gobernador en quechua, rezaron algunas oraciones y se hicieron algunas preguntas de doctrina; después el Alcalde desde la puerta, bastón en mano, les echó una corta arenga recomendándoles el cumplimiento de sus obligaciones, el pago de deudas y el buen tratamiento de sus mujeres. Ellas van pintadas de nuevo con su mejor ropa, los chiquillos cargados y algunos llevan pañales de algodón con grandes flecos, como

(1) Murciélagos.

mantas, sobre las espaldas y anudados por cima del pecho.

En la puerta de la iglesia había tres ó cuatro záparos de los recalcitrantes, que dicen que no quieren ser cristianos porque no les dejarán más que una mujer, les obligaban á mantener al cura, á llevarlo á cuestras y á cargar; dicen que no conocen á Dios porque no le han visto.

Estos cuatro záparos son de los que tiene Sandoval en su chacra, sirviéndole de peones y haciendo un mal trabajo. Les da la comida porque sólo acuden á él cuando están hambrientos, y si alguna vez trabajan bien, piden al punto otra vara de lienzo. No les puede obligar á nada, porque si se incomodan vuelven á su tribu. Nada más triste y salvaje que el sitio donde habían asentado su tambo los záparos de *Rumi-yacu*, un trozo de bosque talado junto al río. Los troncos y ramas secas yacían por el suelo, que conservaba sus desigualdades sin esa horizontalidad que junto á las poblaciones es tan grata á la vista.

Entre esos troncos y ramaje seco se levantaban dos chozones, uno todavía sin acabarse de techar, destacándose los troncos verdes de la leña fresca de la ya seca por vieja. Junto á éstos había unas medias aguas construídas como á la ligera. El tambo concluído era del jefe de aquella pequeña tribu, donde habitaba con su familia; tenía además un anejo algo cercano, habitado por un viejo, su suegro. El medio techado pertenecía al *curaca* de algunas familias ó jefe de tribu que con su mujer y parientes había venido á *pasear*, como aquí dicen, ó mejor á pasar una temporada junto á aquella familia. Había además otra media agua habitada por un *curaca* del *Yasum* y su mujer. Antes de llegar al *Anca-Macta* y doblar el recodo del río donde estaba situado, vimos en la margen sobre un tronco al *curaca* y otros záparos que nos saludaron sorprendidos dando fuertes voces y después corrían hacia su rancho. ¡Qué aspecto tan extraño! ¡Qué cuadro tan original presentaba aquella tribu! De pie, en grupos sobre la quebrada del río, sobre el fondo de ra-

maje seco y maleza, con sus abigarrados y sucios huan-chacos, sus caras teñidas del rojo achote, el enmarañado pelo partido en dos sobre la frente por la costumbre de separárselo con las manos, con aquellos ojos muy abiertos y aquella fisonomía entre tímida y curiosa, parecían preguntar qué buscaban los *blancos* y para qué venían á visitarlos. Cuando saltamos á tierra preguntó inmediatamente el *curaca* y otro, quiénes éramos Pancho y yo, á qué veníamos, qué habíamos matado (á un tiro que yo disparé sobre un carpintero poco antes de llegar) y que sin duda les puso en alarma.

Saludáronse Sandoval y ellos llamándose *amiga* y dándose abrazos con los indios de nuestra canoa, dándoles la mano, llevándosela sobre el corazón y luego á los labios. Entramos en el tambo del jefe de la familia sedentaria llamado Pedro y me ofreció una hamaca que ocupaba el centro, me tendí y me puse á examinar atentamente lo que me rodeaba. El tambo sería como de 10 varas de largo y 8 de ancho, de la misma construcción que los de los indios cristianos, solamente que carecen de paredes o quinchas.

Están nabitados anterior y posteriormente y la caída del techo llega casi á tierra, donde tocan los festones de las hojas de liana. De parte á parte atraviesa el tambo una *mantaca* (dos palos sosteniendo horizontalmente cañas de huama para cortezas secas y aun verdes y otros objetos) y á un lado y otro se veían dos cabitos de tárima con una hamaca ó dos al lado y la hoguera junto á ellas. Cada sección de éstas la ocupa uno de la familia, parientes entre sí y dependientes del jefe, que ocupaba la sección primera entrando á la derecha. De los palos que sostienen la choza bolsas de chabi colgadas con sus útiles, redes también colgadas, etc., lazos clavados en el suelo y á la puerta con puntas de Chonta y Huama, aguzadas. Del techo, junto al fuego, trozos de un caimán que habían pescado y ahumado poco ha, ollas llenas de yuca cocida y mascada para chicha; algún mono retozón,

pájaros domesticados y multitud de perros flacos, andaban de uno á otro lado. Las mujeres estaban tumbadas en hamacas con los hijos en brazos ó á su alrededor. No hicieron saludo alguno, ni dieron la menor muestra de afecto. El Curaca vestía pantalón largo teñido de sami y un poncho de algodón, como los que yo ví en Guayaquil; el jefe de la familia, pantalón, *cuxma* (especie de sayo que llega hasta los muslos) y ceñidor; algún otro lleva también trajes análogos; pero el resto, que era la mayoría, cubría su cuerpo con túnicas de *llanchama*; sus brazos sucios, sus caras pintadas, los chiquillos durmiendo, los niños púberes con un lienzo ceñido por la cintura hasta la rodilla.

Las mujeres con una chambrá de mangas cortas que llega hasta la cintura y teñida de samo ó blanco. Algunas la llevaban de muselina.

Usan en el cuello unos cordelitos de algodón, fuertemente apretados hasta el extremo de hacer honda huella en el sitio de las ligas y en el mollete del brazo; aretes particulares en las orejas, pelo casi todas cortado al rape ó por cerca de la frente; pintadas las piernas hasta la rodilla y hasta el ombligo, desde en medio de los dos pechos y la cara, con lustre todo y achote. Solo un hombre había con el pelo corto. Usan también sortijas sencillas de metal en los dedos. El aspecto de las jóvenes con más cuidado y elegancia que las indias cristianas, y para pintar las mejillas y nariz usan una especie de cepillito particular. Se arrancan las cejas y el instrumento para este objeto es curioso, tanto por su ingenio como por la manera de usarlo. *Es notable la semejanza de la fisonomía zápara con la de los chinos.* Cara prolongada, barba perpendicular, boca con labios finos y no muy grandes, particularmente en las mujeres, dientes anchos y cortos, mejillas desarrolladas, nariz chata y arqueada, sobre todo en la punta, algunos la tienen correctamente aguileña y muy larga desde los ojos a la punta justa muy caída, pómulos salientes, pero no muy separados, ojos pequeños

muy oblicuos y con frecuencia pardos, frente larga triangular y muy echada para atrás.

Pelo largo, grueso y lacio; las mujeres propenden á la obesidad, tienen pies y manos muy pequeñas y son muy bien formadas. He visto entre ellas primorosos modelos, algunos de un blanco amarillento como el del marfil. El color de los záparos es más claro, en muchos, de lo que se observa en la raza americana, y el «Curaca» lo tenía parecido al caucásico y hasta sonrosado.

Estos záparos son de dulce y suave carácter, pero indolentes y ociosos. Siembran la yuca y el plátano; yuca exquisita, pero plátano malo. Cazan, pescan y son muy aficionados á tener animales domesticados en su compañía. Yo saqué de entre ellos *un pinri, dos loros, tres tutacusillos, un chichico*, etc. Andan errantes y corriendo las chacras próximas; mudan de sitio, hasta dar lugar á que se renueven los que abandonaron. La yuca tarda diez meses en producir. Los que yo visité no tenían más que una mujer. Usan nombres de santos, aunque no son cristianos. Imitan en mucho á los indios católicos de estas provincias, con los cuales tiene algún comercio. No comen nada con caldo, todo seco. A cada momento comen yuca ó plátanos que alcanzan con la mano desde las hamacas de las bolsas que cuelgan del techo. Sandoval me dijo que querían ser cristianos, pero que el Gobierno no se ocupaba de esto por no gastar. Algunos van lejos, hasta Santa Rosa.....

Pasé una noche entre ellos; después de comer yuca y carne de caimán, no pude dormir en la hamaca, donde los murciélagos me tiraban del pelo, y me acosté en el suelo. Se retiran al anochecer cada familia a su compartimiento y á algunas záparas les ví quitarse el lienzo de la cintura y la chambra para acostarse. Me pareció que alguno se quedaba á dormir fuera del tambo junto á la lanza, como de centinela.

Al principio mostraron repugnancia á enseñarme los objetos que yo pudiera comprarles, menos el «Curaca»;

pero tan luego como les mostré mis chamaquinas, anzuelos, tijeras, espejos, etc., al momento salió todo al mercado. Gustáronles sobre todo los espejos.

Estos záparos pueden llamarse libres en los bosques, pero no salvajes, por su contacto con los indios de estas provincias.

Itinerario.—El río Bueno.—El paso de éste por los indios.—La atraviesa Espada con un tutacusillo en la cabeza.—Sigue la descripción del camino.—El pueblo de Cotapino.

Día 29 de Mayo de 1865.—A las ocho y media salimos de Santa Rosa, á las nueve y media en *Zacala-Yacu*, estaba crecido el río, á las diez y media en *Bueno* (nos detuvimos por la crecida), á la una y media chubascos, á las dos en «*Huasca-Chinga*», á las dos y cuarto en «*Nina-Caspi*» sin descansar, á las dos y media en «*Angu-Yapa*», después de una pampa lodosa «*Yana-Yacu*», á las tres el *Tucuna*, lindo y claro río. Descansamos. A las cuatro llegamos al río de Cotapino, que se pasa tres ó cuatro veces, y á las cinco y media al pueblo de «*Cotapino*», es decir, al Cabildo, porque no hay más. Llama la atención una tala formando gran plaza, donde sin duda van a hacer el nuevo pueblo, por instigación de algunos. El camino se compone, desde Santa Rosa á ésta, de subidas y bajadas, bastante secas y cómodas á pesar de la lluvia que había caído y estaba cayendo. Después se da con una pampa lodosa y corta y el «*Bueno*», río silencioso á pesar de lo crecido y sucio que iba. Cuando baja es muy claro y lleno de peces.

El indio que venía con la carga desde Santa Rosa no parecía muy robusto para pasarlo con carga y aguardé á que se presentasen algunos de Cotapino. A cosa de una hora aparecieron en la orilla opuesta dos indios, intentaron el vado y el agua les llegaba hasta los hombros; lo pasaron juntos, agarrados de las manos, el más fuerte

sostenía el ímpetu de la corriente. Cuando estuvieron junto á mí ví que uno de ellos era una especie de Hércules de bronce. Bebiendo su chicha marchan al Santa Rosa y nos dispusimos á pasar el río. Pasan primero la carga sobre el hombro con fuerza y ligereza admirables; después me desnudé yo, y cargando sobre la cabeza un *tutacushillo* (mono nocturno) que adquirí de los záparos, agarrado con la mano izquierda del puño derecho del indio atravesé el río. A pesar de la mansedumbre proverbial de éste, de donde le viene el nombre, hubiese sido arrebatado infaliblemente por el agua sin el auxilio de *Madis*. Estuve un rato entretenido en la orilla aguardando la ropa sin sentir pizca de frío, encontrándome como se debió encontrar Adán en el Paraíso. Súbese una lomita después del «Bueno» y bajando rápidamente se da en el *Huana-Chinga* (Fuego del aire), que estaba hasta las ingles, pero muy manso.

Nuna-Caspi es una loma muy pendiente, después se atraviesan pampas lodosas, se cruza el *Yacu-yacu*, á poco el «Tucuno», limpio y claro, con el agua á la cintura. Después, alternando con barrizales, se pasa un prado de claros riachuelos; dase en una extensa llanura al pie de las *galleras* que están en Santa Rosa y Cotapino y por ella se vé el «Cotapino», río claro y de poca fuerza que se chimba unas cuantas veces antes de llegar al pueblo, que está situado en un repecho suave. Cotapino está enteramente escondido en el bosque, no se vé hasta llegar más que el Cabildo, y eso porque han talado y desmontado en gran parte el terreno de enfrente, donde se cree harán el pueblo nuevo. El desmonte es reciente; en él se vén todavía algunos arbustos derechos y rectos aguardando inmóviles el hacha que los ha de echar por tierra. En cuanto llegamos se presentó el Gobernador y nos trajo víveres en abundancia, que eran plátanos, huevos, pollos y *Seviche* (1). Se conoce que estaba bien recomen-

(1) Pescado en escabeche.

dado por Cárdenas y que es gente más servicial que los ribereños.

Día 30.—Sigue lloviendo; no podemos pasar el «Pucuma», y me voy á aguardar aquí hasta mañana.

La lluvia.—*Vadean el Cotapino.*—*Camminos difíciles.*

El pueblo de Concepción.

Día 31 de Mayo de 1865.—Salgo á las nueve, después de mandar por delante las cargas. La primera parte del camino puede decirse que se hace toda ella por agua. Chimbamos (1) á poco el río de «Cotapino»; á las siete y media estábamos en el antiguo pueblo, después de atravesar un terreno muy quebrado, que se continúa de bajada hasta dar en el mismo río, que se chimba, ya por medio, ya en algún brazo, ya de parte á parte, cuando se ensancha, sobre gujarros, siempre claro y ruidoso. Unas seis veces cortamos una punta de bosque llana y cómoda, y dimos á las once y media en un gran río hondo y correntoso que no sabíamos como pasar, pues los indios se nos habían adelantado. No se veía el cauce del otro lado y me exponía a pasarlo con el agua á la cintura (el río tendría 50 varas de ancho) y no ví camino ni rastro. El bosque estaba cercado por fuertes diques. Un poco á la derecha, sobre la correntosa caída que hay junto á una isla inundada y asegurada sobre los árboles y piedras, arrastrado por la fuerte ola, tropezando y con mucho riesgo llegué á la isla y encontré siguiendo la corriente de río, pero sobre ella, muestras de las pisadas de los indios. Llamé á Pancho, que tomó por el remanso del río. Más arriba volvemos á cruzar un brazo estrecho y hondo que va por detrás de la isla y llegamos á terreno seco y camino limpiado convenientemente, como para guanda (2).

(1) De *chimbar*, voz americana que significa vadear.

(2) Es decir, para el paso de silla gestatoria, vehículo de uso frecuente en aquellos parajes.

Pásase aquí una gran subida, bájase luego á un río (una y media) que forma cascada detenida en un remanso circular de agua azul-oscura y con fragantes *Ludovicos*, tan espesos como carrizos. Tres cuartos de hora más allá di en otro río estrecho y profundo que se pasa sobre las piedras altas escondidas debajo del agua, llenas de caracoles negros. Aquí me encontré los dos indios que salieron primero, pasando el río de vuelta. A las tres y media entraba en «La Concepción», pueblo grande, situado sobre una eminencia y cercado de quebradas con espesos bosques. No había un alma. Se fueron los indios cargueiros y quedamos solos Pancho y yo, y un mono, sin fósforos y mi mechero se había empapado en agua en el paso del río. Hicimos taco de un trozo de fósforo de cartón y así conseguimos lumbre. Si no hubiera sido por los restos de la comida de Cotapino, nos encontramos en ayunas y sin esperanza de mudar de estado.

Concepción, situado sobre un cerro de tierra rojiza, que se deseca rápidamente, es bastante extenso y dividido en tres ó cuatro grupos de casas grandes. Domina, por su posición, los bosques comarcanos, pues el territorio está limitado por los altos árboles que tocan al pueblo. Sobre ellos, sin embargo, al Occidente se levanta majestuoso el Sumaco con su cabeza partida en dos conos, uno de ellos marcadamente más alto y todo él de figura de cono perfecto.

Soledad del pueblo.—Timidez de los indios.

Día 1.º de Junio de 1865.—Ni los tiros, ni repique de campanas han podido llamar la atención de los indios, que no los han oído, o si los han oído no quieren venir. Hé visitado algunas casas. Al dejarlas los indios por los tambos de los bosques las dejan limpias, barridas, con la leña dispuesta en haces, agua, achanga, las ollas y pilches acoplados, los tambores colgados del techo; parece que han de venir de un momento á otro. Han llegado un

indio y..... con una carga; le propuse que buscasen al Gobernador, pagándole. No quieren; se echan al punto á temblar y van corriendo, volviendo la cara atrás de miedo no los detengan, y aunque tienen miedo al pueblo abandonado, pero no les importa un bledo dejar allí los blancos aunque se mueran de hambre. El tiempo es, por fortuna, bueno; pero estamos á ración de arroz seco.

Día 2 de Junio de 1865.—Amanece lloviendo y no me atrevo á ir á *Loreto*, que dicen está cerca.

Son las cuatro, no aparece ningún indio ni Isern con su seguimiento. Me parece inútil continuar las salvas.

Viaje á Loreto.—*Extravío.*—*Itinerario.*—*Queda Espada descalzo.*—*Terán y su mujer.*—*El blanco curandero.*

Día 3 de Junio de 1865.—Salgo á las siete Tambo del Udo; ocho y media conseguí una loma; nueve y media «Huata-yacu»; á las diez y diez minutos fondo de Nosuco; once y cuarto *Llipino*, cuya cuenca.....

Determiné ir á Loreto en busca de indios que llevasen nuestra carga. Dejé á Ramírez al cuidado de ésta, con solo arroz para que comiese. Tomé el camino que, según mi cálculo, debía llevar á Quito, y á la hora y media de andar por barro y fangales oí el ruido de un hacha; dí gritos y me dirigí hacia aquel sitio: era el tambo de un indio viudo con cuatro hijos. Me dijo que aquel camino que había tomado era el de Suno. Pactóse por dos reales un *hambato* (1) y su hermana, para que me condujesen á Loreto. Volvimos á desandar lo andado y llegamos á *Concepción* de vuelta á las nueve y media. El camino de Loreto estaba á la parte opuesta.

Se sigue desde la salida bueno y ancho camino hasta llegar á una segunda bajada, y el descenso de la colina donde estaba *Concepción*. En el fondo corre el *Hucu-Huafaracu*. Síguese después una ladera continuada, bájase

(1) Indio del pueblo del mismo nombre.

por ella á otra no tan alta, se da en «Chacu-Yacu», de aguas limpias y cuyas piedras del fondo, de diversos colores, le dan el aspecto de un mosaico. A la una, después de seguir un camino bastante llano, chimbamos hacia otro casi igual al anterior. Después de grandes lodazales hay un camino ancho y cómodo. Como á la entrada del trecho entre el río y el pueblo de *Loreto* había en medio del camino una cruz de palo hincada en el suelo como una tanna en los samais, coronada de flores, todas frescas.

A las tres en punto llegué á las primeras casas de *Loreto*. Hay que advertir que el *Llipino* de Hispan está después de *Cha-Yacu*, como dije al principio del día 3.

Llamo á este camino paseo, pues será caminado á un paso largo, y sobre todo habiéndose roto las sandalias en *Llipino* y siguiendo descalzo hasta *Loreto*. Pregunté por Aureo Terán, el Teniente político de este pueblo y su anejo. Me llevaron á la casita donde habita con su familia; estaba postrado en cama con medio cuerpo hecho una úlcera, como consecuencia de una sífilis antigua. Su mujer, moza de gran fama aquí por el Oriente, tiene hermosos ojos. Es amable, pero sucia y desastrosa como todas estas blancas. Sólo se puede decir buenos ojos tienes.....

Yo, en general, prefiero las indias. Estaba también instalado en la casa un blanco que hacía cuatro meses había subido del Marañón, desterrado político ó de otra laya, Capitán (no sé si de ladrones) que esperaba el cambio de Presidente para poder ir á Quito. Se daba por algo curandero, estaba sanando al pobre Teniente con *cardenillo* y *cerato*.

Aquí he sabido que los buenos oficios de Cárdenas no se han extendido á muy lejos, pues el Teniente Terán no ha recibido orden, oficio ni comunicación alguna referente á nuestro paso por aquí, por eso la soledad de *Concepción*, y por eso la gran traba para mis asuntos, después que pedí á blancos y á indios en lugar de mandar.

Con todo, he conseguido que mañana vayan los cargueros, y suplicando á Terán su mujer que admita mi petición, con tono imperativo e incomodado.

Espectáculo de la nieve.—La cruz.—El terreno.

Días 4 y 5 de Junio de 1865.—La nieve de las nevadas parece humo que se eleva de su pie y falda como si ardiese de Occidente á Oriente (sigue un croquis del Sumaco tomado desde la plaza de Loreto) descubriendo sa cima, ó bien olas furiosas que se bifurcan como espuma al chocar con ella, empujadas por el viento.

Dicen que la cruz que ví en el camino señala la mitad de él. Me parece estar un poco más hacia *Loreto*. El terreno donde está situado Loreto (que tendrá unas 50 casas) es llano, limpio y despejado y extenso. Es más alegre que «Concepción». Vine con ocho blancos y me convencí que los indios tienen puntos de contacto con los del Napo en cuanto al carácter.

Ríos entre Cotapino y Concepción.—Llega el Gobernador y proporciona alimentos.

Día 6.—Según me dice Narváez, el alpargatero, de Cotapino á Concepción hay los siguientes ríos:

Cotapino de las ocho chimbadas; La Cocha, que proviene de una oquedita que parte junto á pueblo viejo; *Paca-yacu; Pucumi; Caratino*, con *La Cocha*, después de la Cascada y las Ludovias; *Yunac-alpa; Yucu-daguanu; Anono-yacu* (pequeño).

Día 7 de Junio de 1865.—Ha mejorado el tiempo. He podido, á costa de paciencia, reunir seis indios, mandarlos á *Concepción*. Por la tarde se ha presentado el Gobernador con su justicia, y me ha entregado huevos, mandi y plátanos, y me ha prometido para pasado mañana la gente que necesito. Resuelto como estaba á volverme porque Terán no quería, por lo visto, molestar á

la gente en esta mala estación, ha prometido llevarla a Quito, y su mujer no quiere echar mano de los indios que hay en el pueblo porque la traen comida. Esto ha sido un cambio de fortuna.

Llegada de indios y de Isern con las cargas.—Explosión del Sumaco. 1864.

Día 8 de Junio de 1865.—Hoy por la mañana han llegado diez indios justicias de *Avila* diciendo que el pueblo estaba reunido y desmintiendo lo que dijo el que mandó Terán, que no había nadie y que no se reunían hasta dentro de ocho días.

Han llegado Isern y el resto de la comitiva con todas las cargas, entre una y dos de la tarde.

Respecto al Sumaco, me dice Narváez que el 4 de Agosto de 1864, ó sea del año pasado, se sintió un fuerte bramido acompañado de un solo *remaión* grande, estando él y otros compañeros en San José. No tuvo relación con ningún volcán de las cordilleras, porque en Quito no se sintió nada.

Día 9 de Junio de 1865.—Hoy ha llegado, por fin, el Gobernador con la gente; vienen vendiendo las cargas á 9 y pagando la primada de 3 arrobas? de sal y dos reales por individuo. Estas son las circunstancias en que nos hallamos. Yo echo la culpa de todo á los blancos.

Salen de Loreto camino de Avila.—Atraviesan el río Juno. —Espada se ase á la mano de los indios.—La cuenca del Juno.—Lluvia torrencial que penetra en el tambo.

Día 10 de Junio de 1865. —Salimos de Loreto a las ocho, llevando á las nueve la dirección del camino para *Avila*. Tomamos el de la derecha, por entre bosques, casi sin abrir. A las diez y media en *Panga-yacu* en medio de los bosques, después de pasar un pequeño río de este mismo nombre. A la una y media en «Llanchama-sama-

na», después de pasar tres ríos pequeños casi equidistantes y el último pozo de *Llanchama-samana*. Después de pasar tres ó cuatro ríos, á las diez y diez minutos en *Yurallpa-samana*; camino entre bosques cerrados, huamas, raíces, trabas de todas clases, pero poco lodo.

Este camino está sobre el principio de la bajada al *Suno* (río). Dimos vista á éste á las cuatro y tanteamos el paso, habiéndose decidido los indios por uno que hay cuatro cuadras más arriba de donde el camino desemboca en el río. Se pasó por cima de palos que se han amontonado en las crecidas y vamos adelante magníficamente.

Las piedras que arrastra se vén en algunos lados formando tapias secas, tal es la fuerza de las corrientes. El agua es cristalina. El punto por donde le pasamos tendrá unas 50 varas de ancho.

Hay dos correntadas que con el agua á los pechos no pude resistir y tuve que asirme de la mano del indio, como en *Bueno*. *Bien es verdad que estaba en ayunas y con diarrea.*

La cuenca es profunda, boscosa y parecida á la de los ríos antes de *Cosanga* y *Mazpa* ó *Chaca*, por ejemplo. El agua venía bastante fría, y al otro lado de la *Chimbada* pude consolarme con un poco de sol, pues había dejado de llover poco más acá de *Llanchama-samana*.

Duró una hora el paso de las cargas y de nosotros, y siendo en esto las cinco hicieron tambo los indios. La noche se cerró en lluvia y fué tan fuerte y el tambo estaba tan mal hecho, que la que escurría de las hojas se entraba por debajo de él y yo mal dormí sobre un charco (que tal era mi cama) y descansando la cabeza sobre una esponja empapada, que eso era mi almohada.

(Concluirá).

RESEÑA DE LAS TAREAS

Y

ESTADO ACTUAL DE LA REAL SOCIEDAD GEOGRÁFICA

leída por el Secretario adjunto

Excmo. Sr. D. Miguel de Asúa

en Junta general ordinaria celebrada el día 18 de Junio de 1928.

Deberes del cargo de Secretario adjunto que desempeño por la bondad de mis compañeros de Junta, me obligan á reseñar las tareas realizadas por la Sociedad Geográfica durante el año económico que comienza en Julio de 1927 y termina en este mes de Junio que está cursando.

Y en cumplimiento de esta obligación comenzaré por acuparme del asunto que mejor señala la prosperidad de las Sociedades, cualquiera que sea su cometido, y es el movimiento del personal que las integra, pues el aumento de socios y su calidad es lo que más exterioriza su importancia y la consideración de que disfruta, traducida en el deseo de pertenecer á ella.

En el período á que esta reseña se refiere ha habido que lamentar la ausencia, no de la Sociedad, pero sí de la Presidencia, que con tanta dignidad y á satisfacción de todos ocupaba y además con tan notoria competencia, de D. Francisco Bergamín, que dimitió el cargo por cuestiones de delicadeza, nacidas de su historial político, que

la Junta Directiva no estimaba suficientes para tal determinación, sin que pudiera reducirle de esa actitud la comisión que se nombró para que le visitara con ese fin.

Hubo de pasar también la Sociedad por el sentimiento de señalar en sus actas la muerte del Sr. Marqués de Laurencín, Socio de Honor de la misma y Director de la Real Academia de la Historia, Centro cultural unido á esta Sociedad, no sólo por vínculos de afecto y semejanza en su labor, sino por la muy estimable y agradecida hospitalidad que esa Academia le presta. Circunstancia que la mueve á considerar como propios sus éxitos, sus satisfacciones y sus duelos.

Otra desgracia para la Sociedad ha sido la muerte del Sr. Marqués de Seoane. Socio de Número y Vocal de la Junta Directiva, concurrente asiduo desde hace largos años á las sesiones, prestando siempre el concurso de su consejo y de sus buenos servicios.

El fallecimiento del Socio Honorario Sr. Otón Nordenskiöld dió motivo á recordar sus viajes de exploración y estudio en la Región antártica, y su conferencia en Madrid en la Sociedad Geográfica bajo la presidencia del Ministro de Instrucción Pública, el 6 de Diciembre de 1904, así como el almuerzo que se le ofreció, y en el que el Presidente de la Sociedad Sr. Fernández Duro, en nombre del Gobierno de S. M., entregó al Sr. Nordenskiöld la credencial y placa de la Orden de Alfonso XII.

Por acuerdo de la Junta ha ocupado interinamente el cargo de Presidente el Sr. General de División, procedente del Cuerpo de Estado Mayor, D. Pío Suárez Inclán, Vicepresidente de la Sociedad, persona de la mayor cultura y competencia para el cargo, por estar muy versado en los estudios de Geografía y haber sido Jefe del Depósito de la Guerra; habiendo pasado á substituirle en el de Vicepresidente, igualmente con carácter de interino, que desempeñaba, el Ilmo. Sr. Auditor de la Rota D. Julián Díaz Valdeparea, Socio Honorario que tan señalados servicios ha prestado á la Sociedad.

Ha ingresado, con carácter interino, como Vocal de la Junta Directiva en el puesto que ocupaba el Sr. Marqués de Selva Alegre, el Teniente Coronel de Ingenieros don Emilio Herrera, Jefe de base y uno de los más conspicuos organizadores de la Aviación en España.

Ha sido nombrado *Socio Honorario* de esta Real Sociedad Geográfica el Sr. D. Juan Mello Barreto, Embajador de Portugal.

Y Socios Honorarios Corresponsales: D. Antonio Nogueira, Director general del Instituto Geográfico de Lisboa; D. Francisco Miranda da Costa Lobo, Presidente del Instituto de Coimbra, y D. Eduardo L. Stevenson, ilustre geógrafo que lleva publicados muchos mapas españoles del Nuevo Mundo.

Han ingresado como *Socios de Número:* D. Florestán Aguilar, D. Valentín Gutiérrez Solana, D. Pedro Sáinz Rodríguez, D. Angelo Ghirelli, D. Luis Rodríguez de Viguri, D. Miguel Pompido y Llatas, D. Celso Arévalo Carretero, D. Francisco Carvajal Martín, D. José María Pemán, D. Francisco Hernández Pacheco, Sr. Marqués de Pons, D. Leonardo Martín Echeverría, D. Honorato de Castro, D. Joaquín García Bellido, D. César de la Torre de Trassierra, D. Sabas Alfaro, D. Juan San Emeterio Ruiz, D. Ernesto de Cañedo Argüelles, Doña Jimena de Quirós, D. Fernando Gil Montaner y D. Ramón Dorda.

Como *Socios Vitalicios:* D. Rafael Fabián, D. Manuel López Belenguer, D. Pedro Casciaro Parodi y D. Joaquín Sánchez Jiménez.

Fueron nombrados *Socios Corresponsales:* en Marruecos, D. Federico Pita; en Cartagena, D. Antonio Puig Campillo; en Oviedo, D. Aurelio de Llano; en La Coruña, D. César Vaamonde; en la República Dominicana, don Federico Henríquez Carvajal; en Románia, D. Enrique Helfant; en Holanda, los señores Ch. A. J. Boutmy, J. L. M. Borremans, Th. J. de Groen, J. M. Meertens, G. A. Rengers Hora, W. J. Byleveld, C. A. Campagne y J. L. Westerouen. El Sr. Campagne figuró poco tiempo

entre nuestros Corresponsales, pues desgraciadamente ha perecido á consecuencia de un accidente de automóvil.

Fué nombrado *Vocal nato* de la Sociedad el Director general de Pesca, por ser los asuntos que corren á su cargo útiles é interesantes para la Sociedad, y fué confirmado en el de Vocal, nato también, el Sr. Director general de Navegación, por estimar la Junta que el no tener á su cargo la Sección de Hidrografía, no debe privarle de ese carácter, ni á la Sociedad de su concurso.

Debe anotarse igualmente el fallecimiento del empleado de la Secretaría Sr. San Gil, cuya laboriosidad y honradez se complace la Sociedad en reconocer, acordando suprimir esa plaza, y que las funciones que desempeñaba y parte del sueldo que tenía asignado se distribuya entre el auxiliar de Secretaría, D. Julio Beltrán y González, que quedó nombrado Oficial de la misma, y el ordenanza D. Catalino Magano, que sin abandonar sus obligaciones de ordenanza habrá de auxiliar los servicios de la Secretaría.

Es preciso señalar también que ante las reiteradas instancias de D. Wenceslao del Castillo, que presentó la dimisión del cargo de Tesorero, por tener que ausentarse con harta frecuencia de la Corte, hubo que admitirle la dimisión, nombrando en su lugar á quien tiene el honor de leer esta *Reseña*, que aceptó, agradeciendo la confianza que en él se hacía.

Y ha sido nombrado Socio Honorario por aclamación el Sr. Presidente del Consejo de Ministros Sr. Marqués de Estella, que ha contestado á la Sociedad agradeciendo muy sinceramente ese nombramiento.

Es asunto de gran relieve para la Sociedad que sus relaciones culturales con análogos Centros extranjeros hayan servido para exteriorizar la seria labor que realiza y la competencia de los miembros que la constituyen, y

así ocurrió en el Congreso de Praga, al que asistieron personas de tan relevantes méritos y tan honda preparación, que fácilmente pudieron enaltecer el nombre querido de su país, como D. Odón de Buen y D. Victoriano Fernández Ascarza; los que dieron cuenta a la Sociedad, el primero en la sesión del 17 de Octubre y el segundo en la del 31 del mismo mes, de todos los asuntos en que intervinieron; señalando el Sr. de Buen que la Asamblea rogaba al Gobierno español que apadrine y convoque en Sevilla en 1929 una Exposición internacional de Instrumentos de Oceanografía é Hidrografía, y un Congreso internacional que formule las bases de unificación de métodos y procedimientos en esos estudios. También transmitieron la petición de que las Uniones Astronómica y Geodésica-geofísica celebren sus Asambleas en dos ciudades simultáneamente; habiendo pedido la Delegación portuguesa que esas ciudades fuesen Lisboa y Madrid, en tanto la Delegación sueca señalaba la de Estocolmo.

También el Sr. Ascarza—al dar cuenta en la sesión del 31 de Octubre de su asistencia á la Asamblea Geodésica y Geofísica de Praga (que fué la tercera reunión de la Internacional de esos estudios, continuación de la de Roma de 1922 y de Madrid de 1924), á la que asistieron delegados de 29 naciones y en número considerable, pues sólo Francia, Inglaterra é Italia enviaron 22, 17 y 17 representantes, respectivamente, cada una de ellas—hizo constar que la delegación española fué la más numerosa, pues los 23 delegados que la componían estuvieron presentes á todos los actos que se celebraron, habiendo tenido el honor de que las siete secciones que se formaron, la de Oceanografía y la de Vulcanología estuvieron presididas por delegados españoles; y al hacer el Sr. de Buen el relato de los trabajos presentados, en número extraordinario, señaló los éxitos que alcanzaron en todas las secciones y las huellas firmes é imborrables que dejaron, quedando demostrado una vez más el resurgimiento de España en el terren de las Ciencias, como en el orden

económico y artístico viene desde hace tiempo reconociéndose.

Acordóse por la Junta felicitar al Sr. de Buen y al Sr. Ascarza, y enviar un saludo de gratitud al Ministro español en Praga Sr. Ezpeleta, que ha contribuido con el mayor interés, poniendo cuanto estuvo de su parte, al éxito de la delegación española; extendióse la felicitación al Sr. Elola, Director del Instituto Geográfico, cuyas iniciativas y las del Comité español de la Unión internacional de Geodesia y Geofísica han contribuido á que la delegación alcanzara el brillante resultado que la Sociedad se complace en aplaudir.

El Sr. Torroja dió cuenta de su estancia en Portugal para asistir á los ensayos aerofotogramétricos efectuados bajo la dirección del Instituto Geográfico y Catastral de Lisboa, y de las dos conferencias que hubo de dar, á instancias de varias Corporaciones científicas, en la Asociación de Ingenieros Civiles, sobre Fotogrametría terrestre y aérea, y en la Sociedad Geográfica de Lisboa. Actos, tanto los anteriores como éstos, que señalan, y de ello se congratula la Sociedad, cómo se van estrechando cada vez más las relaciones con unas y otras naciones por el camino firme de la intelectualidad, que siempre habrá de tener raíces más hondas y seguras que las que resultan de esas relaciones comerciales en que el principal factor que interviene es el interés económico, por tantas circunstancias variable.

Es preciso añadir que la Junta Directiva y la Sociedad laboran hace tiempo con miras al futuro Congreso internacional de Cambridge, nombrándose las Comisiones que han de preparar los trabajos que se presenten en las secciones y al fin de reseñar el movimiento geográfico contemporáneo de España, siendo éstas las siguientes:

- 1.^a Geodesia, Topografía y Cartografía.
- 2.^a Geología y Geografía física.
- 3.^a Geografía Humana (en sus aspectos político, social y económico).

4.ª Geografía Histórica.

5.ª Geografía Regional y Colonial.

6.ª Enseñanza de la Geografía.

El Vocal de la Junta Directiva D. Severo Gómez Núñez fué nombrado para representar á la Sociedad en ese Congreso.

El Sr. Hernández Pacheco ha dado cuenta de los trabajos, que lleva muy adelantados, acerca de las terrazas de los cinco principales ríos de España.

Y se ha tratado de formar el catálogo metódico de obras de Geografía publicadas en España durante el siglo XIX.

El Gobierno alemán invitó al de España para que asistiera al 100.º aniversario de la fundación de la Real Sociedad Geográfica de Berlín, que comenzó sus tareas en Mayo de 1828, habiendo sido nombrados para representar á la Sociedad en esas fiestas D. Rafael de Buen y don José María Torroja.

La Sociedad, correspondiendo á la invitación que la hace el Centro Hispano-Marroquí, ha designado al señor Díaz Valdeparea, Vicepresidente de la Sociedad, para que forme parte del Jurado calificador, en la clasificación para premio sobre los tres siguientes temas que salen á concurso:

1.º Geografía de la zona de Marruecos.

2.º Historia de la acción de España en Marruecos, de 1904 á 1927.

3.º Artes y oficios de los indígenas.

El Sr. de Buen manifestó á la Sociedad que había asistido, por su carácter de Director del Instituto español de Oceanografía, á la *Comisión internacional del Mediterráneo*, en la que fué objeto de grandes elogios el Catálogo de los peces de las costas españolas del Mediterráneo, adoptándole, como base para redactar el suyo, las Delegaciones de las ocho naciones que acudieron.

Concurrió también á la *Asamblea internacional para la protección de los grandes cetáceos*, que era asunto de

gran interés para España, y que será motivo cuanto se dijo en la Asamblea de que intervengan los Gobiernos para que se decida lo que debe hacerse en Conferencias diplomáticas; manifestó asimismo que acudieron algunos Delegados á visitar la factoría ballenera de Corcubión. Hizo presente que había intervenido *en los trabajos internacionales en el Cantábrico*, á bordo del cañonero «Dato», estudiándose ciertas especies abundantísimas de crustáceos, de que suelen alimentarse las ballenas. Asistió á las *Reuniones del Consejo internacional permanente para la exploración del Mar*, que tuvieron lugar en Copenhague y Estocolmo, donde se celebró el 25.º aniversario de la fundación de ese Consejo, fundado por el Rey Oscar, padre del actual Monarca Gustavo V, en el cual la Delegación española fué muy numerosa, formando parte de ella geógrafos, marinos é ingenieros, pudiéndose calificar de asombrosa la labor realizada en ese Congreso, pues ocurre que en la actualidad son numerosísimos los buques y laboratorios que estudian en todos los países los problemas oceanográficos, correspondiendo á España la Vicepresidencia del Comité del Atlántico. Y manifestó, por último, que había recibido el encargo de la Asamblea de ocuparse en varios trabajos relacionados con estos asuntos de Oceanografía, que con tan feliz resultado se están realizando.

El Sr. Altolaguirre, Vicepresidente de la Sociedad, manifestó, con su reconocida competencia, que como representante de la Academia de la Historia en el Comité de enlace de las Exposiciones de Sevilla y Barcelona, había asistido á la sesión en que se trató, entre otras cosas, de los varios proyectos de Congresos, siendo uno de ellos el de Historia y Geografía hispano-americanas, que de común acuerdo se proponían organizar las citadas Academia y Sociedad Geográfica, y que ello sería de gran interés, como demostró, estimándolo así la Sociedad.

Es preciso hacer constar, para que de ello tome nota la Sociedad, porque cualquier distinción que reciban los miembros de la Geográfica como tales redundará en su

honor y su prestigio, que el Sr. Torroja recibió, en sesión solemne celebrada en el Salón del Reichstag con asistencia del Gobierno y Cuerpo diplomático, el título de Socio de Honor con que la Sociedad de Geografía le había honrado hace tiempo por sus trabajos y publicaciones, en unión de otros ocho exploradores y geógrafos de diversos países que en diferentes fechas han merecido idéntica distinción.

También se celebró en Berlín una reunión con los elementos directores de los grupos alemán y ruso de la «Aeroártica» (Sociedad científica internacional para exploración de las regiones árticas en dirigible), que preside el ilustre explorador Fritjof Nansen, y tuvo en la citada capital en 1926 su primer Congreso, del que el Sr. Torroja fué primer Vicepresidente, y va á celebrar á fines del presente mes en Leningrado el segundo, para el que la «Aeroártica» y el Gobierno ruso han dirigido á nuestro compatriota una invitación especial, completamente gratuita, que comprende el viaje á Leningrado y la excursión por el litoral ártico, desde el Mar Blanco, por las costas de Laponia y Noruega hasta Oslo, para elegir el punto de partida de la expedición que en la próxima primavera se propone realizar con un Zeppelin de 130.000 metros cúbicos que la Casa constructora pone graciosamente á su disposición.

El Sr. Torroja ha sido encargado asimismo por la «Aeroártica» de preparar la parte fotogramétrica de la expedición citada, así como el Profesor noruego Bjerkness y la Sección de Magnetismo terrestre de la Institución Carnegie de los Estados Unidos lo han sido, respectivamente, de las Meteorológica y Magnética.

El Sr. Ascarza, el Sr. de Buen, el Sr. Gómez Núñez y otros han recibido también distinciones, que en su día se harán constar.

Otro medio de exteriorizar los conocimientos geográficos y la utilidad que prestan, entiende la Sociedad que es el de las conferencias, encargadas siempre á personas

de competencia y de prestigio, habiendo sido las celebradas este año las siguientes :

Del Sr. Conde da Costa Lobo, Presidente del Instituto de Coímbra, que vino á Madrid, invitado por la Sociedad, para hablarnos de asuntos tan interesantes como fué la «Importancia de los descubrimientos realizados por las naciones hispanas y especialmente por los portugueses en Ceilán».

De D. Luis Palomo, Vocal de la Junta Directiva, que habló acertadamente del viaje del Cardenal Benlloch á América, haciendo resaltar toda la importancia que tuvo, porque aquel eminente prelado supo estrechar vínculos afectivos y crear relaciones entre España y las Repúblicas americanas, tan sólidas que no han sufrido interrupción con la muerte del Sr. Benlloch.

Del P. Carballo, tan conocido por sus estudios referentes á la prehistoria, que en sus tres conferencias acerca de «La vida en los abismos de la Tierra», «Zonas geográficas de influencia española en los tiempos prehistóricos», «El esqueleto humano más antiguo de España», supo, envolviéndolas en ameno ropaje, interesar á su auditorio.

De D. Ramón Sobrino Buhigas, docto Catedrático y Director del Instituto nacional de Pontevedra, acerca de los importantes descubrimientos de arte prehistórico que había hecho en Galicia.

De D. Luis de Hoyos Sáinz, de esta Real Sociedad, tan competente en el asunto que eligió para su dos conferencias «El traje regional de España», que dió auxiliado de proyecciones, tan típicas como originales, que el auditorio siguió con vivísimo interés.

Del Sr. Hernández Pacheco, de la Junta Directiva, «Las terrazas de los cinco ríos principales de España», en que puso de relieve, no sólo sus conocimientos vastísimos en esos estudios, sino la preparación y estudio tan concienzudos que ha realizado sobre ese tema, lleno de originalidad.

De D. Gustavo Manrique Pecamins, Catedrático de la Universidad de Caracas, conferencia que tituló «Influencia de la Geografía en la Historia política y económica de América», de la que pueden recogerse grandes enseñanzas.

Merecieron los conferenciantes sinceros aplausos y felicitaciones.

Es preciso hacer constar que la Sociedad ha insistido cerca del Ayuntamiento, por conducto del Vocal de la Junta Directiva Sr. Bauer, Concejal del Municipio de Madrid, para que se den los nombres de d'Almonte y de Ispizúa á dos calles de Madrid, en recuerdo de los geógrafos tan notables y conocidos en todo el mundo científico; debiéndose á las gestiones de nuestro consocio Sr. Bauer que ya lleve el nombre del primero, *D. Enrique d'Almonte*, una de las calles nuevas de la Corte.

Se pidieron informes á esta Sociedad respecto á los dominios de España en Marruecos, solicitando la corrección de los adquiridos, por interesar así á los confeccionadores del almanaque de Gotha.

Se reciben invitaciones de la Sociedad de Geografía y Arqueología de Orán para que se asista á la conmemoración de su cincuentenario.

Se acordó contribuir al homenaje que se tribute al Sr. Marqués de Estella, Presidente del Consejo de Ministros.

Se solicitó el informe—por el Ministerio de la Gobernación—para cambiar el nombre del Ayuntamiento de Oliva de Jerez (en Badajoz) por el de Oliva de la Frontera, informe ya leído por el Sr. Vera, que con el Sr. Merino fueron encargados de ese cometido.

Fué acuerdo de la Junta enviar libros á Orense, á propuesta del Sr. Las Casas, para ayudar á reponer la Bi-

biblioteca del Instituto provincial, destruída por un incendio.

Una comunicación firmada por los Sres. Marqués de Camarasa y Conde de Güell, á que se adherían los Presidentes de la Liga Africanista y los Centros comerciales Hispano-marroquíes, entre otros, referente á que se procure el establecimiento de un puerto de refugio en Ifní ó en el territorio de Cabo Yubi, ó en cualquiera español de Africa en esa zona, por ser paso obligado para las líneas que vayan á la América meridional, fué apoyada por el que subscribe, que hizo constar la vasta cultura de los señores citados y su interés por que España se adelante á todas las demás naciones para asegurar libres de todo peligro esas comunicaciones, como se adelantó á descubrir América y como tantas otras veces lo ha hecho, según determina claramente su historia.

La Junta acordó felicitar á los referidos señores, y muy especialmente al Sr. Marqués de Camarasa, y que en cuanto reciba el informe que habían ofrecido los señores Ingenieros de Minas que fueron al Sáhara para hacer estudios y trabajos hidrológicos, y la Comisión de Aviación acerca de la determinación de los puntos estratégicos, la Real Sociedad llevará esas manifestaciones al Gobierno con sus aspiraciones, que seguramente coincidirán en su mayor parte con las consignadas en ese escrito por el Sr. Marqués de Camarasa.

La Sociedad, por unanimidad, á ruegos del Sr. Torroja, se suscribió como Socio de la *Internacional de estudios para la exploración de las regiones árticas en dirigible*, en Berlín. Y se adhirió á la Sociedad internacional de Fotogrametría de Viena.

Debiendo señalarse también la asistencia á la sesión del 28 de Noviembre de 1927 de los señores D. Eduardo L. Stevenson, el ilustre cartógrafo anglo-americano, y el sabio Director del Instituto de Coimbra Sr. Miranda da Costa Lobo, presentados por los Sres. Piña y Ascarza, cruzándose salutations afectuosas en que intervienen esos señores y el Sr. Presidente.

Y la del 9 de Enero de 1928, á que asistió el Embajador de Portugal Sr. Mello Barreto, pronunciándose con ese motivo discursos llenos de consideración para las personas y para los respectivos países por parte del Sr. Presidente y los Sres. Embajador de Portugal y Torroja.

Por lo que respecta á la Biblioteca de esta Real Sociedad, es preciso hacer constar que, dejando aparte las revistas, semanarios, folletos, las interesantes publicaciones por cambio con análogas Sociedades del extranjero y los libros adquiridos con los fondos que están destinados á este fin, la Biblioteca se ha nutrido con numerosas obras regaladas, entre las que voy á citar algunas :

Ejemplares del plano de Campo de Tiro y Maniobras de Carabanchel, y del Mapa de la zona del Protectorado en Marruecos, remitidos por el Coronel Director del Depósito de la Guerra.

Plano-guía de la ciudad de Oviedo, entregado á la Junta por el Sr. Díaz Valdepareas, del que es autor el Catedrático Sr. Méndez-Vigo.

El Sr. Marqués de Olivart, Catedrático de la Universidad, obsequió á la Sociedad con un ejemplar de la obra de que es autor, «Derecho internacional Público», en que revela este Vocal de la Junta su natural competencia en estos asuntos.

El Sr. Fernández Ascarza, no sólo ha entregado un ejemplar de su obra «El Astrolabio de prisma», sino que ha donado un ejemplar á cada uno de los Vocales de la Junta Directiva, figurando en el BOLETÍN el competentísimo informe, en que el Sr. López Soler demuestra el interés y la importancia de su publicación, que conceptúa de gran utilidad.

El Profesor L. Fóscolo Benedetto, de la Universidad de Firenze, envió un ejemplar de la edición crítica del «Milione, de Marco Polo».

D. Ignacio Patac remite dos ejemplares de la conferencia acerca de la *Meseta ibérica* (estudio sintético para conocer los mares carboníferos).

La Dirección de Colonias nos envía «El Album de la guerra del Riff», de Henri Clarisse.

D. Francisco de las Barras de Aragón remite «Notas para un concurso de antropología», de gran valor científico.

D. Emilio Zurano, su folleto «Hagamos Patria», producto de su experiencia y su amor hacia España.

El Sr. Villanueva envía su obra sobre Geografía Militar, entregada por el Sr. Novo, que hizo un cumplido elogio de ese libro, señalando su interés.

D. Julio Guillén, el distinguido historiador marino, Oficial brillante de la Armada, hace entrega de su magnífico libro, por el texto y el lujo de su impresión y los dibujos originales del autor, «La Carabela Santa María», en el que pone de relieve sus conocimientos de historia y construcción naval, y su arte y su buen gusto.

Y terminando aquí la relación de libros con que la Sociedad fué obsequiada, hemos de dar la grata nueva de que nuestro Secretario general, el ilustre Sr. Beltrán y Rózpide, ha ofrecido que se terminará en breve la descripción y los mapas de la Serranía de Cuenca, que se están confeccionando en el Seminario de Geografía Económica de España, que funciona en la Escuela de Estudios Superiores del Magisterio, y que una vez terminados los entregará á la Sociedad, por si estima oportuno publicarlo.

La Comisión de Corresponsales holandeses de esta Sociedad Geográfica ha enviado por su conducto un artístico plato de porcelana de Delft á S. M. el Rey, con el fin de unirlo al homenaje con que se conmemoró el 25.º aniversario de su mayor edad y como testimonio de admiración.

En ese plato, hermosísimo, aparece el retrato de Su Majestad el Rey con el uniforme de Almirante de diario, rodeado de una corona formada con hojas de naranjo (por Orange-Holanda) y frutos del granado (por España). Debajo, una banderola sirve para que en ella consten el nombre del Rey y las fechas que la alegoría conmemora,

completando el cuadro flores con las armas de España, luciendo sobre las de Amsterdam, Rotterdam y La Haya, ciudades en que residen los señores que rinden al Rey ese tributo de admiración.

El plato fué remitido á S. M. por conducto de su Mayordomo Mayor, Sr. Duque de Miranda, que de Real orden comunica á la Sociedad el agrado con que ha sido recibido el obsequio por el Monarca, en términos de la mayor cortesía y atención para la Sociedad y los Corresponsales de la misma en Holanda, acordando la Junta se diese copia de la misma al Sr. Wattel, para que lo trasladara á sus compañeros de comisión.

Ha concedido la Sociedad como premio—á petición del primer Congreso español de Cinematografía—la Medalla de la misma, que se acuñó en 1926 para conmemorar el cincuentenario de su fundación, que se entregará á la mejor película sobre asunto español.

Se ha adquirido, y lo anoto por la importancia que tiene esa obra, el «Catálogo Monumental y Artístico de España», para lo que fué invitada por Centros Superiores.

Completan los trabajos de la Sociedad las publicaciones del BOLETÍN, de las cuales sólo mencionaré en este breve extracto las principales:

«Estudio del territorio de Ifní», por el Sr. Beltrán y Rózpide.

«El Diario de la expedición al Pacífico realizada por varios naturalistas españoles de 1862 á 1865», redactado por D. Marcos Jiménez de la Espada, y dada á la publicidad por el P. Agustino Barreiro, de la Academia de Ciencias y de esta Sociedad Geográfica.

Varios asuntos que constituyen la Crónica geográfica de actualidad, por los Sres. Beltrán y Vera.

Los estudios sobre hidrografía de la Península ibérica, iniciados en los de la cuenca del Guadalquivir, por el Sr. Revenga y Carbonell.

«La Asamblea Geodésica y Geofísica de Praga», por el Sr. Ascarza.

«La evolución hidrográfica subterránea y estudios de la cuenca del Ebro», por el Sr. García Sáinz.

No molesto más.

La brevísima mención que acabo de hacer de los trabajos realizados por la Sociedad Geográfica durante este último año, pone de relieve no sólo la importancia de su labor, sino la alta consideración de que disfruta en el mundo científico y especialmente entre las Sociedades y Academias de Geografía, que en todo momento y circunstancias la reservaron un lugar escogido, señalando de ese modo cómo su actuación es estimada.

El convencimiento que adquirieron aquellos Delegados extranjeros—que nos honraron asistiendo á las fiestas del cincuentenario de la Sociedad—de la extraordinaria labor realizada en ese período de formación, así como de la intensidad, de la originalidad y la diversidad de temas, estudiados con la mayor competencia por los miembros de la Geográfica, dentro de la más plausible modestia, ha sido causa, seguramente, de que se siga con el mayor interés la actuación de nuestra Sociedad, y á ello ha contribuído también la altura científica de nuestros Delegados y Representantes, que han sabido merecer los puestos más señalados en los Congresos á que asistieron.

Todo ello debe llegar á conocimiento del Gobierno de Su Majestad, que es el llamado á anotar la consideración que van ganando los españoles en todas las actividades, sean del orden que fueran, y más especialmente en las intelectuales; siendo quizá la más digna de atención y la más necesitada de auxilio por parte de los Poderes públicos la que alcanza esta Sociedad Geográfica merced á su laboriosidad; porque sus disciplinas tienen la mayor trascendencia, ya que son de interés mundial, y se exhiben, discuten y comentan en Congresos y Asambleas internacionales, donde se aquilatan los valores científicos de las naciones, por los aciertos de los miembros que integran estas Sociedades y van reflejados en los trabajos que presentan los que asisten á esas reuniones,

para que unos y otros conozcan los trabajos realizados.

Sociedad esta que tiene que luchar de continuo con la escasez de recursos y otras dificultades, que le impiden, á las veces, intervenir más activa y más brillantemente en problemas quizá mejor estudiados y preparados aquí que en otros países; pero que por esas dificultades se da ocasión á que otros se lleven las palmas que siempre se otorgan á los que primero estudian esos arduos problemas que, al resolverlos, marcan jalones indispensables para los avances de la Ciencia.

ACTAS DE LAS SESIONES

CELEBRADAS POR LA SOCIEDAD Y SU JUNTA DIRECTIVA

JUNTA DIRECTIVA

Sesión del 7 de Mayo de 1928.

Presidencia del Sr. Altolaquirre.

Abierta la sesión á las diez y siete horas y cuarenta y cinco minutos, con asistencia de los Sres. García Alonso, Caballero de Puga, Marqués de Olivart, López Soler, Gómez Núñez, Piña, Bauer, Novo, Hernández Pacheco, Cebrián, Herrera, Vera, Asúa y Beltrán, se leyó y fué aprobada el acta de la anterior.

Se leyeron comunicaciones:

De la Excm. Sra. Marquesa de Aldama y Marquesa Viuda de Seoane, agradeciendo el pésame que le había dirigido la Sociedad por la muerte de su señor esposo el Marqués de Seoane.

Del Sr. Delegado en París de los ferrocarriles federales de Austria, participando que había inscrito á esta Real Sociedad Geográfica, á título gracioso, en la lista de suscriptores á la revista *Autriche*, y ofreciendo enviar también ejemplares á alguna otra institución de Madrid que pudiera tener interés en poseerlos. Se agradeció mucho la atención.

Del Comité Ejecutivo del primer Congreso español de Cinematografía, solicitando donativo de un premio para el concurso de películas, premio que puede no tener valor material alguno, un diploma, una tarjeta, una medalla, un objeto cualquiera, pero que siempre revestiría el significado espiritual de contribuir al

afianzamiento y prestigio del séptimo arte en España. Se acordó ofrecer con el objeto indicado la Medalla de la Sociedad que se acuñó en 1926 con motivo del Cincuentenario de la fundación de aquélla, acompañada del Diploma correspondiente. También se decidió manifestar á la Comisión organizadora del concurso el gusto con que la Sociedad vería que su Medalla se otorgase á la mejor película sobre asunto geográfico español.

El Sr. Asúa manifestó que se había hecho ya cargo de la Tesorería de la Sociedad, y con este motivo reiteró su gratitud á la Junta.

A propuesta del Sr. Presidente interino de la Sociedad, que transmitió el Secretario general por no haber podido aquél concurrir á esta Junta, se designó al Sr. Torroja para representar á la Corporación, con el Sr. D. Rafael de Buen, ya nombrado, en las fiestas del Centenario de la fundación de la Sociedad Geográfica de Berlín. Con este motivo se trató del procedimiento que en lo sucesivo debía adoptarse para la designación de representantes de la Sociedad en Congresos nacionales y extranjeros, y se convino en dejar la iniciativa al Sr. Presidente de la Sociedad para que, previa consulta con otros Sres. Socios, si así lo juzgare oportuno, hiciese la designación, procurando siempre que el elegido se hubiera distinguido muy especial y preferentemente en los trabajos y estudios propios del respectivo Congreso.

Se trató después de los trabajos que estaban en preparación para formar el Catálogo de las publicaciones geográficas españolas en los años transcurridos del presente siglo. Los Sres. Hernández Pacheco, García Alonso, Díaz Valdeparés, Vera y Beltrán dieron noticia de lo que se había hecho en las respectivas Secciones; el Sr. Novo presentó gran número de papeletas para la Sección de Geología y Geografía física; el Sr. Beltrán anunció que la Sección de Enseñanza de la Geografía había redactado un breve resumen de algunas de las obras dedicadas á esta memoria, y el Sr. Hernández Pacheco advirtió que como la bibliografía de Geología y Geografía física habría de comprender gran número de obras, estudios, artículos, etc., sería de todo punto imposible tener el trabajo dispuesto para antes de 1.º de Junio próximo, último día del plazo señalado para enviar las comunicaciones á la Comisión or-

ganizadora del Congreso internacional de Geografía de Cambridge, por lo cual creía conveniente aplazar el trabajo para el inmediato Congreso, limitándonos en éste á dar sucinta idea de lo que se proponía la Sociedad que fuera el Catálogo. En el mismo sentido se expresaron los demás señores socios que forman las Comisiones, indicando el Sr. Hernández Pacheco la necesidad de constituir otra Comisión de conjunto encargada de unificar y ordenar las aportaciones de cada Sección.

La Junta, de conformidad con los pareceres expuestos, acordó someter el asunto á la deliberación de la Sociedad en la próxima Reunión ordinaria, y además, por iniciativa del Sr. García Alonso, encomendó á las Secciones la redacción de breves notas de lo que habría de ser el contenido del respectivo capítulo del Catálogo, para que la Secretaría, con dichas notas a la vista, pudiera á su vez redactar la comunicación en que la Sociedad diese conocimiento al Congreso de Cambridge del proyecto de Catálogo ó Índice metódico de los trabajos y publicaciones geográficos hechos en España desde 1.º de Enero de 1901 hasta el día en que aquél se terminase.

El Sr. Díaz Valdeparez hizo saber que el Gobierno de S. M. había premiado con la Gran Cruz de Beneficencia al Sr. Asúa por la meritísima labor que desinteresadamente viene realizando en pro de los desvalidos y especialmente de los mutilados de la guerra. La Junta, á propuesta de la Presidencia, felicitó efusivamente al Sr. Asúa por tan alta y merecida distinción. El Sr. Asúa pronunció sentidas y modestas frases de gratitud a sus compañeros.

Y se levantó la sesión. Eran las diez y ocho horas y treinta minutos.

REUNIÓN ORDINARIA

Sesión del 14 de Mayo de 1928.

Presidencia del Sr. Suárez Inclán.

Abierta la sesión á las diez y siete horas y cuarenta minutos, se leyó y fué aprobada el acta de la anterior.

Excusó su falta de asistencia por ocupaciones ineludibles á la misma hora el Rvdo. P. Ricardo Cirera.

Ingresaron en la Sociedad los Sres. D. Sabas de Alfaro, Teniente Coronel de Estado Mayor, presentado por el Sr. Suárez Inclán; D. Juan San Emeterio Ruiz, Catedrático de Geografía en el Instituto de Castellón, presentado por el Sr. Vergara; don Ernesto de Cañedo-Argüelles, Ingeniero de Montes y Geógrafo, presentado por el Sr. Castillo, y la Señorita Jimena de Quirós, Doctora en Ciencias naturales, presentada por el Sr. Vera.

Fueron nombrados Socios Corresponsales el Ilmo. Sr. D. Aurelio de Llano y Roza de Ampudia, de Oviedo, á propuesta de los señores Díaz Valdeparea, Castillo y López Soler, y los señores Ch. A. J. Boutmy, J. L. M. Borremans, Th. J. de Groen, J. M. Meertens, G. A. Rengers Horc Siccama y M. J. W. J. Byleveld, todos de La Haya, propuestos por los Sres. Wattel, Beltrán y Castillo.

De conformidad con lo dispuesto en el artículo 14 de los Estatutos, fué nombrado Vocal nato de la Junta Directiva de la Sociedad el Sr. Director general de Pesca.

Acto seguido se entró en la orden del día, y por indicación del Sr. Presidente leyó el Secretario el acuerdo que se tomó en la última sesión de la Junta Directiva, acuerdo referente al aplazamiento de los trabajos destinados al Congreso internacional de Geografía.

La Sociedad, después de oír algunas aclaraciones que hicieron los Sres. García Alonso, Díaz Valdeparea, Beltrán y el Sr. Presidente, hizo suyo el acuerdo de la Junta Directiva, dispuso que se celebrase Reunión ordinaria el próximo lunes, rogando á los Presidentes de las Secciones del Catálogo que en dicho día procurasen poner á disposición de la Secretaría la breve nota correspondiente para que se pudiera redactar la comunicación que debía enviarse á Cambridge, y resolvió también, á propuesta del señor García Alonso, que se organizase un servicio con el personal suficiente y remunerado para la copia y ordenación de las papeletas con que había de formarse el Catálogo antes de la reunión del Congreso internacional de Geografía inmediatamente posterior al que ahora va á celebrarse en Cambridge. El Bibliotecario

Sr. Vera recibió y aceptó el encargo de formar el proyecto de organización del mencionado servicio.

Con este motivo, y á propuesta del Sr. Gómez Núñez, acordó la Sociedad hacer las gestiones previas necesarias para que el citado próximo Congreso se reuniera en Madrid.

El Sr. Arévalo puso en conocimiento de la Sociedad que para una obra de carácter internacional estaba reuniendo datos bibliográficos referentes á la hidrobiología terrestre de España, y como este trabajo se relacionaba con el que iba á hacer la Sociedad con destino al Congreso de Geografía, ofrecía su concurso y solicitaba el de aquélla, puesto que á fines muy análogos tendían unos y otros. El Sr. Díaz Valdepires consideró que debía acogerse con aplauso la iniciativa del Sr. Arévalo, si bien la relacionaba más con los trabajos de la Comisión de Bibliografía general, constituida por el mismo Sr. Díaz Valdepires y los Sres. Vera y Marqués de Selva Alegre. Así opinó también la Sociedad, y el señor Presidente, agradeciendo mucho el concurso que ofrecía el señor Arévalo, le rogó que se incorporase a la mencionada Comisión.

Y se levantó la sesión. Eran las diez y ocho horas y cincuenta minutos.

REUNIÓN ORDINARIA

Sesión del 21 de Mayo de 1928.

Presidencia del Sr. Suárez Inclán.

Abierta la sesión á las diez y siete horas y cuarenta y cinco minutos, se leyó y fué aprobada el acta de la anterior.

Advirtió el Sr. Presidente que esta Reunión tenía por objeto completar el resumen de datos que debía remitirse con toda urgencia á la Comisión organizadora del Congreso de Geografía de Cambridge, exponiendo el plan del trabajo que hacía la Sociedad acerca de los progresos de la Geografía en España durante el presente siglo; trabajo que se preparaba para el inmediato Congreso internacional, según acuerdo tomado en anterior sesión.

El Sr. Vera presentó el resumen del plan á que debía adaptarse la Sección de Geografía histórica é Historia de la Geografía, y el Secretario general dijo que también se había recibido los

resúmenes de las demás Secciones, y que con ellos á la vista redactaría y enviaría á su destino la correspondiente comunicación para que se hallen á disposición del Comité organizador del Congreso antes del 1.º de Junio próximo.

Manifestó después el Sr. Presidente que procedía designar representante oficial de la Sociedad en el mencionado Congreso, y á propuesta suya fué nombrado el Vocal de la Junta Directiva Excmo. Sr. D. Severo Gómez Núñez.

Y no habiendo más asuntos de que tratar se levantó la sesión. Eran las diez y ocho horas y veinte minutos.

JUNTA DIRECTIVA

Sesión del 28 de Mayo de 1928.

Presidencia del Sr. Suárez Inclán.

Abierta la sesión á las diez y siete horas y cincuenta minutos, con asistencia de los Sres. Altolaguirre, García Alonso, Díaz Valdepares, Marqués de Olivart, López Soler, Gómez Núñez, Bauer, Vera, Asúa y Beltrán, se leyó y fué aprobada el acta de la anterior.

Se leyeron comunicaciones:

Del Socio Vitalicio D. Manuel López Belenguer, presentando con igual carácter de vitalicios á los Sres. D. Pedro Casciaro Parodi, Catedrático de Geografía del Instituto Nacional de Segunda Enseñanza de Albacete, y al Licenciado D. Joaquín Sánchez Jiménez, residente en la misma ciudad, y uno y otro Correspondientes de la Real Academia de la Historia. Anunciaba además en su carta que por giro telegráfico remitía el importe de las cuotas vitalicia y de entrada de ambos citados señores. Manifestó la Secretaría que se había recibido el mencionado giro y anunció el Sr. Presidente que se formalizaría la admisión de ambos nuevos Socios en la primera Reunión ó Junta general ordinaria que se celebre, de conformidad con lo dispuesto por el artículo 8.º de los Estatutos.

Del Sr. Vicepresidente del Consejo Superior de Aeronáutica, enviando dos invitaciones al octavo Congreso jurídico internacional de Aviación. Rogaba además al Sr. Presidente que se sirviera devolver los correspondientes boletines, debidamente llena-

des por las personas de esta Sociedad que se adhiriesen al mismo. Posteriormente se habían recibido tres invitaciones á la solemne sesión de apertura de dicho Congreso, que tendrá lugar en el Palacio del Senado el día 29 del corriente á las once de la mañana. Manifestó el Sr. Presidente que él mismo y el Sr. Díaz Valdeparez habían suscrito los *boletines*, y puso á disposición de los Sres. Vocales de la Junta las invitaciones para la sesión de apertura del Congreso.

Del Sr. Torroja, agradeciendo su nombramiento de Delegado de esta Real Sociedad en las fiestas del Centenario de la de Berlín, á las que ha sido personalmente invitado y se propone asistir.

Del Sr. Director del Depósito de la Guerra, remitiendo nuevas hojas del Mapa de Marruecos en escala de 1:50.000, que viene editando dicho Centro.

Del Centro Comercial Hispanomarroquí de Madrid, participando que en el concurso abierto por los Centros hispanomarroquíes figura el siguiente tema: *Geografía de la Zona de Marruecos*. También hay otros dos relativos, respectivamente, á una *Historia de la acción de España en Marruecos desde 1904 á 1927* y á las *Artes y Oficios de los indígenas*. Teniendo en cuenta la alta significación que reviste en todo lo geográfico esta Real Sociedad, el Delegado general de los mencionados Centros ruega al señor Presidente de la Sociedad que se sirva designar un miembro de la misma para formar parte del Jurado calificador. A propuesta del Sr. Altolaguirre fué designado el Sr. Díaz Valdeparez, que se sirvió aceptar el encargo.

El Sr. Vera dió noticia de las fiestas y solemnidades con que se había celebrado en la ciudad de Tampa (Florida) el cuarto centenario del desembarco de Pánfilo de Narváez. Se oyeron con el mayor agrado las referencias que hizo el Sr. Vera de los informes publicados por la prensa de aquella ciudad, donde residen algunos millares de españoles, y el Sr. Presidente le encargó que hiciera una traducción de dichas noticias para publicarlas en el *BOLETÍN* de la Sociedad.

Se presentó un ejemplar de la obra del nuevo Socio Corresponsal en Oviedo Sr. D. Aurelio de Llano Roza de Ampudia, titulada «Bellezas de Asturias», y publicada por la Exema. Dipu-

tación provincial de Oviedo, que había remitido dicho ejemplar. Se recibió este libro con el mayor aprecio y gratitud.

Se acordó, por último, convocar á Junta general ordinaria para el lunes 18 del próximo mes de Junio.

Y se levantó la sesión. Eran las diez y ocho horas y veinte minutos.

JUNTA DIRECTIVA

Sesión del 4 de Junio de 1928.

Presidencia del Sr. Suárez Inclán.

Abierta la sesión á las diez y siete horas y cuarenta y cinco minutos, con asistencia de los Sres. Altolaguirre, Díaz Valdeparres, Marqués de Olivart, López Soler, Palomo, Castillo, Piña, Bauer, Hernández Pacheco, Vera, Tur, Asúa y Beltrán, se leyó y fué aprobada el acta de la anterior.

El Sr. Presidente dió cuenta de la participación que tanto él como el Sr. Díaz Valdeparres habían tomado en los actos del Congreso jurídico de Aviación, en el que llevaron la representación de esta Real Sociedad.

El Sr. Hernández Pacheco presentó un ejemplar del libro titulado «Los cinco ríos principales de España y sus terrazas», escrito como Memoria para el Congreso internacional de Geografía de Cambridge, cuya Comisión de Terrazas pliocenas y pleitocenas preside por delegación del Comité español de la Unión geográfica internacional. El autor dió breves explicaciones del objeto y contenido de su obra explicaciones que la Junta oyó con gran interés y satisfacción, felicitando al Sr. Hernández Pacheco y felicitándose á sí misma, porque, según dijo el Sr. Presidente, el trabajo de aquél demostraba una vez más el acierto con que había procedido esta Junta, en funciones del Comité de la Unión, proponiéndole para presidir la Comisión internacional de Terrazas.

Confirmáronse los acuerdos ya tomados respecto á las tareas que deben ir haciendo las Comisiones encargadas de formar el índice metódico de trabajos geográficos hechos en España durante el siglo XIX.

A petición del Sr. Díaz Valdeparres, el Sr. López Soler, como Secretario general del Comité nacional de la Unión geográfica,

dio noticia de las gestiones que se estaban haciendo para facilitar la concurrencia al Congreso de Cambridge de los representantes de dicho Comité.

El Sr. Díaz Valdeparez, en nombre del autor Sr. D. Gregorio Granados, presentó un ejemplar de las obras tituladas «El Territorio de Río Benito, en la Guinea continental española» y «Crónicas africanas». El Sr. Presidente hizo constar el gran aprecio con que se recibían las nuevas publicaciones de uno de sus más antiguos socios, cuya firma había honrado con frecuencia las páginas del BOLETÍN de la Sociedad.

Por último, se leyó carta del Sr. Torroja, escrita desde Berlín, no para dar cuenta al Sr. Presidente de las fiestas del Centenario de la Sociedad Geográfica de aquella capital, á las que estaba asistiendo, y que ello corresponde—según decía—á D. Rafael de Buen, como socio más antiguo de los que representaban á la Sociedad de Madrid, sino para que ésta pudiera saber que el Presidente de la de Berlín, Profesor Penck, al entregar al Sr. Torroja el diploma de Socio Honorario, que algún tiempo antes se le había otorgado á la vez que á algunos otros exploradores y geógrafos de diversos países, le encargó que hiciera constar que la única Medalla que ostentaba era, como prueba de especial aprecio, la que hace un año se le envió al nombrarle Socio Honorario de esta Real Sociedad Geográfica.

La llevaban también, aunque no con exclusividad, el Presidente de Honor Profesor Hellmann y el Vicepresidente Profesor Kohlschütten. La Junta oyó con viva satisfacción estas noticias, agradeció mucho las pruebas de deferencia con que distinguían á los geógrafos españoles sus colegas de Alemania y, á propuesta del Sr. Presidente, pidió que se consignase en acta efusiva felicitación al Sr. Torroja por su nombramiento de Socio Honorario de la Geográfica de Berlín, el primer geógrafo español que obtiene esta alta distinción después del Sr. Coello (D. Francisco), años hace fallecido.

Y acto seguido se levantó la sesión. Eran las diez y ocho horas y treinta y cinco minutos.

NOTICIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bases para el estudio de la Geografía militar, por LUIS VILLANUEVA LÓPEZ-MORENO.—Madrid, 1925.—Un volumen en 4.º de 176 páginas.

Consta esta obra de ocho capítulos. En el 1.º se explica el concepto de la moderna Geografía y su estado actual, especialmente en España, y se hacen consideraciones acerca de los factores geográficos, la interpretación geográfica y el método.

Con el capítulo 2.º se entra ya en la Geografía militar, que se va desarrollando en los siguientes dedicados al estudio de los factores físico, humano y militar en los correspondientes capítulos, entre los que se intercalan los relativos á la utilidad de los conocimientos geológicos y relaciones entre la estrategia y la geología, y á los problemas político-geográficos.

Bajo el epígrafe general de «El factor militar» se trata del ejército, la fortificación, las costas, las fronteras, las vías de comunicación y los objetivos geográficos, y termina la excelente obra del Sr. Villanueva con el capítulo de «Trabajos geográficos militares», en el que se exponen acertados juicios acerca de la evaluación de la potencialidad de un país y de los reconocimientos geográfico-militares.

Alpinismo navarro (Guía del Montañero). Montes, picos y collados. Sesenta excursiones por el Pirineo, por el Capitán D'ORHY de la F. V. N. A., ó sea Federación Vasco-navarra de Alpinismo).—Pamplona, 1928.—Un volumen en 8.º menor de 160 páginas.

El enunciado de los títulos de esta útil y curiosa obrita indica ya el contenido de la misma. Previa una introducción acerca del

objeto de la Guía, se exponen algunas generalidades necesarias para el montañero en Navarra, se hacen consideraciones acerca de los pasos y puertos de la frontera y el Pirineo, carreteras, caminos y sendas que los atraviesa y lugares que ponen en comunicación y siguen itinerarios por orden alfabético con datos de las localidades que sirven de base á las excursiones.

Crónicas africanas. (Recopilación de éstas y otras diferentes ya publicadas), por GREGORIO GRANADOS.—1928.—Un volumen en 8.º de 108 páginas.

Entre los importantes asuntos que se estudian en esta obra figuran los problemas coloniales africanos de la postguerra, el viaje á España del Presidente de la República de Liberia y el problema de la mano de obra en Fernando Póo, el Imperio colonial Belga, varias impresiones de viajes y consideraciones acerca de la significación y valor que para España tienen las colonias ó posesiones de Guinea.

El Derecho internacional público en los últimos veinticinco años (1903-1927), por el MARQUÉS DE OLIVART.—Madrid, 1927.—Tomo I en dos volúmenes de XXIV-543 y 834 páginas, respectivamente.

Esta obra del docto maestro de Derecho internacional debe figurar en una Bibliografía geográfica por el alto interés que ofrece su capítulo IV, último del tomo, precisamente desde el punto de vista geográfico-político. En efecto, se estudia en él la Vida común de las Naciones; sus intereses políticos, humanos y económicos y la vida de relación, y por consiguiente, los Institutos y obras internacionales que centralizan las estadísticas de agricultura y nos permiten hacer el estudio comparativo del valor agrícola de continentes y naciones; los progresos de la Geología en relación con los terremotos, esto es, los modernos estudios seis-

mológicos, las relaciones comerciales, y especialmente las de España, y las estadísticas del comercio exterior, y por último, las grandes Uniones internacionales, correos, telégrafos, teléfonos, ferrocarriles transpirenaicos, etc., etc.

Ministerio de Trabajo, Comercio é Industria.—Servicio general de Estadística.—*Anuario Estadístico de España*.—Año XII-1925-26.—Madrid, 1927.—Un volumen en 4.º mayor de 689 páginas.

- Comprende el Anuario los siguientes capítulos y secciones:
- I.—Territorio.— Situación geográfica, Climatología.— Extensión superficial.
 - II.—Población.—Censo de población, Movimiento de población, Movimiento de pasajeros por mar.
 - III.—Producción, Consumo y Cambio.—Agricultura, Industria, Comercio y Navegación, Instituciones de contratación y crédito y Sociedades anónimas, Riqueza mobiliaria é inmueble, Precios y Consumo.
 - IV.—Política y Administración.— Política, Hacienda, Justicia, Ejército y Armada, Comunicaciones.
 - V.—Economía Social.— Movimiento obrero, Previsión, ahorro y mutualidad.
 - VI.—Cultura.—Instrucción pública.
 - VII.—Beneficencia, Higiene y Sanidad.
 - VIII.—Culto y Clero.
 - IX.—Confrontación internacional.—Superficie y población, Producción, Comercio y Navegación, Estadística económica y financiera, Comunicaciones, Movimiento de precios por mayor y menor de diversos países, Trabajo y Estadística de paro en las organizaciones obreras.

Termina el Anuario con una bibliografía de obras de Estadística publicadas por la Dirección general del Instituto Geográfico y Estadístico y la Dirección general, la Jefatura Superior y el Servicio general de Estadística.

R. B.

Los aborígenes del Occidente de Venezuela. Su historia, etnografía y afinidades lingüísticas, por ALFREDO JAHN.—Caracas, 1927.—419 páginas, un mapa y 33 fotograbados.

Después de estudiar la población precolombina del lago de Maracaibo, se ocupa Alfredo Jahn, en su nuevo libro, de los indios motilones, de los guajiros y paraujanos, de los caquetíos y achaguas, de los indios ayomanes, jirajaras y gayones, y de los aborígenes de la cordillera de los Andes venezolanos. En la segunda parte del voluminoso trabajo, recoge vocabularios curiosísimos de las lenguas Motilón, Ayomán, Timote, Jirajara y otras varias, comparando formas de unas y de otras, y terminando con una tabla comparativa de los dialectos andinos de Venezuela con el Chibcha.

El mapa publicado al final señala la población aborígen de la conquista y está á escala 1:2.000.000.

El Observatorio del Ebro. Idea general sobre el mismo, por el Subdirector PADRE IGNACIO PUIG, S. J.—188 páginas y 130 fotograbados.

Para dar cuenta de las importantes tareas y notables experiencias llevadas á cabo en el Observatorio del Ebro, ha publicado el Padre Puig este volumen, en el que se detallan la situación del Observatorio, su fundación, su fin y su organización actual.

Ocupan el resto de los capítulos de la obra, las reseñas de las investigaciones practicadas en las secciones de Geofísica (registros de terremotos, magnetismo terrestre, corrientes telúricas); electro meteorológica (radiación solar, movimientos de la atmósfera, fenómenos acuosos, electricidad atmosférica) y heliofísica (constitución del sol, manchas y féculas, nubes de calcio, etc.)

Buena parte del libro está dedicada á relatar la que pudiéramos llamar obra externa del Observatorio: publicaciones, colaboración prestada á organizaciones extranjeras, visitas importantes, etcétera.

Gráficamente, el libro reseña los principales aparatos de que dispone el Observatorio, sus pabellones y dependencias, informando al lector de los principales acontecimientos relacionados con dicho Centro intelectual.

A. DE LAS C.

Arktis.—Es la nueva Revista trimestral de la «Sociedad internacional de Estudios para la exploración de las regiones árticas por medio de aeronave», y ha empezado á publicarse este año bajo la dirección del Sr. Fridtjof Nansen, que en la introducción explica las razones que han motivado la creación de esta Revista, dedicada á la ciencia ártica, y sobre todo la parte que se refiere á la exploración de las regiones árticas por medio de aeronaves. Ante todo, *Arktis* ha de procurar la continuidad de las expediciones árticas que deben ejercer algo así como una vigilancia no interrumpida de aquellas tierras y mares.

Entre los artículos de la *Revista*, escritos en varios idiomas, hay uno del Sr. Penck que trata del dirigible ó aeronave y del avión como valiosos medios de la exploración ártica, que hacen factibles investigaciones que antes no podían llevarse á cabo ó que ofrecían enormes obstáculos. La aeronave y el avión se completan el uno al otro. Sin embargo, la exploración de las regiones árticas supera las fuerzas de una sola nación, y es necesaria una verdadera colaboración internacional, estableciendo cada nación un plan especial de investigación.

El ruso Sr. Samoilovich hace detallada relación de las exploraciones en Nueva Zembla y en el mar de Barents, llevadas á cabo en 1921 por el «Instituto para la exploración del Norte», y el Sr. Gain, de París, escribe sobre «El mundo que vive en la Antártida».

El Sr. Toimechoff, de Pittsburg, expone «Observaciones sobre la exploración de la Eurasia ártica», ó sea la parte del viejo continente situada al N. del Círculo Polar. El grado de exploración de estas tierras difiere mucho entre unos y otros, pero en general se puede decir que aún queda mucho por investigar. El articulista no se propone trazar un programa completo

de exploración, sino solo señalar algunos problemas de interés especial.

El Sr. Sverdrup, de Bergen, presenta un plan de trabajo, dotación de personal y equipo de una estación de observación científica sobre el hielo flotante en el interior de las regiones árticas, fijándose principalmente en algunas cuestiones que deben ser examinadas desde el punto de vista científico y resueltas antes de empezar una empresa de importancia.

El mismo Sr. Nansen presenta é ilustra con tres dibujos un proyecto de tienda de lona cubierta de nieve, para estaciones polares.

El Sr. Boykow, de Berlín, estudia los métodos para averiguar la fuerza y dirección del viento que obra sobre las aeronaves, y llama la atención sobre la gran importancia que tiene el fenómeno de la deriva para la navegación aérea. La deriva debe estar constantemente vigilada, ya que sin ello no es posible determinar el rumbo exacto de la aeronave.

Otros artículos tratan de la necesidad de un periódico especial que se ocupe en asuntos de exploración polar y haga la reseña histórica de todos los viajes é investigación que hoy se van realizando; de los programas de trabajo de la aeronáutica; de la organización de la Sociedad de estudios para estas exploraciones, etcétera, etc.

R. P.
